ROBIN WILLIAMS

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

Novelização de N.H. Kleinbaum
Baseado no filme de Tom Schulman



N.H. Kleinbaum

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

São Paulo
2025

EXCELSIOR
BOOK ONE

Dead Poets Society (1988)

Copyright © 1989 by Touchstone Pictures. Based on the motion picture by Touchstone Pictures. Produced by Steven Haft, Paul Junger Witt, Tony Thomas. Based on the motion picture written by Tom Schulman. Directed by Peter Weir. Originally Published in the United States and Canada as *DEAD POETS SOCIETY* by N. H. Kleinbaum. Reprinted by permission of Disney Enterprises, Inc. All rights reserved. This translated edition published by arrangement with Buena Vista Books, Inc.

Tradução © 2025 by Book One
Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

COORDENADORA EDITORIAL
Francine C. Silva

PRODUTORA EDITORIAL
Caroline David

TRADUÇÃO
Rafael Bisoffi

PREPARAÇÃO
Talita Grass

REVISÃO
Silvia Yumi FK

Vanessa Omura
Caroline David

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Francine C. Silva

DIAGRAMAÇÃO
Bárbara Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K72s Kleinbaum, N. H.
Sociedade dos poetas mortos [livro eletrônico] / N. H.

Kleinbaum ; tradução de Rafael Bisoffi. — São Paulo : Excelsior, 2025.
168 p. ; ePUB

ISBN 978-65-85849-96-8 (e-book)
Título original: *Dead Poets Society*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Bisoffi, Rafael

24-5442 CDD 813

Este livro contém trechos com representações estereotipadas de culturas indígenas, africanas e afro-americanas. Apesar desses trechos representarem com precisão a perspectiva da classe média branca estadunidense dos anos 1950, eles não representam, de forma alguma, as concepções e opiniões deste grupo editorial.



Capítulo 1

Dentro da capela de pedra da Welton Academy, uma escola particular aninhada nas colinas remotas de Vermont, mais de trezentos meninos, todos vestindo o blazer da academia, sentavam-se em ambos os lados do longo corredor, cercados por pais de rosto orgulhoso, e esperavam. Eles ouviam as reverberações das gaitas de foles quando um homem baixo e idoso, envolto em vestes esvoaçantes, acendeu uma vela e tomou a frente em uma procissão de estudantes com faixas, professores togados e ex-alunos, seguindo por um longo corredor de ardósia até a venerável capela. Os quatro meninos que carregavam as faixas marchavam em passos solenes para o estrado, seguidos lentamente pelos homens idosos, o último dos quais carregava com orgulho a vela acesa.

O diretor Gale Nolan, um homem robusto de sessenta e poucos anos, estava no púlpito assistindo com expectativa enquanto a procissão terminava.

— Senhoras e senhores… Rapazes... — proferiu ele em tom dramático, apontando para o homem com a vela. — A luz do conhecimento.

O público aplaudiu educadamente enquanto o cavalheiro mais velho avançava em passos lentos com a vela entre as mãos. O gaiteiro mexia as pernas, marchando no seu canto do estrado; os quatro que carregavam as faixas, as quais diziam “Tradição”, “Honra”, “Disciplina” e “Excelência”, baixaram-nas e foram sentar-se silenciosamente com o público.

O cavalheiro com a vela caminhou até a frente da plateia, onde os alunos mais jovens estavam sentados segurando velas apagadas. Lentamente, ele se inclinou para a frente, acendendo a vela do primeiro aluno no corredor.

— A luz do conhecimento deve ser passada do velho para o jovem — entoou o diretor Nolan em tom solene, enquanto cada menino acendia a vela do aluno sentado a seu lado. — Senhoras e senhores, ilustres ex-alunos, e estudantes… Este ano, 1959, marca o centésimo ano de existência da Welton Academy. Cem anos atrás, em 1859, quarenta e um meninos sentaram-se nesta sala e foram

recebidos com a mesma pergunta que é feita a vocês no início de cada semestre. — Nolan fez uma pausa dramática, seu olhar varrendo a sala cheia de rostos jovens intensos e assustados.

— Senhores — gritou ele —, quais são os quatro pilares?

O arrastar de pés quebrou o silêncio tenso enquanto os alunos passavam a ser o centro das atenções. Todd Anderson, de dezesseis anos, um dos poucos alunos que não usava o blazer da escola, hesitou quando os meninos ao seu redor se levantaram. Sua mãe o cutucou. Seu rosto estava contraído e infeliz, seus olhos sombrios de raiva. Ele observou em silêncio enquanto os meninos ao seu redor gritavam em uníssono: “Tradição! Honra! Disciplina! Excelência!”.

Nolan acenou com a cabeça e os meninos se sentaram. Quando o rangido das cadeiras diminuiu, um silêncio solene caiu sobre a capela.

— Em seu primeiro ano — berrou o diretor Nolan ao microfone —, a Welton Academy formou cinco alunos. — Ele fez uma pausa. — No ano passado, formamos cinquenta e um alunos e mais de 75% deles foram para escolas da Ivy League!

Uma salva de palmas encheu a sala quando os orgulhosos pais sentados ao lado de seus filhos parabenizaram os esforços de Nolan. Dois dos que carregaram as faixas, Knox Overstreet, de dezesseis anos, e seu amigo Charlie Dalton, juntaram-se aos aplausos. Ambos usavam blazers da Welton e, sentados entre os pais, personificavam a imagem da Ivy League. Knox tinha cabelo curto e encaracolado, sorriso extrovertido e uma constituição atlética. Charlie tinha uma aparência bonita e formal.

— Esse tipo de realização — continuou o diretor Nolan enquanto Knox e Charlie olhavam em volta para seus colegas de escola — é o resultado de uma dedicação fervorosa aos princípios ensinados aqui. É por isso que os pais têm enviado seus filhos para cá e é por isso que somos a melhor escola preparatória dos Estados Unidos. — Nolan fez uma pausa para os aplausos que se seguiram.

— Novos alunos — continuou ele, direcionando sua atenção para os meninos mais novos que se juntavam às fileiras da Welton Academy —, a chave para o seu sucesso está nos quatro pilares. Isso se aplica tanto a alunos da sétima série quanto a alunos transferidos. Todd Anderson se contorceu outra vez em sua cadeira ao ouvir a menção aos estudantes transferidos; seu rosto revelava seu constrangimento.

— Os quatro pilares são o lema desta escola e se tornarão as bases de sua vida. Candidato da Welton Society, Richard Cameron — chamou Nolan, e um dos meninos que carregara uma faixa se pôs de pé num salto.

— Sim, senhor! — gritou Cameron. Seu pai, sentado ao lado, sorria de orgulho.

— Cameron, o que é tradição?

— Tradição, sr. Nolan, é o amor pela escola, pelo país e pela família. Nossa tradição em Welton é ser o melhor!

— Muito bem, sr. Cameron.

— Candidato da Sociedade Welton, George Hopkins. O que é honra?

Cameron sentou-se rígido enquanto seu pai soltava um sorriso pretensioso.

— Honra é dignidade e cumprimento do dever! — respondeu o menino.

— Muito bem, sr. Hopkins. Candidato da Sociedade de Honra Knox Overstreet.

Knox, que também segurara uma faixa, levantou-se.

— Sim, senhor.

— O que é disciplina? — perguntou Nolan.

— Disciplina é respeito pelos pais, professores e pelo diretor. A disciplina vem de dentro.

— Obrigado, sr. Overstreet. Candidato da Sociedade de Honra Neil Perry.

Knox sentou-se, sorrindo. Seus pais, sentados um de cada lado, bateram em suas costas com encorajamento. Neil Perry levantou-se. O bolso do peito de seu blazer Welton estava coberto com um enorme conjunto de broches de honrarias. O jovem de dezesseis anos ficou em pé solenemente, olhando com intensidade para o diretor Nolan.

— Excelência, sr. Perry?

— A excelência é o resultado de muito trabalho — respondeu Perry em voz alta, com um tom monótono e rotineiro. — A excelência é a chave para todo o sucesso, na escola e em todos os lugares. — Ele se sentou e olhou diretamente para o estrado. Ao lado dele, seu pai, sem sorrir, estava com um olhar gélido e em silêncio, sem dar nenhuma atenção a seu filho.

— Senhores — continuou o diretor Nolan —, em Welton, vocês trabalharão mais do que jamais trabalharam na vida, e sua recompensa será o sucesso que todos nós esperamos de vocês. Devido à aposentadoria de nosso amado professor de inglês, sr. Portius, espero que vocês aproveitem esta oportunidade para conhecer seu substituto, o sr. John Keating, ele próprio um graduado com honras desta escola, que, nos últimos anos, tem ensinado na conceituada Chester School, em Londres.

O sr. Keating, que estava sentado com os outros membros do corpo docente, inclinou-se ligeiramente para a frente com a intenção de reconhecer sua apresentação. Com trinta e poucos anos, Keating, que tinha cabelos e olhos castanhos, era um homem de estatura mediana e aparência comum. Parecia ser respeitável e erudito, mas o pai de Neil Perry olhou para o novo professor de inglês com suspeita.

— Para concluir essas cerimônias de boas-vindas — disse Nolan —, gostaria de chamar ao púlpito o graduado vivo mais velho de Welton, o sr. Alexander Carmichael Jr., classe de 1886.

O público aplaudia de pé enquanto o octogenário arrogantemente dispensava ofertas de ajuda daqueles ao seu lado e se dirigia ao pódio com uma lentidão meticulosa. Ele murmurou algumas palavras que o público mal conseguia entender e, com isso, a cerimônia chegou ao fim. Os alunos e seus pais saíram da capela e foram para o terreno frio do campus.

Edifícios de pedra desgastados pelo tempo e uma tradição de austeridade isolavam Welton do mundo lá fora. Como um vigário do lado de fora da igreja no domingo, o diretor Nolan observava alunos e pais se despedirem.

A mãe de Charlie Dalton afastou o cabelo dos olhos do filho e o abraçou com força. O pai de Knox Overstreet deu um aperto afetuoso em seu filho enquanto caminhavam pelo campus e apontavam para os famosos pontos de referência. O pai de Neil Perry ficou rígido, ajustando os broches de honraria no paletó de seu filho. Todd Anderson ficou sozinho, tentando desenterrar uma pedra com o sapato. Seus pais estavam nas proximidades, conversando com outro casal, sem prestar atenção ao filho. Olhando para o chão, encabulado, Todd sobressaltou-se quando o diretor Nolan se aproximou e tentou dar uma olhada em seu crachá.

— Ah, sr. Anderson. Temos grandes expectativas para você, jovem. Seu irmão foi um dos nossos melhores.

— Obrigado, senhor — disse Todd, sem convicção.

Nolan seguiu em frente, passando por pais e alunos, cumprimentando-os e sorrindo o tempo todo. Ele parou quando alcançou o sr. Perry e Neil, e colocou a mão no ombro deste último.

— Estamos esperando grandes coisas de você, sr. Perry — declarou o diretor a Neil.

— Obrigado, sr. Nolan.

— Ele não vai nos decepcionar — confirmou o pai do menino a Nolan. — Certo, Neil?

— Farei o meu melhor, senhor.

Nolan deu um tapinha no ombro de Neil e seguiu em frente. Ele notou que o queixo de muitos dos meninos mais novos tremia e as lágrimas escorriam quando eles se despediam de seus pais, talvez pela primeira vez.

— Você vai adorar aqui — prometeu um pai, sorrindo e acenando enquanto se afastava rapidamente.

— Não seja um bebê — outro pai disparou para seu filho assustado e choroso.

Pouco a pouco, os pais se foram, um por um, e os carros se afastaram. Os meninos tinham uma nova casa na Welton Academy, isolada na floresta verde,

mas intocada, de Vermont.

— Eu quero ir para casa! — lamentou um menino.

Um veterano deu um tapinha em suas costas e o conduziu até o dormitório.



Capítulo 2

— Caminhem, senhores. Devagar — gritou um professor com um sotaque escocês. Os quarenta membros da classe júnior desceram apressadamente a escada do dormitório enquanto quinze meninos mais velhos tentavam subir.

— Sim, senhor, sr. McAllister — respondeu um dos mais novos.

— Desculpe, senhor.

McAllister balançou a cabeça para os meninos que saíam correndo do dormitório e atravessavam o campus.

Uma vez dentro da Sala de Honra da Academia, a qual era ornada com painéis de carvalho, os mais novos ficavam em pé ou sentados nas velhas cadeiras de couro enrugadas, esperando sua vez. Vários olhos espiavam a escada contra a parede que levava a uma porta do segundo andar.

Momentos depois, a porta se abriu e cinco meninos desceram as escadas em silêncio. Um velho professor de cabelos grisalhos se arrastou até a porta.

— Overstreet, Perry, Dalton, Anderson, Cameron — chamou o dr. Hager. — Venham.

Eles subiram a escada enquanto dois meninos sentados abaixo os observavam atentamente.

— Quem é o novo garoto, Meeks? — sussurrou Pitts para seu colega de classe.

— Anderson — sussurrou Steven Meeks em resposta. O velho Hager percebeu a conversa.

— Senhores Pitts e Meeks. Advertências — gritou ele em tom severo. Os meninos olharam para baixo, virando a cabeça juntos, e Pitts revirou os olhos.

O sr. Hager era velho, mas seus olhos eram afiados como os de uma águia.

— Outra advertência por isso, sr. Pitts — acrescentou.

Os meninos que o dr. Hager chamara o seguiram até o escritório interno do diretor Nolan, passando por sua secretária e esposa, a sra. Nolan.

Eles ficaram em pé na frente de uma fileira de cadeiras voltadas para o diretor Nolan, que estava sentado atrás de sua mesa, com um cão de caça descansando ao seu lado.

— Bem-vindos de volta, rapazes. Sr. Dalton, como está seu pai?

— Indo bem, senhor — respondeu Charlie.

— Sua família já se mudou para aquela nova casa, sr. Overstreet?

— Sim, senhor, cerca de um mês atrás.

— Que maravilha — Nolan sorriu brevemente. — Ouvi dizer que é linda.

Ele deu um tapinha no cachorro e ofereceu-lhe um biscoito enquanto os meninos esperavam, encabulados.

— Sr. Anderson — iniciou Nolan —, já que você é novo aqui, deixe-me explicar que em Welton eu atribuo atividades extracurriculares com base no mérito e no desejo. Essas atividades são levadas tão a sério quanto o seu trabalho de classe, certo, rapazes?

— Sim, senhor! — disseram os outros em uníssono militar.

— O não comparecimento dessas atividades obrigatórias resultará em advertências. Agora, sr. Dalton: o jornal da escola, o Clube de Serviço, futebol, remo. Sr. Overstreet: Candidatos da Welton Society, o jornal da escola, futebol, Clube dos Filhos dos Ex-alunos. Sr. Perry: Candidatos da Welton Society, Clube de Química, Clube de Matemática, anuário da escola, futebol. Sr. Cameron: Candidatos da Sociedade Welton, Clube de Debate, remo, Clube de Serviço, Estudos Forenses, Conselho de Honra.

— Obrigado, senhor — agradeceu Cameron.

— Sr. Anderson, com base em seu histórico de Balincrest: futebol, Clube de Serviço, anuário da escola. Mais alguma coisa que eu deva saber?

Todd ficou em silêncio. Lutava para dizer alguma coisa, mas as palavras simplesmente não saíam.

— Fale, sr. Anderson — ordenou Nolan.

— Eu… iria… preferir… remo, senhor — gaguejou Todd, sua voz quase inaudível.

Nolan olhou para Todd, que começou a tremer da cabeça aos pés.

— Remo? Ele disse remo? Diz aqui que você jogou futebol em Balincrest.

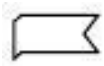
Todd tentou falar novamente.

— Eu… joguei… mas… — sussurrou ele.

Gotas de suor irromperam em sua testa, e ele apertou as mãos com tanta força que seus dedos ficaram brancos. Enquanto os outros meninos olhavam para ele, Todd lutava contra as lágrimas.

— Você vai gostar de futebol aqui, Anderson. Tudo bem, rapazes. Dispensados.

Os meninos marcharam; o rosto de Todd estava lívido de miséria. Na porta, o dr. Hager chamou mais cinco nomes.



Enquanto atravessavam o campus em direção a seus dormitórios, Neil Perry se aproximou de Todd, que estava andando sozinho, e estendeu um aperto de mão.

— Ouvi dizer que seremos colegas de quarto — disse ele. — Eu sou Neil Perry.

— Todd Anderson — respondeu ele suavemente. Os meninos caminharam em um silêncio constrangedor.

— Por que você deixou Balincrest? — perguntou Neil.

— Meu irmão frequentou aqui.

Neil balançou a cabeça.

— Ah, então você é ESSE Anderson.

Todd deu de ombros e gemeu.

— Meus pais queriam que eu viesse aqui desde sempre, mas minhas notas não eram boas o suficiente. Eu tive que ir a Balincrest para melhorá-las.

— Bom, você não vai ganhar o prêmio de consolação — Neil riu. — Não fique achando que vai gostar daqui.

— Já não gostei — replicou Todd.

Eles pisaram no hall de entrada do dormitório para encontrar uma confusão de alunos, malas, máquinas de escrever, travesseiros e toca-discos.

Na entrada do hall, um porteiro da escola observava uma pilha de bagagens sem dono. Neil e Todd pararam para procurar seus pertences. Neil viu suas malas e foi encontrar o quarto deles.

— Lar, doce lar — ele riu ao entrar no pequeno espaço quadrado, que mal tinha tamanho o suficiente para caber duas camas de solteiro, dois armários e duas mesas. Ele colocou suas malas em uma das camas. Richard Cameron enfiou a cabeça no quarto.

— Ouvi dizer que você ficou com o novato. Falaram que ele é meio travado. Ops! — exclamou Cameron enquanto Todd entrava.

Cameron rapidamente se esquivou. Todd passou por ele, jogou as malas na outra cama e começou a desfazê-las.

— Não ligue para o Cameron — disse Neil. — Ele é um babaca.

Todd só deu de ombros, focado no que estava fazendo.

Knox Overstreet, Charlie Dalton e Steven Meeks apareceram no quarto.

— Ei, Perry — começou Charlie —, dizem as más línguas que você fez curso

nas férias.

— Sim, química. Meu pai queria que eu estivesse avançado.

— Bem — continuou Charlie — Meeks foi muito bem em latim e eu não fui nada mal em inglês, então, se você quiser, temos nosso grupo de estudo.

— Claro, mas Cameron também me convidou. Alguém é contra incluí-lo?

— Qual é a especialidade dele? — Charlie riu. — Ser um puxa-saco?

— Ei — objetou Neil —, ele é seu colega de quarto!

— Não por culpa minha. — Charlie balançou a cabeça.

Todd continuava desfazendo as malas enquanto os outros meninos conversavam. Steve Meeks se aproximou dele.

— Oi, acho que não nos conhecemos. Eu sou Steven Meeks.

Todd estendeu a mão timidamente.

— Todd Anderson.

Knox e Charlie se aproximaram e estenderam as mãos em saudação também.

— Charlie Dalton.

— Knox Overstreet.

Todd apertou suas mãos com formalidade.

— O irmão de Todd é Jeffrey Anderson — explicou Neil.

Charlie olhou com reconhecimento.

— Ah, é mesmo. Melhor aluno da turma, bolsista da National Merit…

Todd confirmou com a cabeça.

— Bom, bem-vindo a *Inferton* — Meeks riu.

— É tão difícil quanto dizem. A menos que você seja um gênio como Meeks — avisou Charlie.

— Ele só me elogia porque precisa da minha ajuda com latim.

— E com inglês, e com trigonom… — acrescentou Charlie. Meeks sorriu.

Houve outra batida na porta.

— Está aberta — avisou Neil.

Mas, desta vez, não foi outro de seus amigos.

— Pai — gaguejou Neil, seu rosto ficando lívido. — Eu pensei que o senhor tinha ido embora!



Capítulo 3

Os meninos se levantaram com um salto.

— Sr. Perry — disseram Meeks, Charlie e Knox em uníssono.

— Podem ficar sentados, rapazes — autorizou o pai de Neil enquanto entrava rapidamente no quarto. — Como vão as coisas?

— Tudo bem, senhor. Obrigado — responderam eles.

O sr. Perry ficou cara a cara com Neil, que arrastou os pés desconfortavelmente.

— Neil, eu decidi que você está fazendo muitas atividades extracurriculares. Falei com o sr. Nolan sobre isso, e ele concordou em deixá-lo trabalhar no anuário da escola no próximo ano — disse ele, e então caminhou em direção à porta.

— Mas, pai! — exclamou Neil. — Eu sou o editor assistente!

— Sinto muito, Neil — respondeu o sr. Perry em tom rígido.

— Mas, pai, não é justo. Eu…

Os olhos do sr. Perry fulminaram Neil, que parou no meio da frase. Então ele abriu a porta e apontou para Neil sair da sala.

— Meus caros, vocês poderiam nos dar licença um minuto? — pediu ele educadamente. O sr. Perry seguiu Neil, fechando a porta atrás de si.

Com os olhos furiosos, o sr. Perry chiou diante do filho.

— Eu *não* serei questionado em público, você me entendeu?

— Pai… — começou Neil desajeitadamente — Eu não estava questionando o senhor. Eu…

— Quando você terminar a faculdade de medicina e estiver por sua conta, poderá fazer o que quiser. Até lá, você vai *me* obedecer!

Neil olhou para o chão.

— Sim, senhor. Desculpa…

— Você sabe o que isso significa para sua mãe, não sabe? — perguntou o sr.

Perry.

— Sim, senhor. — Neil ficou em silêncio na frente de seu pai. Sua determinação sempre desmoronava sob as ameaças de culpa e punição. — Bem, o senhor sabe como sou… — acrescentou Neil, preenchendo a pausa. — Sempre me comprometendo com coisas demais.

— Bom garoto. Ligue para nós se precisar de alguma coisa… — Ele se virou sem mais comentários e foi embora.

Neil olhou seu pai, sentindo-se dominado pela frustração e pela raiva. Por que sempre deixava seu pai tratá-lo daquela forma? Abriu a porta do quarto e voltou. Os meninos tentaram agir como se nada tivesse acontecido, cada um esperando que o outro falasse. Mas, por fim, Charlie quebrou o silêncio.

— Por que ele nunca deixa você fazer o que quer? — indagou.

— E por que você não o manda ir pastar? Não poderia ficar pior — acrescentou Knox.

Neil enxugou os olhos.

— Ah, essa é boa — zombou ele. — Como se vocês mandassem SEUS pais pastarem, sr. Futuro Advogado e sr. Futuro Banqueiro.

Os meninos encaravam seus sapatos enquanto Neil corria pela sala com raiva. Ele arrancou o broche de honraria do anuário da escola em seu blazer e o jogou sobre a mesa em um gesto furioso.

— Calma aí — impôs-se Knox, caminhando na direção de Neil. — Eu não deixo meus pais pisarem em mim.

— É mesmo — Neil riu. — Você apenas faz tudo o que eles mandam! Você estará no escritório de advocacia do papai com tanta certeza quanto eu estou aqui.

Ele se virou para Charlie, que estava esparramado na cama de Neil.

— E você vai aprovar empréstimos até ter um piripaque.

— Está bem — admitiu Charlie. — Então, eu não gosto disso mais que você. Só estou dizendo...

— Então não me digam como falar com *meu* pai quando vocês fazem do mesmo jeito — retrucou Neil. — Beleza?

— Tudo bem — Knox suspirou. — Meu Deus, o que você vai fazer?

— O que tenho que fazer. Descartar o anuário. Não tenho escolha.

— Eu certamente não perderia o sono por causa disso — começou Meeks, alegre —, é só um bando de pessoas tentando impressionar o Nolan.

Neil fechou a mala com violência e jogou-se na cama.

— Que diferença faz para mim, de qualquer forma?

Ele bateu a mão no travesseiro, deitou-se em silêncio e olhou com os olhos vidrados para o teto. Os meninos ficaram sentados em volta dele

melancolicamente, sentindo a decepção e a tristeza de Neil.

— Não sei quanto a vocês… — começou Charlie, outra vez quebrando o silêncio —, mas eu com certeza estou precisando de uma atualização em latim. Às oito no meu quarto?

— Está bom — disse Neil em voz inexpressiva.

— Você é bem-vindo para se juntar a nós, Todd — ofereceu Charlie.

— É — concordou Knox. — Venha também.

— Obrigado — disse Todd.

Depois que os meninos saíram, Neil se levantou e pegou o broche de honraria que havia jogado. Todd começou a desfazer as malas de novo. Tirou da mala um retrato emoldurado, na imagem sua mãe e pai com os braços afetuosamente em volta de um menino mais velho que parecia ser o famoso irmão de Todd, Jeffrey. Neil olhou para a foto e notou que Todd estava um pouco separado do grupo familiar, com eles, mas não fazia realmente parte do grupo. Todd então desempacotou um conjunto de mesa de couro gravado e o colocou em sua mesa.

Neil se jogou na cama e se encostou na cabeceira.

— Então, o que você acha do meu pai? — perguntou inexpressivamente.

— Preferiria ficar com ele a ficar com o meu — respondeu Todd com a voz baixinha, quase para si mesmo.

— O quê? — indagou Neil.

— Nada.

— Todd, se você quer se dar bem por aqui, você tem que se impor ao falar. Os mansos podem herdar a terra, mas não entram em Harvard; entende o que quero dizer?

Todd assentiu, dobrando uma camisa branca de tecido *oxford*. Neil segurou o broche de honraria na mão enquanto falava.

— Que desgraçado! — gritou ele de repente, espetando o polegar com a ponta de metal do alfinete e tirando sangue.

Todd estremeceu, mas Neil apenas olhou com atenção para o sangue. Ele puxou o alfinete e o jogou contra a parede.



Capítulo 4

O primeiro dia de aula amanheceu claro e luminoso. Os meninos da classe júnior entraram e saíram correndo do banheiro, vestindo-se em tempo recorde.

— Aqueles alunos da sétima série parecem que vão fazer xixi em suas calças, eles estão muito nervosos. — Neil riu enquanto espirrava água fria no rosto.

— Eu me sinto da mesma maneira — admitiu Todd.

— Não se preocupe, o primeiro dia é sempre difícil — consolou Neil. — Mas vamos ficar bem. De alguma forma, sempre ficamos.

Os meninos terminaram de se vestir e correram para o prédio de química.

— Não deveria ter dormido tão tarde e perdido o café da manhã — lamentou Neil. —Meu estômago está roncando.

— O meu também — acrescentou Todd enquanto deslizavam para o laboratório de química.

Knox, Charlie, Cameron e Meeks já estavam na sala junto de alguns outros mais novos. Na frente da sala, um professor careca e de óculos distribuía enormes livros didáticos.

— Além das atividades no livro — iniciou ele, em discurso severo —, cada um de vocês escolherá três experimentos de laboratório da lista de projetos e farão um relatório a cada cinco semanas. Os primeiros vinte problemas no final do Capítulo Um devem ser entregues amanhã.

Os olhos de Charlie Dalton saltaram enquanto ele olhava para o livro e ouvia o professor. Lançou um olhar incrédulo para Knox Overstreet, e os dois garotos balançaram a cabeça com desânimo.

Todd era o único entre eles que não parecia incomodado com o livro ou com as coisas que o professor estava dizendo. A voz do professor continuou, mas os meninos pararam de ouvir em algum ponto em torno das palavras “os primeiros vinte problemas”. Finalmente, a campainha tocou e quase todos os alunos de química foram para a sala de aula do sr. McAllister.

McAllister, provavelmente o único professor de latim na história da educação contemporânea com um sotaque escocês, não perdeu tempo para entrar no assunto. Entregou os livros e disparou.

— Começaremos declinando substantivos — ordenou ele. — *Agricola*, *agricolae*, *agricolae*, *agricolam*, *agricola*…

McAllister andava pela sala, repetindo as palavras em latim enquanto os meninos se esforçavam para acompanhá-lo.

Após quarenta minutos de recitação, McAllister parou e ficou de pé, de frente para a classe.

— Vocês farão um teste com esses substantivos amanhã, senhores. Agora vocês já sabem bem o trabalho que terão.

Ele se virou e encarou a lousa enquanto um gemido coletivo ecoava pela sala. Antes que McAllister pudesse começar a segunda rodada, no entanto, eles foram salvos pelo sinal.

— Esse cara é louco! Eu *nunca* vou aprender tudo isso até amanhã — lamentou Charlie.

— Não se preocupem — disse Meeks. — Vou ensinar o sistema a vocês. Vamos estudar juntos esta noite. Vamos, estamos atrasados para a aula de matemática.

Gráficos matemáticos decoravam as paredes da sala de aula do dr. Hager, e os livros já estavam esperando por eles em suas carteiras.

— Seu estudo da trigonometria requer precisão absoluta… — instruiu dr. Hager. — Qualquer um que não entregar uma tarefa de casa será penalizado em um ponto de sua nota final. Deixe-me exortá-lo agora a não me testar neste ponto. Quem gostaria de começar definindo cosseno?

Richard Cameron levantou-se e recitou:

— Um cosseno é o seno do complemento de um ângulo ou arco. Se definirmos um ângulo A, então…

O dr. Hager bombardeou a classe com questões matemáticas durante todo o período. As mãos voavam no ar, os alunos se levantavam e se sentavam como robôs, soltando respostas, recebendo firmemente duras reprimendas por erros.

O sinal tocou, mas não cedo o suficiente.

— Graças a Deus — gemeu Todd enquanto empilhava seus livros. — Acho que não poderia ter aguentado nem mais um minuto disso.

— Você vai se acostumar com o velho Hager — Meeks o consolou. — Depois de pegar o ritmo, você se sairá bem.

— Já estou seis compassos para trás — lamentou Todd enquanto os meninos caminhavam juntos para a próxima aula. Ele não disse mais uma palavra enquanto eles se arrastavam para a sala de inglês, jogavam os livros em suas

mesas e despencavam nos assentos.

O novo professor de inglês, vestindo camisa e gravata, mas sem paletó, sentava-se na frente da sala, olhando pela janela. Os meninos se acomodaram e esperaram, gratos por um momento para relaxar e se livrar um pouco da pressão das últimas horas. Keating continuou a olhar pela janela. Os meninos começaram a arrastar os pés desconfortavelmente.

Por fim, Keating se levantou, pegou uma régua e começou a passear para cima e para baixo nos corredores. Parou e olhou para o rosto de um dos meninos.

— Não fique envergonhado — disse ele em tom gentil para o menino corado.

Ele continuou a se mover pela sala, olhando com atenção para os meninos enquanto caminhava.

— Uhum — proferiu ele em voz alta, olhando para Todd Anderson. — Uhum — repetiu ele, movendo-se em direção a Neil Perry. — Rá! — ele bateu na mão livre com a régua e caminhou com força para a frente da sala. — Mentes jovens e ágeis! — gritou Keating, olhando em volta para a classe e gesticulando com a régua.

Pulou dramaticamente em sua mesa e se virou para encarar a classe.

— Ó capitão! Meu capitão! — recitou com a voz animada, depois olhou ao redor da sala. —Quem sabe de onde são essas palavras? Qualquer um? Não? — Ele olhou penetrantemente para os meninos silenciosos. Ninguém levantou a mão. — Foi escrito, meus jovens estudiosos — explicou ele pacientemente —, por um poeta chamado Walt Whitman sobre Abraham Lincoln. Nesta aula, você pode se referir a mim como sr. Keating ou "Ó Capitão! Meu capitão!".

Ele pulou da mesa e voltou a passear pelos corredores, falando enquanto se movia.

— Para que eu me torne a fonte do menor número possível de rumores, deixe-me dizer-lhes que, sim, eu era um estudante nesta instituição há muitas luas, e não, naquela época eu não possuía essa personalidade carismática. No entanto, se vocês optarem por imitar meus modos, isso só poderá ajudar na sua nota. Pegue seus livros no fundo da sala, senhores, e vamos nos retirar para a Sala de Honra.

Usando a régua para apontar a direção, Keating foi até a porta e saiu. Os alunos ficaram sentados, em silêncio, sem saber o que fazer.

— É melhor irmos com ele — propôs Neil, sendo o primeiro da classe a ir para o fundo da sala. Cada um deles pegou um livro, juntou aos outros e seguiu para a Sala de Honra Welton com painéis de carvalho, onde antes eles esperaram para ver o diretor Nolan.

Keating caminhou pela sala enquanto os meninos entravam. Observava as paredes, que estavam repletas de fotos de alunos que datavam de 1800. Troféus

de todos os tipos enchiam prateleiras e armários de vidro.

Vendo que estavam todos sentados, Keating virou-se para a turma.

— Senhor — Keating olhou para sua lista — Pitts — escolheu ele. — Um nome infeliz. Levante-se, senhor Pitts.

Pitts se levantou.

— Abra seu texto, Pitts, na página 542 e leia para nós a primeira estrofe do poema — instruiu Keating.

Pitts folheou seu livro.

— "Para as virgens, que aproveitem bem tempo"? — perguntou ele.

— Esse mesmo — confirmou Keating, enquanto os meninos da turma riam alto.

— Sim, senhor — assentiu Pitts. Limpou a garganta.

Colhei as rosas enquanto podeis,
Velho tempo corre:
A rosa alegre que ora colheis,
Amanhã já morre.

Ele parou.

— "Colhei as rosas enquanto podeis" — repetiu Keating. — O termo latino para esse sentimento é *Carpe Diem*. Alguém sabe o que ele significa?

— *Carpe Diem* — começou Meeks, o estudioso de latim. — Aproveite o dia.

— Muito bem, sr…?

— Meeks.

— Aproveite o dia — repetiu Keating — Por que o poeta escreve essas linhas?

— Porque ele está com pressa? — gritou um aluno enquanto os outros riam.

— Não, não, não! É porque somos comida para vermes, rapazes! — exclamou Keating. — Porque vamos experimentar apenas um número limitado de primaveras, verões e outonos. Um dia, por mais difícil que seja acreditar, cada um de nós vai parar de respirar, ficar frio e morrer! — Ele fez uma pausa dramática. — Levantem-se — exortou ele os alunos —, e examinem o rosto dos meninos que frequentaram esta escola há sessenta ou setenta anos. Não sejam tímidos; vão olhar para eles.

Os meninos se levantaram e caminharam até as fotos de turmas que revestiam as paredes da sala de honra. Eles olharam para os rostos dos jovens, encarando-os do passado.

— Eles não são tão diferentes de qualquer um de vocês, são? Esperança nos olhos deles, assim como os seus. Eles acreditam que estão destinados a coisas

maravilhosas, assim como muitos de vocês. Bem, onde estão esses sorrisos agora, rapazes? E a esperança?

Os meninos olharam para as fotos; seus rostos estavam sóbrios e reflexivos. Keating caminhou rapidamente pela sala, apontando de foto em foto.

— A maioria deles não esperou até que fosse tarde demais para transformar sua vida em um pingo do que eram capazes? Ao perseguir a divindade todo-poderosa do sucesso, eles não desperdiçaram seus sonhos de infância? A maioria desses senhores está fertilizando narcisos agora! No entanto, se vocês chegarem muito perto, rapazes, vocês podem ouvi-los sussurrar. Vão em frente — insistiu ele —, inclinem-se. Vamos lá. Ouviram? Conseguem ouvir?

Os meninos ficaram quietos, alguns deles se inclinaram, mesmo que hesitantes, para observar as fotografias.

— *Carpe Diem* — sussurrou Keating num tom claro. — Aproveitem o dia. Tornem sua vida extraordinária.

Todd, Neil, Knox, Charlie, Cameron, Meeks, Pitts e os outros meninos olhavam para as fotos nas paredes, perdidos em pensamentos que foram rudemente interrompidos pelo sinal.

— Estranho — disse Pitts, enquanto juntava seus livros.

— Mas diferente — declarou Neil, pensativo.

— Assustador — acrescentou Knox, tremendo levemente, enquanto saía da sala.

— Você acha que ele vai nos testar nessas coisas? — perguntou Cameron, parecendo confuso.

— Ah, qual é, Cameron — Charlie riu —, você não entende nada?



Capítulo 5

Depois do almoço, os mais novos se reuniram no ginásio para a aula de educação física obrigatória.

— Muito bem, senhores — gritou o professor de educação física —, ainda vamos fazer algo com esses corpos. Comecem a correr pelo ginásio. Parem após cada rodada e verifiquem seu pulso. Venham falar comigo se vocês não tiverem pulso.

Os meninos gemeram e começaram a correr ao redor do enorme ginásio. O professor riu e caminhou até o limite, encostando-se na parede para observar os corredores.

— Hastings, mova-se. Temos que tirar um pouco dessa barriga de você — gritou para um menino. — Verifique seu pulso. Boa corrida, Overstreet! — exclamou. — Bom ritmo. — Knox sorriu e acenou ao passar pelo professor.

Nenhum deles pensou que conseguiria sobreviver à aula, mas, no final do período, eles se surpreenderam.

— Eu vou morrer! — engasgava Pitts, parado no chuveiro depois da aula. — Esse cara deveria dirigir uma escola militar!

— Qual é, Pitts, é bom para você. — Cameron riu.

— É fácil para você dizer — gritou Pitts em resposta. — O cara não te envergonhou até a morte. — Pitts se virou rapidamente para encarar a parede enquanto o professor de educação física passeava pelo banheiro, monitorando a atividade.

— Que tal um grupo de estudo? — gritou Meeks do chuveiro. — Logo após o jantar.

— Ótimo! Está bom por mim — vários dos meninos concordaram.

— Pegue o sabão, Harrison! — gritou o professor de educação física. — Você aí — ele apontou para outro menino —, apresse-se e seque-se!

— Desculpe, Meeks, não posso ir — disse Knox. — Eu tenho que sair para

jantar na casa dos Danburrys.

— Quem são os Danburrys? — perguntou Pitts.

— Opa! Ex-alunos importantes — assobiou Cameron. — Como você conseguiu isso?

Knox deu de ombros.

— Eles são amigos do meu pai. Provavelmente já estão na casa dos noventa ou algo assim.

— Ouça. — Neil riu. — Qualquer coisa é melhor do que a carne misteriosa que temos aqui.

— Vou concordar com isso! — declarou Charlie.

Os meninos terminaram de se vestir, jogaram suas roupas de ginástica em seus armários e saíram. Todd sentou-se silenciosamente no banco, puxando a meia em movimentos lentos.

— Uma moeda por seus pensamentos? — Neil riu, enquanto se sentava ao lado de Todd.

— Nem valem tanto — respondeu Todd, balançando a cabeça.

— Quer vir para o grupo de estudo? — perguntou Neil.

— Obrigado, mas… É melhor eu estudar história. — Todd sorriu.

— Está certo, você sempre pode mudar de ideia — respondeu Neil. Juntou seus livros e saiu do ginásio. Todd o observou e depois olhou para o espaço outra vez. Calçou os sapatos, pegou seus livros e caminhou lentamente de volta para o dormitório.

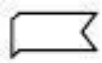
À distância, Todd viu o sol vermelho-fogo se pondo atrás do perímetro verde de árvores que cercava o extenso campus.

— É grande, mas tão pequeno aqui… — suspirou, olhando em volta.

Dentro do dormitório, sorriu para vários meninos no corredor, mas entrou em seu quarto e logo fechou a porta. Colocou seus livros sobre a mesa, deu outro suspiro sonoro e sentou-se.

— Não posso acreditar em todo o trabalho que tenho que fazer — declarou ele enquanto folheava a pilha de livros. Abriu seu livro de história, pegou um caderno e olhou para a primeira folha de papel em branco. Distraidamente, rabiscou APROVEITE O DIA em letras grandes e pretas.

— Aproveitar o dia? — questionou em voz alta. — Como? — Suspirou novamente, arrancou a página do caderno e jogou-a na lixeira. Virou uma página no livro de história e começou a ler.



— Pronto, Overstreet? — perguntou o dr. Hager, enquanto entrava na Sala de Honra, onde Knox Overstreet estava mais uma vez estudando as fotos de antigos alunos de Welton.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor — respondeu enquanto seguia o dr. Hager até a perua "amadeirada" da escola, que estava em frente ao prédio. As mudanças de cores do outono de Vermont eram embaçadas pela escuridão. — É lindo quando as cores mudam, não é, dr. Hager? — perguntou Knox com entusiasmo.

— Cores? Ah, sim — murmurou Hager enquanto dirigia a velha perua para a mansão irregular onde morava a distinta família Danburry.

— Obrigado pela carona, dr. Hager. — Knox sorriu. — Os Danburrys disseram que vão me trazer de volta ao campus.

— No mais tardar às nove, meu menino — disse o velho professor solenemente.

— Sim, senhor. — Ele se virou e caminhou até a porta da grande casa colonial branca e tocou a campainha. Uma linda garota, talvez um pouco mais velha do que ele e vestindo tênis e uma saia curta, abriu a porta.

— Oi — cumprimentou ela, sorrindo. Seus olhos azuis brilhavam suavemente.

Knox hesitou, sem palavras por causa da surpresa.

— Ah… Oi — enfim deixou escapar.

— Você está aqui para ver Chet? — perguntou ela.

Ele olhou para ela por um momento, incapaz de evitar que seus olhos se movessem para cima e para baixo em sua figura atlética.

— Chet? — repetiu ela, rindo. — Você está aqui para ver Chet?

— Sra. Danburry? — gaguejou Knox quando uma mulher de meia-idade apareceu por trás da garota.

— Knox. — Janette Danburry sorriu, enquanto a garota voltava para a enorme escada. — Entre. Estávamos esperando por você!

Knox entrou atrás da sra. Danburry, mas seus olhos seguiam a garota, que subiu as escadas dois degraus de cada vez.

A sra. Danburry entrou em uma enorme biblioteca com painéis de madeira.

— Joe — disse ela a um homem bem vestido que parecia ter cerca de quarenta anos. — Este é Knox.

Joe estendeu a mão e sorriu calorosamente.

— Knox, bom vê-lo. Pode entrar. Joe Danburry.

— Prazer em conhecê-lo. — Knox sorriu, tentando evitar olhar para a escada.

— Você é a imagem cuspida de seu pai. Como ele está? — perguntou Joe enquanto oferecia a Knox um copo de refrigerante.

— Ótimo — Knox assentiu. — Acabou de fazer um grande caso para a GM.

— Ah. Já sei qual é o seu futuro; filho de peixe, peixinho é, hein? — Joe riu. —Você conheceu nossa filha, Virginia?

— Ah, essa era sua filha? — perguntou Knox com entusiasmo, apontando para a escada.

— Virginia, diga olá — instruiu a sra. Danburry enquanto uma garota de quinze anos bonitinha, mas de aparência mediana, se levantava do chão do outro lado da sala. Seus livros e páginas de anotações bem escritas estavam espalhados pelo chão.

— Pode me chamar de Ginny — disse ela enquanto se virava para Knox. — Oi — cumprimentou ela e sorriu timidamente.

— Olá — disse Knox, olhando brevemente para Ginny, antes de encarar outra vez a escada onde seus olhos ficaram colados nas pernas delgadas que viu paradas ali. Ouviu uma risada vir daquela direção e se virou um pouco desajeitado para Ginny.

— Sente-se, sente-se — pediu o sr. Danburry, gesticulando em direção a uma confortável cadeira de couro. — Seu pai já lhe contou sobre o caso em que trabalhamos juntos?

— Perdão? — disse Knox distraidamente. A garota de vestido de tênis estava descendo as escadas com um jovem alto e de aparência atlética.

— Ele não te contou o que aconteceu? — o sr. Danburry riu.

— Eh, não — respondeu Knox, incapaz de tirar os olhos da garota. O casal entrou na sala quando o sr. Danburry começou a se lembrar da história.

— Estávamos mesmo sem saída — relembrou ele. — Eu estava certo de que tinha perdido o maior caso da minha vida. Então seu pai veio até mim e me disse que poderia fazer um acordo… mas apenas se eu lhe desse todo o honorário de nosso cliente! O filho de uma mãe! — Ele deu um tapa no joelho. — Você sabe o que eu fiz?

— Ahn? — disse Knox.

— Eu cedi! — vociferou ele. — Eu estava tão desesperado que deixei seu pai ficar com todo o honorário! — Knox fingiu uma risada, tentando acompanhar a risada histérica do sr. Danburry, enquanto seus olhos continuavam disparando para o casal parado na porta.

— Pai, posso usar o Buick? — perguntou o jovem.

— O que há de errado com o seu carro? — perguntou Joe. — Chet, isso são modos? Knox, este é meu filho Chet e sua namorada, Chris Noel. Este é Knox Overstreet.

— Nós meio que já nos conhecemos — esclareceu Knox, olhando para Chris. — Quase.

— Sim! — Chris sorriu ao responder.

— Oi — cumprimentou Chet, totalmente desinteressado.

A sra. Danburry se levantou.

— Com licença enquanto eu verifico o jantar — proferiu ela.

— Qual é, pai, por que você sempre cria caso? — perguntou Chet.

— Porque eu comprei um carro esportivo para você, mas você quer meu carro o tempo todo.

— A mãe da Chris se sente mais segura quando estamos em um carro maior. Certo, Chris? — Chet deu um sorriso malicioso e Chris corou.

— Está tudo bem, Chet — disse ela.

— *Não* está tudo bem. Qual é, pai… — Joe Danburry saiu da sala e Chet o seguiu, implorando. — Qual é, pai. Você não está usando o Buick esta noite, então por que eu não posso?

Enquanto a briga continuava no corredor, Knox, Ginny e Chris ficaram constrangidos na biblioteca.

— Então, ahn, onde você estuda? — perguntou Knox.

— Ridgeway High — respondeu Chris. — Como está Henley Hall, Gin?

— Bem — respondeu Ginny, sem muita emoção.

— Essa é a sua escola irmã, não é? — perguntou Chris, olhando para Knox.

— Mais ou menos.

— Ginny, você vai ver a peça da Henley Hall? — indagou Chris. — Eles estão fazendo *Sonho de uma noite de verão* — explicou ela a Knox.

— Talvez — Ginny deu de ombros.

— Então, como você conheceu Chet? — perguntou Knox a Chris. Ambas as garotas olharam para ele. — Quero dizer, eh… — gaguejou ele.

— Chet joga no time de futebol Ridgeway e eu sou uma líder de torcida — explicou Chris. — Ele costumava ir para Welton, mas foi reprovado. — Ela se virou para Ginny. — Você deveria fazer isso, Gin, você seria ótima.

Ginny olhou para baixo em um gesto tímido quando Chet veio até a porta.

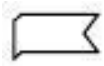
— Chris. — Ele sorriu. — Nós conseguimos. Vamos lá.

— Prazer em conhecê-lo, Knox. — Chris sorria novamente enquanto saía, de mãos dadas com Chet. — Tchau, Gin.

— Prazer em conhecê-la, Chris. — engasgou Knox.

— É melhor sentar até o jantar — sugeriu Ginny. Seguiu-se um momento constrangedor de silêncio. — Chet só queria o Buick para que eles pudessem ir ao estacionamento — confidenciou ela com um rubor, não sendo capaz de pensar em nada melhor para dizer.

Knox observou pela janela enquanto Chris e Chet entravam no Buick e se beijavam, um beijo longo e forte. Seu coração estava batendo de inveja.



Duas horas depois, Knox cambaleava para dentro do saguão do dormitório, onde Neil, Cameron, Meeks, Charlie e Pitts estudavam matemática. Pitts e Meeks trabalharam na montagem de um pequeno rádio de cristal à medida que a sessão de estudo avançava. Knox desabou em um sofá.

— Como foi o jantar? — perguntou Charlie. — Você parece em estado de choque. O que eles serviram, a carne misteriosa de Welton?

— Terrível — lamentou Knox. — Horrível! Acabei de conhecer a garota mais bonita que já vi na minha vida!

Neil pulou do grupo de estudo e correu para o sofá.

— Você está louco? O que há de errado com isso?

— Ela está praticamente noiva de Chet Danburry, um verdadeiro gorilão — gemeu Knox.

— Que pena — disse Pitts.

— Que pena! Não é uma pena, é uma tragédia! — gritou Knox. — Por que ela tem que estar apaixonada por um babaca?

— Todas as boas vão com os babacas — disse Pitts com naturalidade. — Você sabe disso. Esqueça-a. Pegue seu livro trigonométrico e resolva o problema doze.

— Não posso simplesmente esquecê-la, Pitts. E com certeza não consigo pensar em matemática!

— Claro que consegue. Você está saindo pela tangente, então já está na metade da trigonometria! — Meeks riu alto.

— Ah, Meeks! Essa foi terrível — disse Cameron, balançando a cabeça.

Meeks sorriu timidamente.

— Achei inteligente.

Knox parou de andar e encarou seus amigos.

— Vocês acham mesmo que eu deveria esquecê-la?

— Você tem outra escolha? — destacou Pitts.

Knox caiu de joelhos na frente de Pitts como se fosse fazer um pedido de casamento.

— Só você, Pittsie — implorou ele, com um suspiro exagerado. — Só há você!

Pitts o empurrou para longe e Knox caiu em uma cadeira no saguão enquanto os meninos retomavam as contas.

— Já chega por hoje, pessoal — declarou Meeks, desfazendo o grupo de estudo. — Amanhã vem mais trabalho, não temam.

— Diz aí, o que aconteceu com Todd? — perguntou Cameron enquanto recolhiam seus livros.

— Disse que queria estudar história — respondeu Neil.

— Qual é, Knox — disse Cameron. — Você vai sobreviver a essa garota. Talvez você pense em algo para conquistar o amor dela. Lembre-se, aproveite o dia!

Knox sorriu, levantou-se do sofá e seguiu os meninos até seus quartos.



Na manhã seguinte, John Keating estava sentado em uma cadeira ao lado de sua mesa. Seu humor parecia sério e quieto.

— Rapazes — começou ele quando o sino da aula tocou —, abram seu livro de Pritchard na página vinte e um da Introdução. Sr. Perry — ele gesticulou em direção a Neil —, por gentileza, leia em voz alta o primeiro parágrafo do prefácio intitulado “Entendendo a Poesia”.

Os meninos encontraram as páginas do texto, sentaram-se eretos e acompanharam enquanto Neil lia:

— Entendendo a Poesia, do dr. J. Evan Pritchard, Phd. Para entender completamente a poesia, devemos primeiro ser fluentes com sua métrica, rima e figuras de linguagem, depois fazer duas perguntas: 1) Quão habilidosamente o objetivo do poema foi apresentado e 2) Quão importante é esse objetivo? A questão um avalia a perfeição do poema; a questão dois avalia sua importância. Uma vez que essas perguntas tenham sido respondidas, determinar a grandeza do poema torna-se uma questão relativamente simples. Se a pontuação do poema para a perfeição é plotada na horizontal de um gráfico e sua importância é plotada na vertical, então o cálculo da área total do poema produz a medida de sua grandeza. Um soneto de Byron pode ter uma pontuação alta na vertical, mas apenas na média na horizontal. Um soneto de Shakespeare, por outro lado, teria uma pontuação alta tanto horizontal quanto verticalmente, produzindo uma enorme área total, revelando assim que o poema é realmente grande.

Keating levantou-se de seu assento enquanto Neil lia e foi até a lousa. Ele desenhou um gráfico, demonstrando, por linhas e sombreamento, como o poema de Shakespeare sobrepujaria o poema de Byron.

Neil continuou lendo.

— À medida que você avança na poesia deste livro, pratique este método de classificação. À medida que sua capacidade de avaliar poemas cresce, também aumenta seu prazer e compreensão da poesia.

Neil parou e Keating esperou um momento para deixar a lição assentar. Então Keating agarrou a própria garganta e gritou horrivelmente.

— AAAARRRGGGG!!! — berrou ele. — Refugo! Lixo! Pus! Arranquem isso de seus livros. Vão em frente, rasguem a página inteira! Eu quero esse lixo na lata de lixo, onde ele merece!

Ele pegou a lata de lixo e marchou em passos dramáticos pelas fileiras de alunos, parando para que cada menino depositasse a página rasgada de seu livro. Toda a classe ria e gargalhava.

— Faça um corte limpo — advertia Keating. — Eu não quero mais nada disso! Dr. J. Evans Pritchard, você é uma vergonha!

O riso aumentou e atraiu a atenção do professor de latim escocês, sr. McAllister, do outro lado do corredor. Ele saiu de sua sala e espiou pela janelinha da porta enquanto os meninos arrancavam as páginas de seus livros. Alarmado, abriu a porta e entrou correndo na sala de Keating.

— Mas que… — começou McAllister, até que viu Keating segurando a lata de lixo. — Desculpe, achei que você não estivesse aqui, Sr. Keating. — Perplexo e envergonhado, ele saiu da sala e fechou a porta silenciosamente.

Keating voltou para a frente da sala, colocou a lata de lixo no chão e pulou para dentro dela. Os meninos riram mais alto. Os olhos de Keating pareciam arder em chamas. Ele pisou no lixo algumas vezes, depois saiu e chutou a lata para longe.

— Isto é uma batalha, rapazes — gritou ele. — Guerra! Vocês são almas em um momento crítico. Ou vocês sucumbirão à vontade de *hoi polloi* acadêmicos, e o fruto morrerá na videira, ou vocês triunfarão como indivíduos. Não temam, vocês aprenderão o que esta escola deseja que vocês aprendam na minha aula; no entanto, se eu fizer meu trabalho corretamente, vocês também aprenderão muito mais. Por exemplo, vocês aprenderão a saborear a linguagem e as palavras, porque não importa o que alguém lhes diga, palavras e ideias têm o poder de mudar o mundo. Há pouco usei o termo *hoi polloi*. Quem sabe o que isso significa? Vamos, Overstreet, seu bobinho.

A sala riu.

— Anderson, você é um menino ou um girino?

A sala riu outra vez e todos olharam para Todd. Ele ficou visivelmente tenso e, sem conseguir falar, balançou a cabeça em um gesto brusco.

— Não.

Meeks levantou a mão.

— Os *hoi polloi*. Não significa “a multidão”?

— Precisamente, Meeks — confirmou Keating. — Em grego, significa “a multidão”. No entanto, esteja avisado de que, quando você diz “os” *hoi polloi*,

está dizendo, na verdade, “a a” multidão, indicando que você também é *hoi polloi*[1]!

Keating sorriu com humor e Meeks retribuiu. O professor caminhou para o fundo da sala.

— Agora, o sr. Pitts pode argumentar que a literatura do século XIX não tem nada a ver com a escola de negócios ou a faculdade de medicina. Ele acha que devemos estudar nosso J. Evans Pritchard, aprender nossa rima e métrica e cuidar silenciosamente de nossos negócios para alcançar outras ambições.

Pitts sorriu e balançou a cabeça.

— Quem, eu? — perguntou.

Keating bateu a mão na parede atrás dele, e o som reverberou como um tambor. A classe inteira pulou e se virou para trás.

— Bem — sussurrou Keating em tom desafiador. — Eu digo: bobagem! Lemos poesia porque somos membros da raça humana, e a raça humana está cheia de paixão! Medicina, direito, bancos, estes são necessários para sustentar a vida. Mas poesia, romance, amor, beleza? É para isso que permanecemos vivos! Cito Whitman:

Ai de mim! Ai da vida! Das questões, dessas que recorrem,
Dos infinitos comboios dos infiéis, das cidades tomadas por tontos…
Que de bom há entre eles, ai de mim, ai da vida?
A resposta:
Que tu aqui estás — que a vida existe e a identidade,
Que a poderosa peça segue, e podes acrescentar a ela um verso.

Keating fez uma pausa. A classe ficou em silêncio, absorvendo a mensagem do poema. Keating olhou em volta novamente e repetiu impressionado:

— “Que a poderosa peça segue, e podes acrescentar a ela um verso”.

Ele ficou em silêncio no fundo da sala, então foi caminhando devagar até a frente. Todos os olhos estavam fixos em seu rosto apaixonado. Keating olhou ao redor da sala.

— Qual será o verso de *vocês*? — perguntou ele com verdadeiro interesse.

O professor esperou um longo momento, então suavemente quebrou o clima.

— Vamos abrir nossos livros na página sessenta e aprender sobre a noção de romantismo de Wordsworth.

Na expressão grega “hoi polloi”, a palavra “hoi” já é o artigo definido. Portanto, não se deveria dizer “os hoi polloi”, pois haveria uma redundância do artigo, é isso que o professor Keating está explicando ao aluno. A expressão “hoi polloi” geralmente tem uma conotação negativa, subentendendo “a ignorância da

maioria”. Por isso o professor Keating afirma que dizer “os hoi polloi” significa justamente ser parte de “hoi polloi” — isto é, ser parte da maioria ignorante que não entende de verdade a expressão. (N. E.)



Capítulo 6

McAllister puxou uma cadeira ao lado de Keating na mesa de refeição dos professores e sentou-se.

— Se importa se eu me juntar a você? — perguntou, enquanto colocava seu enorme corpo no assento e sinalizava para que fosse servido.

— Seria um prazer. — Keating sorriu. Olhou para o ambiente cheio de meninos vestidos de blazer almoçando.

— Uma aula muito interessante que você teve hoje, sr. Keating — começou McAllister em tom sarcástico.

Keating olhou para cima.

— Sinto muito se incomodei você.

— Não há necessidade de se desculpar — respondeu McAllister enquanto balançava a cabeça, a boca já cheia da carne misteriosa do dia. — Foi muito fascinante, por mais equivocado que fosse.

Keating ergueu as sobrancelhas.

— Você acha?

McAllister acenou com a cabeça.

— Inegavelmente. Você corre um grande risco encorajando-os a serem artistas, John. Quando eles perceberem que não são Rembrandts, Shakespeares ou Mozarts, vão odiá-lo por isso.

— Não artistas, George — retrucou Keating. — Você não entendeu nada. Pensadores livres.

— Ah — zombou McAllister —, pensadores livres aos dezessete anos!

— Eu nunca imaginaria que você fosse um cínico — declarou Keating, tomando uma xícara de chá.

— Não sou cínico, meu garoto — explicou McAllister, com tom professoral. — Um realista! Mostre-me o coração livre de sonhos tolos, e eu lhe mostrarei um homem feliz! — Mastigou um bocado. — Mas vou gostar de ouvir suas

palestras, John — acrescentou McAllister. — Aposto que vou.

Keating sorriu divertido.

— Espero que você não seja o único que se sinta assim — replicou, olhando para vários dos meninos da classe júnior que estavam sentados nas proximidades.

Todos os meninos se viraram quando Neil Perry entrou rapidamente na sala de jantar e sentou-se com eles.

— Vocês não vão acreditar nisso! — exclamou ele, arfando sem fôlego. — Encontrei o anuário sênior dele na biblioteca. — Neil olhou para Keating, que estava envolvido em uma conversa animada com o sr. McAllister na mesa dos professores. Neil abriu o anuário e leu: — "Capitão do time de futebol, Editor do anuário, Destinado a Cambridge, Homem com maior probabilidade de fazer qualquer coisa, Homem das coxas, Sociedade dos Poetas Mortos".

Os outros tentaram pegar o antigo anuário.

— "Homem das coxas?" — Charlie riu: — O sr. K. era mesmo um bagunceiro. Bom para ele!

— O que é a Sociedade dos Poetas Mortos? — perguntou Knox, enquanto folheava o livro de fotos antigas da turma de Keating em Welton.

— Alguma foto de grupo no anuário? — perguntou Meeks.

— Não da Sociedade — respondeu Neil, enquanto estudava as legendas. — Nenhuma outra menção a ela.

Neil folheava o anuário quando Charlie cutucou sua perna.

— Nolan — sibilou.

Quando o reitor se aproximou, Neil passou o livro debaixo da mesa para Cameron, que logo o entregou a Todd, o qual olhou para ele interrogativamente e o pegou.

— Gostando das aulas, sr. Perry? — perguntou Nolan enquanto parava na mesa dos meninos.

— Sim, senhor, muito — afirmou Neil.

— E nosso sr. Keating? Achando-o interessante, rapazes?

— Sim, senhor — respondeu Charlie. — Estávamos conversando sobre isso, senhor.

— Bom — proferiu Nolan com aprovação. — Estamos muito animados com ele. Foi um bolsista de Rhodes, vocês sabiam?

Os meninos sorriram e acenaram com a cabeça.

Nolan caminhou até outra mesa. Todd tirou o anuário de debaixo da mesa e folheou-o no colo enquanto terminava o almoço.

— Vou levar o anuário comigo — disse Neil a Todd, enquanto se levantavam para sair da sala de jantar.

— O que você vai fazer com ele? — perguntou Todd hesitante.

— Um pouco de pesquisa — respondeu Neil, sorrindo com ardil.

Depois das aulas, Neil, Charlie, Meeks, Pitts, Cameron e Todd voltaram para o dormitório juntos. Eles avistaram o sr. Keating, vestindo seu casaco esportivo e um cachecol, caminhando pelo gramado com um dos braços cheio de livros.

— Sr. Keating? — chamou-o Neil. — Senhor? Ó capitão! Meu capitão?

Keating parou e esperou que os meninos o alcançassem.

— O que era a Sociedade dos Poetas Mortos, senhor? — perguntou Neil. Por uma fração de segundo, o rosto de Keating ficou vermelho. — Eu estava apenas olhando em um antigo anuário — explicou Neil —, e…

— Nada de errado com pesquisar — disse Keating, recuperando a compostura.

Os meninos esperaram que ele dissesse mais.

— Mas o que era? — insistiu Neil.

Keating olhou em volta para se certificar de que ninguém estava olhando.

— Uma organização secreta — ele quase sussurrou. — Não sei como a administração atual veria isso, mas duvido que a reação seja favorável. — Seus olhos examinaram o campus enquanto os meninos prendiam a respiração. — Vocês podem guardar um segredo, rapazes? — assentiram eles instantaneamente. — Os Poetas Mortos eram uma sociedade dedicada a sugar o tutano da vida. Essa frase é de Thoreau e foi invocada em todas as reuniões — explicou. — Um pequeno grupo formado por nós se reunia na velha caverna e nos revezávamos lendo Shelley, Thoreau, Whitman, nossos próprios versos… e o encantamento do momento deixava que a poesia fizesse sua mágica em nós. — Os olhos de Keating brilharam, lembrando-se da experiência.

— Quer dizer que era um bando de caras sentados lendo poesia? — perguntou Knox, perplexo.

Keating sorriu.

— Ambos os sexos participavam, sr. Overstreet. E acredite em mim, não era apenas uma leitura… deixávamos a poesia fluir de nossas línguas como mel. As mulheres desfaleciam, os espíritos elevavam-se… deuses eram criados, senhores.

Os meninos ficaram em silêncio por um momento.

— O que o nome significava? — perguntou Neil. — Vocês só liam poetas mortos?

— Toda poesia era aceitável, sr. Perry. O nome apenas se referia ao fato de que, para ingressar na organização, você tinha que estar morto.

— *O quê?!* — exclamaram os meninos em coro.

— Os vivos eram só aspirantes. A adesão plena exigia uma vida inteira de

aprendizado. Infelizmente, até eu ainda sou um humilde iniciado — explicou ele.

Os meninos se entreolharam com espanto.

— A última reunião deve ter sido há quinze anos — lembrou Keating. Olhou em volta outra vez para se certificar de que ninguém estava observando, então se virou e se afastou.

— Eu digo para irmos hoje à noite — propôs Neil com entusiasmo quando Keating estava fora de vista. — Todo mundo dentro?

— Onde fica essa caverna de que ele está falando? — perguntou Pitts.

— Além do riacho. Acho. Sei onde está — respondeu Neil.

— Fica a quilômetros — reclamou Pitts.

— Isso tudo soa chato demais para mim — declarou Cameron.

— Não venha, então — retrucou Charlie.

— Você sabe de quantas advertências estamos falando aqui? — perguntou Cameron a Charlie.

— Então não venha! — repetiu Charlie. — Por favor!

Cameron cedeu.

— Tudo o que estou dizendo é que precisamos ter cuidado. Não podemos ser pegos.

— Ah, não me diga, Sherlock — retrucou Charlie em tom sarcástico.

— Quem está dentro? — perguntou Neil, acabando com a discussão.

— Estou dentro — respondeu Charlie primeiro.

— Eu também — acrescentou Cameron.

Neil olhou para Knox, Pitts e Meeks. Pitts hesitou.

— Bem…

— Ah, qual é, Pitts! — disparou Charlie.

— As notas dele vão mal, Charlie — interveio Meeks em defesa de Pitts.

— Então você pode ajudá-lo, Meeks — sugeriu Neil.

— O que é isso, um grupo de estudo da meia-noite? — perguntou Pitts, ainda inseguro.

— Pode parar, Pitts — cortou Neil. — Você vem sim. Meeks, suas notas também estão indo mal?

Todos riram.

— Tudo bem — cedeu Meeks. — É bom tentar de tudo pelo menos *uma vez*.

— Exceto sexo. — Charlie riu. — Certo, Meeks, meu velho?

Meeks corou enquanto os meninos riam e faziam pirraça.

— Estou dentro desde que tenhamos cuidado — determinou Cameron.

— Knox? — continuou Charlie.

— Não sei — respondeu ele. — Não entendo.

— Vamos — encorajou Charlie. — Isso vai ajudá-lo a conquistar Chris.

— Vai? — Knox parecia perplexo. — Como você acha que isso iria funcionar?

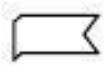
— Você não ouviu Keating dizer que as mulheres desfaleciam?

— Mas por quê? — perguntou Knox, ainda incerto.

O grupo começou a se separar e Knox seguiu Charlie em direção ao dormitório.

— Por que elas desfaleciam, Charlie? Diga-me, por que elas desfaleciam?

A pergunta de Knox permaneceu sem resposta porque, ao longe, um sino tocou, convocando os meninos para jantar.



Depois do jantar, Neil e Todd foram para a sala de estudos e sentaram-se juntos à mesa.

— Ouça — disse Neil ao colega de quarto em voz baixa. — Estou convidando você para a reunião da Sociedade. — Neil notara que ninguém havia perguntado a Todd se ele estava dentro. — Você não pode esperar que todos pensem em você o tempo todo. Ninguém conhece você. E você nunca fala com ninguém!

— Obrigado — agradeceu Todd —, mas a questão não é essa.

— O que é então? — perguntou Neil.

— Eu… eu apenas não quero ir — gaguejou ele.

— Mas por quê? — insistiu Neil. — Você não entende o que Keating está dizendo? Você não quer fazer algo a respeito? — Neil rapidamente virou uma página em seu livro quando um inspetor de estudo passou, olhando para os meninos com desconfiança.

— Sim — sussurrou Todd, depois que o inspetor estava fora do alcance da voz. — Mas…

— Mas o quê, Todd? Diga-me — implorou Neil.

Todd olhou para baixo.

— Eu não quero ler.

— O quê? — Neil olhou para ele incrédulo.

— Keating disse que todos se revezavam na leitura — explicou Todd. — Eu não quero fazer isso.

— Deus, você realmente tem um problema, não é? — Neil balançou a cabeça. — Como ler pode fazer mal a você? Quero dizer, não é disso que se trata? Expressar-se?

— Neil, não consigo explicar. — Todd corou. — Eu só não quero fazer isso.

Neil juntou seus papéis com raiva enquanto olhava para Todd. Então teve uma

ideia.

— E se você não tivesse que ler? — sugeriu Neil. — E se você apenas viesse e ouvisse?

— Não é assim que funciona — destacou Todd. — Se eu entrar, os caras vão querer que eu leia.

— Eu sei, mas e se eles dissessem que você não precisa?

— Você quer dizer *pedir para eles*? — O rosto de Todd ficou vermelho. — Neil, isso é uma vergonha.

— Não, não é — declarou Neil, pulando da cadeira. — Apenas espere aqui.

— Neil — chamou Todd, quando o inspetor se virou e lhe lançou um olhar de desaprovação.

Neil saiu antes que Todd pudesse detê-lo. Este caiu miseravelmente em seu assento, então abriu o livro de história e começou a fazer anotações.



Capítulo 7

Neil conversava em voz baixa com Charlie e Knox no dormitório enquanto o desfile de atividades noturnas antes de dormir acontecia ao redor deles. Meninos se moviam pelo corredor de pijama, carregando travesseiros debaixo de um braço e livros sob o outro. Neil jogou a toalha por cima do ombro, deu um tapinha nas costas de Knox e foi em direção ao quarto. Ele jogou a toalha de lado e notou algo em sua mesa que não estava lá antes.

Hesitou por um momento, então pegou uma velha e desgastada antologia de poesia. Abriu-a e, dentro da capa, escrito à mão, estava o nome "J. Keating". Neil leu em voz alta a inscrição sob a assinatura. "Poetas mortos". Esticou-se na cama e começou a folhear as finas páginas amareladas do texto antigo. Leu por cerca de uma hora, vagamente ciente dos sons do corredor se acalmando, portas se fechando e luzes sendo apagadas. *Lá se vai o dr. Hager; ele ainda está acordado*, pensou Neil, ouvindo o marechal do dormitório arrastando os pés para lá e para cá no corredor, certificando-se de que tudo estava quieto. Ele pareceu parar bem na frente da porta fechada de Neil.

— Tudo calmo — proferiu o dr. Hager, balançando a cabeça. — Calmo demais.

Várias horas depois, certos de que todos já estavam em sono profundo, os meninos se encontraram na velha árvore de bordo retorcida. Eles se agasalhavam com chapéus, casacos e luvas de inverno, e alguns deles trouxeram lanternas para guiar o caminho.

— Gggrrr! — Os garotos se assustaram com o som do cão de caça que farejava o caminho para fora dos arbustos.

— Cachorrinho legal — disse Pitts, enfiando alguns biscoitos na boca e deixando uma pilha deles no chão. — Vamos dar no pé — sibilou, enquanto o cachorro se aproximava da comida.

— Boa ideia, Pittsie — elogiou Neil enquanto os meninos cruzavam o campus

sob a luz de um céu brilhante com estrelas.

— Está frio — reclamou Todd enquanto escapavam do campus aberto e varrido pelo vento, e se moviam por uma misteriosa floresta de pinheiros, procurando a caverna. Charlie correu na frente enquanto os outros caminhavam lentamente no frio.

— Estamos quase lá — disse Knox quando chegaram à margem do riacho e começaram a procurar a caverna que deveria existir em algum lugar entre as raízes das árvores e arbustos.

— É isso aí! Eu sou um poeta morto! — gritou Charlie, de repente surgindo do nada. Ele havia encontrado a caverna.

— Ahh! — gritou Meeks. — Toma essa, Dalton — disse Meeks a Charlie, que recobrava a compostura.

— É isso, rapazes. — Charlie sorriu. — Estamos em casa!

Os meninos se amontoaram na caverna escura e passaram vários minutos juntando gravetos e lenha, tentando acender uma fogueira. O fogo ganhou vida e aqueceu o interior estéril. Os meninos ficaram em silêncio, como se estivessem em um santuário sagrado.

— Venho por meio deste convocar novamente a Célula Welton da Sociedade dos Poetas Mortos — proferiu Neil em tom solene. — Essas reuniões serão conduzidas por mim e pelo resto dos novos iniciados agora presentes. Todd Anderson, porque prefere não ler, manterá as atas das reuniões.

Todd estremeceu enquanto Neil falava, descontente, mas incapaz de falar por si mesmo.

— Agora vou ler a tradicional mensagem de abertura do membro da Sociedade Henry David Thoreau. — Neil abriu o livro que Keating havia deixado para ele e leu: — “Fui para a floresta porque queria viver com consciência”. — Pulou o texto. — “Eu queria viver com profundidade e sugar todo o tutano da vida!”

— Faço dessas minhas palavras — interrompeu Charlie.

— “Desfazer-me de tudo o que não era vida” — continuou Neil, pulando outra vez. — “Para que, quando eu viesse a morrer, não descobrisse que não tinha vivido.”

Houve um longo silêncio.

— Faça o juramento, Overstreet — convocou Neil.

Knox se levantou. Neil entregou-lhe o livro. Knox encontrou outra página e leu:

— “Se alguém avançar com confiança na direção de seus sonhos, terá um sucesso inesperado em horas comuns.” Sim! — exclamou Knox, com olhos brilhantes. — Eu quero sucesso com Chris!

Charlie tirou o livro de Knox.

— Qual é, cara? — reclamou, fazendo uma careta para Knox — Isso é sério. — Limpou a garganta:

Existe o amor de uma bela dama,
E o amor de homem sincero, leal,
E o amor de um bebezinho sem drama.
Existem desde o tempo inicial.
Mas o amor mais maravilhoso,
Amor acima de todo amoroso,
Até mais forte que amor maternal,
É o amor infinito, ardoroso,
De um grande bêbado por seu igual.

— "Autor desconhecido." — Charlie riu e passou o livro para Pitts.

— "Aqui minha esposa jaz: aqui deixa que ela jaza. Ora seu descanso faz… e eu tenho paz em casa!" — Pitts soltou uma risadinha. — "John Dryden, 1631-1700". Nunca imaginei que esses caras tinham senso de humor — declarou.

Pitts passou o livro a Todd enquanto os meninos riam de sua piada. Todd congelou, segurando o livro, e Neil rapidamente o pegou antes que os outros percebessem.

Charlie tirou o livro de Neil e leu:

Ensinar-me a amar? Ora, faça-me o favor:
Sou decano do amor.
O deus do amor, se existir, poderia, assim,
Aprendê-lo de mim.

Os meninos soltaram vários "oh" e "ah" diante da suposta maestria de Charlie.

— Qual é, pessoal, a gente tem que levar a sério — reclamou Neil.

Cameron pegou o livro.

— Este é sério — declarou, e começou a ler:

De música, nós somos fazedores
De sonhos, nós somos os sonhadores,
Sós, pela beira do mar, nós andamos,
À beira do rio distante, sentamos;
Perdedores do mundo, abandonados,
Pelo fraco luar iluminados;

Porém, é a nossa mente que amplia
E mexe o mundo, sempre; quem diria!
Com nossa bela canção imortal
Nós erguemos cidades sem igual,
E de uma fabulosa história
Urdimos de um império a glória;
Um homem levando sonho que voa
Facilmente conquista uma coroa;
E três com seus novos versos armados
Podem deixar reinos bem arrasados.
Nós, nos anos que jazem enterrados
No passado da terra, elevamos
Nínive só com os suspiros dados,
E Babel, com a alegria, montamos.

— Amém — disseram vários meninos.
— Shhh — sibilaram os outros.
Cameron continuou:

E, como profetas, as derrubamos,
Para o velho valor dum mundo novo
Cada era é um sonho que matamos
Ou fazemos eclodir de seu ovo.

Cameron fez uma pausa dramática.
— Esse foi escrito por Arthur O'Shaughnessy, 1844–81.
Os meninos ficaram em silêncio. Meeks pegou o livro e folheou as páginas.
— Ei, este é ótimo — declarou, e começou a ler com seriedade:

Desta noite que me envolver quer,
Escura como breu, do sul ao norte,
Dou muitas graças a um deus qualquer
Por esta minha invicta alma forte.

— Este é de W. E. Henley, 1849-1903.
— Qual é, Meeks — zombou Pitts. — Você?
— O que que tem? — perguntou Meeks, com um olhar repleto de surpresa e inocência.
Foi a vez de Knox folhear o livro; de repente, ele gemeu alto, lendo como se

tivesse uma visão de Chris na caverna.

— “Como eu vos amo? Deixai que eu conte as maneiras. Eu vos amo até as profundezas…”

Charlie tirou o livro dele.

— Abaixe a bola aí, Knox — rosnou.

Os meninos riram. Neil pegou o livro e leu para si mesmo por um minuto. Os meninos se amontoaram ao redor do fogo que agora estava ficando mais fraco.

— Sshh — sibilou Neil, lendo com cuidado:

Vinde, meus amigos,
Não é tarde para buscar um novo mundo…
pois é meu propósito
Velejar para além do poente… e ainda
Que não sejamos aquela força, a qual nos dias idos
Movia os céus e a terra; aquilo que somos,
somos;
Uma mesma têmpera de corações corajosos,
Tornada fraca pelo tempo e fado, mas forte na vontade
De esforçar-se, de buscar, de encontrar, e não ceder.

— De “Ulysses”, escrito por Tennyson — concluiu.

Os meninos ficaram em silêncio, tocados pela leitura apaixonada de Neil e pela declaração de propósito de Tennyson.

Pitts pegou o livro. Começou a bater um ritmo de congo enquanto lia o poema:

Pretos gordos[2] *em uma adega de rum,*
Reis do boteco, seus pés tremiam,
Eles caíam, cambaleavam, na mesa batiam
Batucando um barril sem líquido algum
Com tanta força quanto podiam,
Tum, tum, TUM
Com sombrinha de seda num barril sem líquido algum,
Ta-tum, ta-tum, ta-tum, TUM
*E*NTÃO *tive religião,* ENTÃO *tive uma visão*
E não pude fugir de sua festa com derrisão
*E*NTÃO EU VI O CONGO RASTEJANDO
*E*M MEIO AO SOMBREADO
*C*ORTANDO EM MEIO À FLORESTA COM

Um traço dourado…

Enquanto Pitts continuava a ler, os meninos ficaram encantados com o ritmo inebriante do poema. Dançaram e fizeram palhaçadas a sua batida, pulando e gritando. Seus gestos se ampliavam constantemente, mais selvagem e mais ridículos, e começaram a fazer barulhos de selva, batendo nas pernas e cabeças. Pitts continuava a ler enquanto Charlie liderava o grupo, dançando e uivando, para fora da caverna, noite adentro.

Eles dançavam loucamente na floresta, balançando com as árvores altas e o vento uivante.

O fogo na caverna se apagou e a floresta ficou escura como breu. Os meninos pararam de dançar e, assim que o fizeram, começaram a tremer, em parte pelo frio e em parte pela alegria que sentiam por terem deixado sua imaginação correr livre.

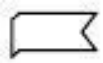
— É melhor irmos — declarou Charlie. — Logo, logo será hora de ir para a aula.

Eles serpentearam pela floresta até uma clareira que levava de volta ao campus de Welton.

— De volta à realidade — lamentou Pitts quando se viram de frente ao campus.

— Ou algo assim. — Neil suspirou.

Correram em passos silenciosos para o dormitório, tiraram o galho que mantinha a porta dos fundos aberta e andaram na ponta dos pés para seus quartos.



No dia seguinte, vários festejadores noturnos bocejavam na aula do sr. Keating. Este, no entanto, andava vigorosamente para frente e para trás na frente da sala.

— Um homem não está muito cansado, ele está exausto. Não use muito triste, use… — Ele estalou os dedos e apontou para um menino.

— Taciturno?

— Bom! — exclamou Keating com um sorriso. — A linguagem foi inventada por um motivo, rapazes. — Ele estalou os dedos outra vez e apontou para Neil.

— Para se comunicar?

— Não — atalhou Keating. — Para cortejar mulheres. E, nesse esforço, a preguiça não serve. Também não servirá em suas redações.

A turma riu. Keating fechou o livro, caminhou até a frente da sala e ergueu um

mapa que cobria a lousa. Nela, havia uma citação. Keating leu em voz alta para a classe:

> *Credos e escolas em suspenso, permito falar a todo custo, a Natureza sem controle com a energia original…*

— Tio Walt de novo — explicou ele. — Ah, mas existe a dificuldade de ignorar esses credos e escolas, porque somos condicionados por nossos pais, nossas tradições, pela era moderna. De que forma nós, como Walt, podemos permitir que nossas próprias naturezas verdadeiras falem? Como nos despojamos de preconceitos, hábitos, influências? A resposta, meus queridos rapazes, é que devemos nos esforçar de maneira constante para encontrar um novo ponto de vista.

Os meninos ouviam atentamente. Então, de repente, Keating pulou em sua mesa.

— Por que estou aqui em cima? — perguntou.

— Para se sentir mais alto? — sugeriu Charlie.

— Eu subo na minha mesa para me lembrar de que devemos constantemente nos forçar a olhar para as coisas de maneira diferente. O mundo parece diferente daqui de cima. Se vocês não acreditam, subam aqui e experimentem. Todos vocês. Revezem-se.

Keating pulou. Todos os meninos, exceto Todd Anderson, caminharam até a frente da sala e, cada um por vez, se revezaram subindo na mesa de Keating. Este, cheio de expectativa, caminhava para cima e para baixo pelos corredores enquanto os observava.

— Se você tem certeza de algo — começou enquanto eles voltavam lentamente para seus assentos —, force-se a pensar de outra maneira, mesmo que você saiba que é errada ou boba. Ao ler, não considere apenas o que o autor pensa, mas reserve um tempo para considerar o que *você* pensa. Vocês devem se esforçar para encontrar sua própria voz, rapazes, e quanto mais esperarem para começar, menor será a probabilidade de encontrá-la. Thoreau disse: “A maioria dos homens leva uma vida de desespero silencioso”. Por que se resignar a isso? Arrisquem-se a caminhar em novos terrenos. Agora…

Keating caminhou até a porta enquanto todos os olhos atentos o seguiam. Ele olhou para a turma, depois acendeu e apagou as luzes da sala várias vezes, fazendo um barulho que soava como um trovão.

— Além de suas redações — começou ele após essa manifestação barulhenta —, quero que cada um de vocês escreva um poema, algo de sua autoria, para ser apresentado em voz alta na sala. Vejo vocês na segunda-feira.

Com isso, saiu da sala. A turma ficou muda e perplexa com seu professor excêntrico.

Depois de um momento, Keating colocou a cabeça para trás, soltando um sorriso malicioso.

— Acredite, sei bem que essa tarefa o assusta até a morte, sr. Anderson, sua toupeira.

Keating estendeu a mão e fingiu enviar raios para Todd. A turma riu nervosamente, um tanto envergonhada por Todd, que forçou um esboço de sorriso.

As aulas terminaram mais cedo na sexta-feira, e os meninos saíram da sala de Keating felizes por ter uma tarde de folga.

— Vamos até a torre do sino para trabalhar naquela antena de rádio de cristal — propôs Pitts a Meeks enquanto caminhavam pelo campus. — Rádio América Livre!

— Claro — respondeu Meeks.

Eles passaram por multidões que esperavam ansiosas pelo preenchimento das caixas de correio. Um grupo de meninos jogava lacrosse no gramado e, ao longe, o sr. Nolan gritava ordens à equipe de remo da Welton, que treinava no lago.

Knox colocou seus livros na cesta da bicicleta e passeou pelo campus. Aproximou-se dos portões de Welton, olhou por cima do ombro para se certificar de que não havia sido visto e pedalou furiosamente para fora deles, em meio aos campos, em direção à vila de Welton.

Respirando profundamente, olhou em volta em busca de sinais de alguém da Welton Academy enquanto pedalava até a Ridgeway High School. Parou em uma cerca, observando os alunos embarcarem em três ônibus estacionados. Membros uniformizados da banda marcial, praticando suas batidas e escalas, pularam no primeiro ônibus. Jogadores de futebol com uniformes acolchoados, empurrando todos, abriam caminho para o segundo ônibus. Embarcando no terceiro ônibus estava um bando de líderes de torcida rindo e cantando; entre elas, Chris Noel.

Knox ficou na cerca observando-a. Viu-a correr até Chet, que carregava seu equipamento de futebol, e beijá-lo nos lábios. Chet a puxou para ele, e ela riu, depois correu e entrou no ônibus das líderes de torcida.

Knox montou na bicicleta e pedalou lentamente de volta para Welton. Desde o jantar com os Danburrys, fantasiava em ver Chris Noel outra vez. Mas não assim… não em um abraço apaixonado com Chet Danburry. Knox se perguntou se poderia mesmo reunir as palavras para fazer Chris desmaiar por ele?

Mais tarde, ainda naquele dia, Todd estava sentado em seus calcanhares, com um cotovelo apoiado em um bloco de papel. Começou a escrever algo, riscou,

arrancou a página e jogou no lixo. Cobria o rosto de frustração quando Neil entrou voando pela porta. Este jogou seus livros sobre a mesa; tinha o rosto corado de excitação.

— Encontrei! — gritou.

— Encontrou o quê? — perguntou Todd.

— O que eu quero fazer! Agora mesmo. O que realmente está dentro de mim. — Entregou a Todd um pedaço de papel.

— *Sonho de uma noite de verão* — leu Todd. — O que é isso?

— Uma peça, seu besta.

— Eu sei disso. — Todd estremeceu visivelmente. — O que isso tem a ver com você?

— Estão montando no Henley Hall. Veja: "Testes abertos".

— E daí? — perguntou Todd.

— E daí que eu vou atuar! — gritou Neil, pulando em sua cama. — Desde que me lembro, queria experimentar. No verão passado, eu até tentei ir a audições de verão, mas é claro que meu pai não me deixou.

— E agora ele vai? — perguntou Todd, levantando a sobrancelha.

— Que diabos, lógico que não, mas não é esse o ponto. A questão é que, pela primeira vez em toda a minha vida, sei o que quero e, pela primeira vez, vou fazê-lo, quer meu pai queira ou não! *Carpe diem*, Todd!

Neil pegou a peça e leu algumas linhas. Sorriu, cerrando o punho e erguendo-o no ar, de alegria.

— Neil, como você vai estar em uma peça se seu pai não deixar? — insistiu Todd.

— Primeiro eu tenho que conseguir o papel; depois me preocupo com isso.

— Ele não vai matar você se não falar para ele que está fazendo o teste?

— Da minha parte — começou Neil —, ele não terá que saber de nada disso.

— Qual é, você sabe que isso é impossível — ressaltou Todd.

— Besteira! Nada é impossível — declarou Neil com um sorriso.

— Por que você não pergunta a ele primeiro? Talvez diga sim — sugeriu Todd.

— Só pode ser piada. — Neil riu. — Se não perguntar, pelo menos não vou desobedecê-lo.

— Mas se ele disse não antes, então… — começou Todd.

— De que lado você está, afinal? Eu nem consegui o papel ainda. Não posso nem me divertir com a ideia por um tempo?

— Desculpe — disse Todd, voltando ao seu trabalho. Neil sentou-se em sua cama e começou a ler a peça.

— A propósito, há uma reunião esta tarde — disparou Neil. — Você vem?

— Acho que vou — respondeu Todd enquanto fazia uma careta.

Neil largou a peça e olhou para seu colega de quarto.

— Você não presta atenção a nada do que o sr. Keating diz, não é? — perguntou incrédulo.

— O que você quer dizer com isso? — Todd colocou-se na defensiva.

— Estar no clube significa ser agitado pelas coisas. Você parece tão agitado quanto uma fossa.

— Você quer que eu saia? É isso que você está dizendo? — retrucou Todd com raiva.

— Não! — começou Neil, com suavidade — Eu quero que você participe, mas isso significa que você tem que fazer alguma coisa. Não apenas *dizer* que você está dentro.

Todd se virou com raiva.

— Ouça, Neil, eu agradeço seu interesse por mim, mas eu não sou como você — insistiu. — Quando você diz coisas, as pessoas prestam atenção. As pessoas seguem você. Eu não sou assim!

— Por que não? Você não acha que poderia ser? — pressionou Neil.

— Não! — gritou Todd. — Ah, eu não sei. Provavelmente nunca saberei. A questão é que não há nada que você possa fazer sobre isso, então não se meta, está bom? Eu posso cuidar de mim mesmo muito bem, certo?

— Eh, não…— respondeu Neil.

— Não? — Todd parecia surpreso. — O que você quer dizer com "não"?

Neil encolheu os ombros com naturalidade e repetiu:

— Não. Eu não vou deixar de me meter.

Neil abriu sua peça e começou a ler outra vez. Todd ficou apenas sentado e olhou para ele.

— Ok — cedeu Todd, derrotado. — Eu vou.

— Bom. — Neil sorriu e continuou lendo a peça.

O poema *The Congo,* de Vachel Lindsay, que possui algumas de suas estrofes declamadas pelas personagens deste livro, é unanimemente encarado hoje como problemático, para dizer o mínimo. Lindsay foi considerado um importante poeta estadunidense do começo do século xx, considerado um precursor da poesia modernista, em particular por sua experimentação com métricas, efeitos sonoros e temas pouco convencionais. Analistas argumentam que a intenção de Lindsay com *The Congo* era, provavelmente, a de homenagear o poder da arte e da cultura africana, em especial de sua música e ritmos; no entanto, o consenso é que as imagens utilizadas, representando pessoas negras e africanas como selvagens ou bêbados descontrolados, provoca justamente o efeito contrário, perpetuando estereótipos racistas e contribuindo para aprofundar a

desumanização desses indivíduos. Não pensamos, contudo, que seria responsável de nossa parte publicá-lo nos dias atuais sem esta nota crítica. (N. E.)



Capítulo 8

A Sociedade dos Poetas Mortos se reuniu na caverna antes do treino de futebol naquela tarde. Charlie, Knox, Meeks, Neil, Cameron e Pitts caminharam pela sede do clube, explorando seus cantos e recantos e esculpindo seus nomes nas paredes. Todd chegou tarde, mas uma vez que todos estavam reunidos, Neil se levantou e começou a reunião.

— Fui para a floresta porque queria viver com consciência. Eu queria viver com profundidade e sugar todo o tutano da vida.

— Deus — lamentou Knox —, eu quero sugar todo o tutano da Chris! Estou tão apaixonada que sinto que vou morrer!

— Você sabe o que os poetas mortos diriam. — Cameron riu. — "Colhei as rosas enquanto podeis…"

— Mas ela está apaixonada pelo filho idiota do melhor amigo do meu pai! O que os poetas mortos diriam sobre isso? — Knox se afastou do grupo em desespero.

Neil se levantou e saiu.

— Eu tenho que ir para as audições — anunciou em tom nervoso. — Desejem-me sorte.

— Boa sorte — disseram Meeks, Pitts e Cameron em coro. Todd ficou em silêncio enquanto olhava Neil partir.

— Sinto que *nunca* estive vivo — observou Charlie com tristeza. — Durante anos, não arrisquei *nada*. Não tenho ideia do que sou ou do que quero fazer. Neil sabe que quer atuar. Knox sabe que deseja Chris.

— Precisa da Chris? Deve ter Chris! — gemeu Knox.

— Meeks — chamou Charlie. — Você é o cérebro aqui. O que os poetas mortos dizem sobre alguém como eu?

— Os românticos eram experimentadores apaixonados, Charles. Eles se envolveram com muitas coisas antes de se estabelecerem, se é que se

estabeleceram — ponderou Meeks.

Cameron fez uma careta.

— Não há muitos lugares para ser um experimentador em Welton, Meeks.

Charlie andou de um lado para o outro enquanto os meninos refletiam sobre a observação de Cameron. Ele parou e seu rosto se iluminou.

— Declaro que esta é a Caverna Charles Dalton para Experimentação Apaixonada. — Ele sorriu. — No futuro, qualquer pessoa que deseje entrar deve ter minha permissão.

— Alto lá, Charlie — objetou Pitts. — Ela deve pertencer ao clube.

— Deveria, mas eu a encontrei, e agora eu reivindico sua posse. *Carpe cavem*, rapazes. Aproveitem a caverna — retrucou Charlie com um sorriso.

— Ainda bem que há apenas um de você por aqui, Charles — declarou Meeks filosoficamente, enquanto os outros se entreolhavam e balançavam a cabeça.

Os meninos aproveitaram a caverna e nela encontraram um lar longe de Welton, longe dos pais, professores e amigos; um lugar onde poderiam ser pessoas que nunca sonharam ser. A Sociedade dos Poetas Mortos estava viva, próspera e pronta para aproveitar o dia.

Os meninos deixaram a caverna com relutância e voltaram ao campus bem a tempo para o treino.

— Olha só quem é o treinador de futebol — observou Pitts, quando avistaram Keating se aproximando do campo. Estava carregando algumas bolas de futebol debaixo de um braço e um estojo embaixo do outro.

— Muito bem, rapazes, quem está com a chamada? — perguntou Keating.

— Eu, senhor — adiantou-se um aluno mais velho, entregando a Keating a lista de turmas.

Keating pegou a lista de três páginas e a examinou.

— Responda com “presente”, por favor — pediu. — Chapman?

— Presente.

— Perry? — Ninguém respondeu. — Neil Perry?

— Ele tinha uma consulta odontológica, senhor — explicou Charlie.

— Ummhmm. Watson? — chamou Keating. Ninguém respondeu. — Richard Watson ausente também, hein?

— Watson está doente, senhor — gritou alguém.

— Hmm. Doente, deveras. Acho que devo dar uma advertência a Watson. Mas se eu der uma advertência a Watson, também terei que dar uma advertência a Perry… e eu gosto de Perry. — Ele amassou a lista de presença e a jogou fora. Os meninos olharam, surpresos. — Rapazes, vocês não precisam estar aqui se não quiserem. Quem quiser jogar, siga-me.

Keating marchou com as bolas e o estojo na mão. Espantados com seus

caprichos, a maioria dos meninos o seguiu, conversando animadamente entre si.

— Sentem-se agora, rapazes — instruiu Keating quando chegaram ao meio do campo. — Os fanáticos podem argumentar que um jogo ou esporte é inerentemente melhor do que outro — disse ele, andando de um lado para o outro. — Para mim, a coisa mais importante em todo esporte é a maneira como outros seres humanos podem nos estimular a fim de alcançar a excelência. Platão, um homem talentoso como eu, disse uma vez: "Só a competição me tornou um poeta, um sofista, um orador". Cada um, pegue um pedaço de papel; façam uma fila única.

Keating distribuiu tiras de papel para os alunos curiosos. Em seguida, correu pelo campo, colocando uma bola três metros à frente do menino no início da longa fila. Todd Anderson ficou apático na retaguarda enquanto Keating gritava uma série de comandos.

— Vocês sabem o que fazer… agora vão! — ordenou ele, assim que George McAllister passou pelo campo de futebol. Este parou, fascinado, quando o primeiro menino saiu e leu em voz alta seu pedaço de papel:

— "Oh, lutar contra grandes adversidades, enfrentar inimigos destemidos!" — Ele correu e chutou a bola em direção ao gol, errando.

— Está tudo bem, Johnson, é o esforço que conta — Keating o consolou, enquanto colocava outra bola. Abriu seu estojo e pegou um toca-discos portátil. Enquanto o segundo menino, Knox, esperava sua vez, Keating colocou para tocar um disco de música clássica, em volume alto.

— Ritmo, rapazes! — gritou Keating sobre os acordes da música. — O ritmo é importante.

Knox leu em voz alta:

— "Ficar totalmente sozinho com eles, descobrir o quanto se pode suportar!" — Knox correu e chutou a bola, gritando "Chet!" em voz alta, pouco antes de acertá-la com o pé.

Meeks estava agora na frente da fila.

— "Olhar combativo, tortura, prisão, ódio popular cara a cara!" — gritou ele, correndo e chutando a bola, diretamente e com muita vontade.

Charlie saiu em seguida.

— "Ser realmente um deus!" — gritou Charlie, chutando a bola através da trave com força e determinação.

McAllister balançou a cabeça, sorriu e foi embora.

A fila de jogadores leu e chutou até escurecer.

— Continuaremos da próxima vez, rapazes — disse Keating. — Bom trabalho.

Todd Anderson suspirou de alívio e começou a correr de volta para o

dormitório.

— Não se preocupe, sr. Anderson — chamou-o Keating. — Você também terá uma chance.

Ele se sentiu corar e, quando chegou ao dormitório, bateu a porta atrás de si, correu para o quarto e se jogou na cama.

— Droga — gritou. Sentou-se diante do poema composto pela metade, rabiscado no bloco que ainda estava em sua cama. Pegou um lápis, acrescentou uma linha e quebrou-o com raiva. Andou pelo quarto, suspirou, pegou outro lápis e tentou forçar as palavras.

— Eu consegui! — Todd ouviu Neil gritando no corredor. — Ei, pessoal, eu consegui o papel! Vou atuar na peça! — Ele abriu a porta do quarto e viu Todd sentado lá. — Ei, eu sou Puck!

— Filho da Puck! Cala a boca! — gritou uma voz no final do corredor.

Charlie e vários outros meninos entraram no quarto.

— Muito bem, Neil! Parabéns! — elogiaram.

— Obrigado, pessoal. Agora voltem para suas tarefas. Eu tenho trabalho a fazer.

Os meninos foram embora e Neil tirou uma velha máquina de escrever que estava embaixo da cama.

— Neil, como você vai fazer isso? — perguntou Todd.

— Ssshh! É disso que estou cuidando agora — explicou Neil. — Eles precisam de uma carta de permissão.

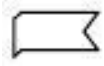
— Sua? — perguntou Todd.

— Do meu pai e Nolan.

— Neil, você não vai… — começou Todd.

— Quieto, eu tenho que pensar — pediu Neil.

Ele murmurou linhas da peça e riu para si mesmo enquanto digitava. Todd balançou a cabeça em descrença e tentou se concentrar em seu poema.



Na aula do sr. Keating no dia seguinte, Knox Overstreet foi o primeiro a ler seu poema original.

Vejo uma doçura em seu sorrir
A luz seus olhos a colorir
A vida está plena; a sentir
Satisfação estou só de saber que…

Knox parou. Abaixou o papel.

— Sinto muito, sr. Keating. Está ruim… — Knox voltou para seu assento.

— Está tudo bem, Knox, valeu o esforço — consolou Keating. — O que Knox fez — continuou Keating enquanto encarava a classe — demonstra um ponto importante, não apenas na escrita de poesia, mas em todos os empreendimentos. Ou seja, trate das coisas importantes da vida: amor, beleza, verdade, justiça.

Ele andou na frente da classe.

— E não limite a poesia à palavra. A poesia pode ser encontrada na música, na fotografia, na maneira como uma refeição é preparada — *em qualquer coisa* que tenha um item revelador. Pode existir nas coisas mais cotidianas, mas nunca, nunca deve ser *comum*. Por todos os meios, escreva sobre o céu ou o sorriso de uma garota, mas quando o fizer, deixe sua poesia evocar o dia da salvação, o dia do juízo final, qualquer dia. Eu não me importo, contanto que nos ilumine, nos emocione e, se for inspirado, faça com que nos sintamos um pouco imortais.

— Ó capitão! Meu capitão — começou Charlie —, há poesia em matemática?

Vários meninos da classe riram.

— Absolutamente, sr. Dalton, há… elegância na matemática. Se todos *escrevessem* poesia, o planeta morreria de fome, pelo amor de Deus. Mas deve haver poesia e devemos parar para observá-la até mesmo nos atos mais simples da vida ou teremos desperdiçado muito do que a vida tem a oferecer. Agora, quem quer recitar em seguida? Vamos! De qualquer forma, vai chegar a vez de todos.

Keating olhou em volta, mas ninguém se ofereceu. Caminhou em direção a Todd e sorriu.

— Olhe para o sr. Anderson. Em tanta agonia. Dê um passo à frente, rapaz, e vamos acabar com sua miséria.

Todos os alunos olharam para Todd, que ficou nervoso e caminhou devagar até a frente da classe; seu rosto era a máscara de um condenado a caminho da execução.

— Todd, você preparou seu poema? — perguntou o sr. Keating.

Todd balançou a cabeça.

— O sr. Anderson acredita que tudo o que ele tem dentro de si é inútil e embaraçoso. Correto, Todd? Não é esse o seu medo?

Todd acenou com a cabeça bruscamente.

— Então, hoje, veremos que o que está dentro de você vale muito.

Keating deu passos largos até a lousa e escreveu rapidamente: “EU FAÇO SOAR MEU CLAMOR BÁRBARO SOBRE OS TELHADOS DO MUNDO”. Walt Whitman. Ele se virou para a classe.

— Um clamor, para quem não sabe, é um grito ou berro alto. Todd, gostaria

que você nos desse uma demonstração de um clamor bárbaro.

— Um clamor? — repetiu Todd, quase inaudível.

— Um clamor bárbaro.

Keating fez uma pausa e, de repente, lançou-se ferozmente em direção a Todd.

— Pelo amor de Deus, moleque, solta um berro — gritou.

— Clamor — proferiu Todd com uma voz assustada.

— De novo! Mais alto! — insistiu Keating.

— CLAMOR.

— MAIS ALTO!

— AAAHHHHHH!

— Está certo! Muito bem, Anderson. Afinal de contas, tem um bárbaro aí.

Keating bateu palmas e a turma se juntou. Com o rosto vermelho, Todd relaxou um pouco.

— Todd, há uma foto de Whitman sobre a porta. O que ele lembra? Rápido, Anderson, não pense muito.

— Um louco — respondeu Todd.

— Um louco. Que tipo de louco? Não pense! Responda!

— Um… louco maluco.

— Use sua imaginação — insistiu Keating. — A primeira coisa que vem à sua mente, mesmo que seja sem sentido.

— Um… um louco de dentes suados.

— Agora é o poeta falando — encorajou Keating. — Feche os olhos. Descreva o que você vê. AGORA! — gritou ele.

— Eu… Eu fecho meus olhos. Sua imagem passa ao meu lado — disse Todd, depois hesitou.

— Um louco de dentes suados — acrescentou Keating.

— Um louco de dentes suados…

— Vamos lá! — gritou Keating.

— Com um olhar que acerta meu cérebro — completou Todd.

— Excelente! Coloque-o para agir. Dê ritmo!

— Suas mãos se estendem e me sufocam.

— Sim… — insistiu Keating.

— O tempo todo ele murmura lentamente.

— Murmura o quê?

— A verdade… — gritou Todd. — A verdade é como um cobertor que sempre deixa seus pés frios!

Alguns meninos da classe riram e o rosto torturado de Todd ficou com raiva.

— Deixa que eles se lasquem — estimulou Keating. — Mais sobre o cobertor.

Todd abriu os olhos e se dirigiu à classe em uma cadência desafiadora.

— Estique-o, puxe-o, ele nunca cobrirá nenhum de nós.

— Vá em frente! — continuou Keating.

— Chute, bata, nunca será suficiente…

— Não pare! — berrou Keating.

— Desde o momento em que entramos chorando — gritou Todd, lutando, mas forçando as palavras — até o momento em que saímos morrendo, ele cobrirá apenas sua cabeça enquanto você lamenta, chora e grita!

Todd ficou parado por um longo tempo. Keating caminhou para o seu lado.

— Aí está a magia, sr. Anderson. Não se esqueça disso.

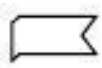
Neil começou a aplaudir. Outros se juntaram. Todd respirou fundo e pela primeira vez sorriu com um ar de confiança.

— Obrigado, senhor — agradeceu ele, sentando-se.

Depois da aula, Neil apertou a mão de Todd.

— Eu sabia que você poderia fazer isso — ele sorriu. — Ótimo trabalho. Vejo você na caverna esta tarde.

— Obrigado, Neil — disse Todd, ainda sorrindo. — Até logo.



Mais tarde naquele dia, Neil carregava um abajur velho, atravessando a floresta em direção à caverna.

— Desculpe, estou atrasado — ele bufou enquanto entrava apressado.

Os outros aspirantes da Sociedade dos Poetas Mortos estavam sentados no chão ao redor de Charlie, que estava sentado de pernas cruzadas e em silêncio diante deles, com os olhos fechados. Em uma das mãos, ele segurava um velho saxofone.

— Olhe para isto — pediu Neil.

— O que é? — perguntou Meeks.

— Dã, é um abajur, Meeks — atalhou Pitts.

Neil ergueu o abajur, puxou o cordão e revelou uma pequena estátua pintada.

— É o deus da caverna. — Neil abriu um largo sorriso.

— Dã, Pitts — retrucou Meeks.

Neil colocou a estátua, que tinha uma estaca saindo de sua cabeça, no chão. Pôs uma vela na estaca e a acendeu. A vela iluminou um menino tamboreiro azul e vermelho; seu rosto estava desgastado pelo tempo, mas tinha um ar nobre. Todd, que obviamente estava aliviado com o sucesso do dia, colocou o abajur na própria cabeça.

Charlie limpou a garganta em voz alta. Os meninos se viraram para ele e se

acomodaram.

— Senhores — começou ele —, “Poesiúsica”, de Charles Dalton.

Charles soprou um fluxo de notas aleatórias e estridentes no saxofone, então de repente parou. Em transe, ele começou a falar:

— Rir, chorar, cair, murmurar, tenho que fazer mais. Tenho que ser mais…

Ele tocou mais algumas notas no saxofone, então, falando mais rápido do que antes, continuou:

— Caos gritando, caos sonhando, chorando, voando, tenho que ser mais! Tenho que ser mais!

A caverna estava em silêncio. Então, Charlie pegou o instrumento e tocou uma melodia simples, mas de tirar o fôlego. Os olhares céticos no rosto dos meninos desapareceram enquanto Charlie continuava tocando, perdido na música e encerrando com uma nota longa e assustadora.

Os meninos ficaram em silêncio, deixando o belo som tomar conta deles. Neil falou primeiro.

— Charlie, isso foi ótimo. Onde você aprendeu a tocar assim?

— Meus pais me fizeram estudar clarinete, mas eu odiava — explicou Charlie, voltando à terra. — O sax é mais sonoroso — acrescentou ele com um sotaque britânico forçado.

De repente, Knox se levantou, afastou-se do grupo e lamentou seu tormento.

— Deus, eu não aguento mais! Se eu não tiver Chris, vou me matar!

— Knox, você tem que se acalmar — pediu Charlie.

— Não, eu estive calmo toda a minha vida! Se eu não *fizer* algo, vai me matar!

— Onde você está indo? — perguntou Neil enquanto Knox saía da caverna.

— Vou ligar para ela — declarou Knox, correndo para a floresta.

A reunião da Sociedade terminou de forma abrupta e os meninos seguiram Knox até o campus. Knox podia não morrer de passividade, mas havia uma boa chance de ele morrer de vergonha se ligasse para Chris, então os aspirantes da sociedade se sentiram obrigados a apoiar seu colega poeta.

— Eu tenho que fazer isso — disse Knox enquanto pegava o telefone do dormitório. Os meninos o cercaram de forma protetora enquanto ele discava corajosamente o número de telefone dela.

— Olá? — Knox ouviu a voz de Chris do outro lado da linha. Ele entrou em pânico e desligou.

— Ela vai me odiar! Os Danburrys vão me odiar. Meus pais vão me matar! — Ele olhou em volta para os outros, tentando ler seus rostos. Ninguém disse uma palavra. — Tudo bem, droga, vocês estão certos! *Carpe Diem*, mesmo que isso me mate.

Ele pegou o telefone e discou outra vez.

— Olá? — Ele ouviu a voz dela.

— Olá, Chris, aqui é Knox Overstreet — disse ele.

— Knox… ah sim, Knox. Estou feliz que você ligou.

— Está? — Ele cobriu o telefone e disse a seus amigos com entusiasmo: — Ela está feliz por eu ter ligado!

— Eu queria ligar para você — explicou Chris. — Mas eu não tinha o número. Os pais de Chet vão sair da cidade neste fim de semana, então Chet está dando uma festa. Você gostaria de vir?

— Bem, claro! — Knox sorriu.

— Os pais de Chet não sabem de nada, então, por favor, não fale nada. Mas você pode trazer alguém se quiser.

— Eu estarei lá — confirmou Knox com entusiasmo. — Na casa dos Danburrys. Sexta-feira à noite. Obrigado, Chris.

Ele desligou o telefone, emocionado, e soltou um grito alto.

— Vocês conseguem acreditar? Ela ia *me* ligar! Ela me convidou para uma festa!

— Na casa de Chet Danburry — disse Charlie com secura.

— Sim.

— Bem? — perguntou Charlie.

— O que que tem? — Knox estava ficando na defensiva.

— Então você acha mesmo que ela queria dizer para você ir com ela?

— Bem, claro que não, Charlie, mas esse não é o ponto. Esse definitivamente não é o ponto!

— Qual é o ponto? — insistiu Charlie.

— O ponto é que ela estava pensando em mim!

— Ah. — Charlie balançou a cabeça.

— Eu só a vi uma vez e ela já está pensando em mim. — Knox quase pulou para cima e para baixo. — Nossa, vai dar certo. Ela vai ser minha!

Ele correu para fora da sala do telefone; seus pés mal tocavam o chão. Seus amigos se entreolharam e balançaram a cabeça.

— Quem sabe? — murmurou Charlie.

— Só espero que ele não se magoe — disse Neil.



Capítulo 9

Neil pedalava rapidamente pela praça da cidade a caminho de Henley Hall, para os ensaios. Passou pela prefeitura e por uma fileira de lojas, e continuou ao longo da tranquila estrada de Vermont até chegar aos prédios de tijolos brancos de Henley Hall. Deslizou sua bicicleta pelo portão e a estacionou no cavalete em frente ao prédio. Ao entrar no auditório, o diretor o chamou.

— Apresse-se, Neil. Não podemos fazer essa cena sem nosso Puck.

Neil sorriu e correu para o centro do palco. A aderecista entregou-lhe uma vareta com a cabeça de um bobo da corte. Ele começou:

Ainda três? Vem um mais:
Dois de cada, quatro faz.
Triste, pobre, ela vem,
Cupido o hábito tem
De endoidar damas também.

Puck olhou para o chão, onde uma Hérmia louca, interpretada por Ginny Danburry, rastejava para o palco, exausta e com os olhos arregalados.

A diretora, uma professora loira na casa dos quarenta, parou Ginny quando ela começou suas falas e se virou para Neil.

— Muito bem, Neil — elogiou ela. — Eu tenho mesmo a sensação de que seu Puck sabe que ele está no comando. Lembre-se de que ele tem grande prazer no que está fazendo.

Neil acenou com a cabeça e repetiu ousada e travessamente:

— Cupido o hábito tem de endoidar damas também!

— Excelente — disse a diretora com um sorriso. — Continue, Ginny.

Ginny rastejou de volta para o palco e começou suas falas:

Nunca tão cansada, tão infeliz,
Cheia de orvalho, ferida de galhos,
Eu não posso mais seguir nem um triz.

A diretora gesticulava e apontava enquanto os alunos repassavam a cena várias vezes.

— Vejo você amanhã — disse Neil quando eles finalmente terminaram os ensaios do dia.

Caminhou até o bicicletário no crepúsculo; seus olhos brilhavam e seu rosto estava corado pela emoção que sentia ao atuar. Voltou pela pacata cidade de Vermont até a Welton Academy, repetindo as falas que havia praticado nas últimas duas horas.

Neil se aproximou dos portões de Welton com cautela, certificando-se de que ninguém estava por perto. Subiu a colina até o dormitório e estacionou sua bicicleta. Quando começou a entrar no prédio, viu Todd encolhido imóvel na parede de pedra.

— Todd? — chamou ele, caminhando para dar uma olhada melhor. Todd estava sentado tremendo no escuro, sem casaco. — O que está acontecendo? — perguntou Neil, olhando para seu colega de quarto.

Todd não respondeu.

— Todd, qual é o problema? — insistiu Neil, sentado ao lado dele na parede. — Está congelando aqui!

— É meu aniversário — respondeu Todd sem emoção.

— É? — perguntou Neil. — Por que você não me contou? Feliz aniversário! Você ganhou alguma coisa?

Exceto por seus dentes batendo, Todd ficou em silêncio e imóvel. Ele apontou para uma caixa. Neil abriu para encontrar o mesmo conjunto de mesa adornado com um monograma que Todd já tinha na sala.

— Este é o seu conjunto de mesa — constatou Neil. — Eu não entendo.

— Eles me deram exatamente a mesma coisa do ano passado! — gritou Todd. — Eles nem se lembraram!

— Ah! — soltou Neil em um tom abafado.

— Ah — zombou Todd.

— Bem, talvez eles tenham pensado que você precisaria de outro, um novo — sugeriu Neil depois de uma longa e constrangida pausa. — Talvez eles tenham pensado…

— Talvez eles não pensem em nada que não seja sobre meu irmão! — proferiu Todd com raiva. — O aniversário dele é sempre uma grande festa. — Ele olhou para o conjunto de mesa e riu. — O pior é que eu nem gostei do

primeiro!

— Olha, Todd, você está obviamente subestimando o valor deste conjunto de mesa — disse Neil com ironia, tentando mudar o clima.

— O quê?

— Quer dizer — continuou Neil e tentou sorrir. — Este é um presente especial! Quem ia querer uma bola de futebol, um taco de beisebol ou um carro quando poderia ter um conjunto de mesa tão maravilhoso quanto este!

— Sim! — Todd riu, infectado pelo humor de Neil. — E olha só para esta régua!

Eles riram enquanto olhavam para o conjunto. A essa altura, estava escuro e frio como breu. Neil estremeceu.

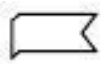
— Você sabe como papai me chamava quando eu estava crescendo? "Cinco e noventa e oito". Isso é o que todos os produtos químicos do corpo humano valeriam se você os engarrafasse e os vendesse em estado bruto. Ele me disse que era tudo o que eu valia, a menos que trabalhasse todos os dias para melhorar a mim mesmo. "Cinco e noventa e oito".

Neil suspirou e balançou a cabeça em descrença. *Não é de admirar que Todd esteja tão ferrado das ideias*, ele pensou.

— Quando eu era pequeno — continuou Todd —, eu achava que todos os pais amavam automaticamente seus filhos. Isso é o que meus professores me diziam. Isso é o que eu lia nos livros que eles me davam. Isso é o que eu acreditava. Bem, meus pais podem ter amado meu irmão, mas não me amavam.

Todd se levantou, respirou fundo e angustiado, e entrou no dormitório. Neil ficou sentado imóvel contra a parede de pedra congelante, tateando em busca de algo para dizer.

— Todd… — chamou ele desajeitadamente, enquanto corria atrás de seu colega de quarto.



— Ei — gritou Cameron quando os meninos começaram a entrar na sala do sr. Keating na tarde seguinte. — Há uma nota no quadro para nos encontrarmos no pátio.

— Eu me pergunto o que o sr. Keating vai fazer hoje. — Pitts sorriu com expectativa.

Os meninos correram pelo corredor e saíram pela porta para o pátio frio. O sr. McAllister espiou pela porta da sala de aula, balançando a cabeça com aborrecimento.

— Pessoal — proferiu Keating enquanto os meninos se reuniam ao seu redor. — Um elemento perigoso de conformidade está se infiltrando em seu trabalho. Senhor Pitts, Cameron, Overstreet e Chapman, alinhem-se aqui, por favor. — Ele apontou para os quatro meninos ficarem perto dele. — Contando até quatro, quero que vocês comecem a caminhar juntos pelo pátio. Nada para pensar. Nenhuma indicação aqui. Um, dois, três, vá!

Os meninos começaram a andar. Eles caminharam por um lado do pátio, pelos fundos, pelo outro lado e pela frente, completando o perímetro.

— Esse é o trajeto — confirmou Keating. — Por favor, continuem.

Os meninos caminharam pelo pátio de novo enquanto o resto da classe e o professor assistiam. Logo eles começaram a andar em sincronia, uma cadência de marcha emanando da caminhada. Eles continuaram em um padrão um-dois-três-quatro quando Keating começou a bater palmas no ritmo.

— Aí está… Ouviu? — ressaltou ele, batendo palmas mais alto no ritmo. — Um dois, um dois, um dois, um dois… Estamos todos nos divertindo, na aula do sr. Keating…

Sentado em sua sala de aula vazia, corrigindo trabalhos, McAllister observou a comoção pela janela. Os quatro marchadores entraram em cadência. Levantavam as pernas e balançavam os braços para frente e para trás, mantendo o ritmo vivo. A classe se juntou para bater palmas no passo.

Distraído com as palmas e aplausos, o diretor Nolan largou seu trabalho e olhou pela janela para as atividades da equipe de exercícios abaixo. As sobrancelhas de Nolan se franziram enquanto ele olhava para Keating batendo palmas e gritando para a turma de inglês. *Que diabos eles estão fazendo?*, ele se perguntou.

— Está bem, parem — ordenou Keating aos marchadores. — Vocês devem ter notado como no início os senhores Overstreet e Pitts pareciam ter um passo diferente dos outros: Pitts com suas longas guinadas, Knox com aquele pequeno salto leve; mas logo todos estavam andando na mesma cadência. Nosso incentivo tornou isso ainda mais marcante — ressaltou. — Agora, esse experimento não foi para destacar Pitts ou Overstreet. Na verdade, isso demonstra o quanto é difícil para qualquer um de nós ouvir a própria voz ou manter as próprias crenças na presença de outras pessoas. Se algum de vocês acha que teria marchado de forma diferente, pergunte a si mesmo por que estava batendo palmas. Rapazes, há uma grande necessidade em todos nós de sermos aceitos, mas vocês devem confiar no que é único ou diferente em vocês, mesmo que seja estranho ou impopular. Como disse Frost: “Duas estradas divergiam em uma floresta, e eu… eu escolhi a menos percorrida, / E isso fez toda a diferença”.

O sinal tocou, mas os meninos permaneceram enraizados em seus lugares, observando Keating e absorvendo sua mensagem. Então Keating despediu-se da turma e foi embora.

Nolan se afastou de sua janela enquanto a turma se dispersava. *O que eu faço com esse aí?*, ele pensou. McAllister, rindo das travessuras de Keating, voltou a avaliar seus trabalhos.

Os meninos caminharam do pátio para a próxima aula.

— Vamos nos encontrar na caverna depois do jantar — disse Cameron a Neil.

— Que horas?

— Sete e meia.

— Vou passar adiante — declarou Neil enquanto caminhava até Todd.

Mais tarde, naquela noite, Todd, Neil, Cameron, Pitts e Meeks sentaram-se ao redor de uma fogueira na caverna, aquecendo as mãos. Uma névoa espessa havia se espalhado e as árvores balançavam ruidosamente com as rajadas de vento.

— Está assustador esta noite — comentou Meeks com um arrepio, aproximando-se do fogo. — Onde está Knox?

— Preparando-se para aquela festa. — Pitts riu.

— E quanto a Charlie? Foi ele quem insistiu nesta reunião — constatou Cameron.

Os outros deram de ombros. Neil abriu a reunião.

— "Fui para a floresta porque queria viver com consciência. Eu queria viver com profundidade e sugar todo o tutano da vida…"

Neil parou quando ouviu um farfalhar na floresta. Todos ouviram alguma coisa, e com certeza não era o vento. Engraçado, parecia um bando de garotas rindo.

— Não consigo ver nada — a voz de uma garota ecoou na caverna.

— É bem aqui — os meninos ouviram Charlie dizer.

O fogo brilhou intensamente no rosto dos meninos, que estavam dispostos em círculo, enquanto Charlie e duas garotas mais velhas entravam rindo na caverna.

— Ei, pessoal — começou Charlie, com o braço em volta do ombro de uma loira bonita —, conheçam Gloria e… — Ele hesitou e olhou para a amiga de Gloria, uma garota simples, de cabelos escuros e olhos verdes.

— Tina — completou ela sem jeito, tomando um gole da lata de cerveja que segurava em uma das mãos.

— Tina e Gloria — apresentou Charlie, alegre —, esta é a turma de aspirantes da Sociedade dos Poetas Mortos.

— É um nome tão estranho! — Gloria riu. — Você não vai nos dizer o que significa?

— Eu já disse, é um segredo — explicou Charlie.

— Ele não é um tesouro? — Gloria derretia-se enquanto abraçava Charlie carinhosamente. Os meninos pareciam espantados com essas criaturas selvagens e exóticas que haviam entrado em sua caverna. Sem dúvida, elas eram mais velhas, tinham provavelmente cerca de vinte anos, e todos os meninos se perguntavam a mesma coisa: onde Charlie as encontrara?

— Pessoal — começou Charlie, puxando Gloria para perto de si enquanto os olhos dos outros meninos se abriam ainda mais —, eu tenho um anúncio. De acordo com o espírito de experimentação apaixonada dos Poetas Mortos, estou desistindo do nome Charles Dalton. De agora em diante, me chamem de "Nuwanda".

As meninas riram; os meninos gemeram.

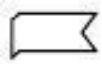
— Quer dizer que não posso mais chamá-lo de Charlie, querido? — perguntou Gloria, colocando os braços em volta do pescoço dele. — O que significa "Numama", meu docinho?

— É Nuwanda, e eu inventei — explicou Charlie.

— Estou com frio — reclamou Gloria enquanto se aproximava de Charlie.

— Vamos pegar mais alguns galhos para o fogo — propôs Meeks.

Charlie lançou um olhar para Meeks quando ele e os outros meninos deixaram a caverna. Caminhou até uma parede, raspou um pouco de lama e a passou no rosto como um guerreiro indígena. Lançou a Gloria um olhar sedutor e seguiu os meninos até a floresta para pegar um pouco de lenha. Tina e Gloria sussurraram e riram.



Enquanto os aspirantes da Sociedade caminhavam pela floresta, Knox Overstreet saiu do campus de bicicleta, em direção à residência dos Danburrys. Estacionou a bicicleta nos arbustos ao lado da casa, tirou o sobretudo e enfiou-o no alforje. Endireitou a gravata, subiu os degraus até a porta da frente e bateu. A música soava da casa em alto volume, mas ninguém atendeu a porta. Ele bateu novamente, depois girou a maçaneta e entrou.

Knox encontrou uma festa selvagem de fraternidade em andamento. Viu um casal se beijando no sofá do hall de entrada. Outros casais estavam em cadeiras, sofás, escadas ou no chão, alheios a qualquer outra pessoa ao seu redor. Knox ficou no saguão de entrada, sem saber o que fazer. Só então ele avistou Chris, saindo da cozinha; seu cabelo estava bagunçado e despenteado.

— Chris! —chamou.

— Ah, oi — cumprimentou ela casualmente — Estou feliz que você

conseguiu vir. Trouxe alguém?

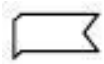
— Não — respondeu Knox.

— Ginny Danburry está aqui. Procure por ela — sugeriu Chris, enquanto começava a se afastar.

— Mas, Chris… — gritou Knox, tentando superar o volume da música explosiva.

— Eu tenho que encontrar Chet — gritou ela em resposta. — Sinta-se em casa.

Os ombros de Knox caíram enquanto Chris se afastava rapidamente. Ele passou por cima de casais esparramados no chão e olhou desanimado a sua volta, em busca de Ginny Danburry. *Que festa*, ele pensou.



Perto da caverna em Welton, os meninos tropeçavam na escuridão, apalpando o chão em busca de galhos e troncos.

— Charlie… — sibilou Neil.

— É Nuwanda.

— Nuwanda — Neil corrigiu-se pacientemente. — O que está acontecendo?

— Nada, a menos que vocês se oponham a ter garotas aqui. — retrucou Charlie.

— Bem. Claro que não — interveio Pitts, esbarrando em Neil. — Desculpe. É só que… você deveria ter nos avisado.

— Achei que seria espontâneo — sussurrou Charlie. — Quero dizer, esse é o objetivo de tudo isso, não é?

— Onde você as encontrou? — perguntou Neil.

— Elas estavam andando ao longo da cerca, passando pelo campo de futebol. Disseram que estavam curiosas sobre a escola, então as convidei para a reunião — explicou ele com naturalidade.

— Elas vão para Henley Hall? — perguntou Cameron.

— Eu não acho que elas sejam estudantes — disse Charlie.

— Elas são moradoras da cidade?! — Cameron quase engasgou.

— Sshh, Cameron, qual é o seu problema? — atalhou Charlie. — Você age como se elas fossem sua mãe ou algo assim. Você tem medo delas?

— Inferno, não. Eu não tenho medo delas! É só que, se formos pegos com elas, estamos mortos.

— Digam, rapazes, o que está acontecendo aí fora? — perguntou Gloria da caverna.

— Apenas juntando lenha — respondeu Charlie. — Estamos a caminho. — Virando-se para Cameron, Charlie sussurrou: — Você apenas fique de boca fechada, babaca, e não há nada com que se preocupar.

— Cuidado com quem você chama de babaca, Dalton!

— Oh, acalme-se, Cameron — disse Neil.

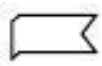
— É Nuwanda — retrucou Charlie enquanto se dirigia para a caverna.

Os outros o seguiram. Cameron ferveu de raiva. Observou os meninos entrarem na caverna, esperou um minuto e depois o seguiu.

Eles jogaram seus galhos e um tronco que encontraram no fogo e sentaram-se ao redor das chamas crescentes.

— Me pergunto como Knox está se saindo. — Pitts riu.

— Pobre rapaz — Neil suspirou. — Ele provavelmente terá uma grande decepção.



Foi um Knox desapontado que vagou pela enorme casa dos Danburry e acabou na despensa do mordomo. Vários jovens estavam conversando enquanto um casal se beijava apaixonadamente. Knox tentou não olhar enquanto as mãos do menino continuavam subindo pela saia da menina, e ela continuava empurrando-as para longe. Knox avistou Ginny Danburry e eles trocaram sorrisos envergonhados.

— Você é irmão de Mutt Sanders? — perguntou um rapaz grande, estilo *linebacker*, a Knox enquanto preparava uma bebida.

— Não. — Knox balançou a cabeça.

— Bubba! — o *linebacker* chamou outro tipo atlético enorme e bêbado que se encostou na geladeira. — Esse cara não se parece com Mutt Sanders?

— Você é o irmão dele? — perguntou Bubba.

— Nenhuma relação — insistiu Knox. — Nunca ouvi falar dele. Desculpe.

— Diga, Steve — enunciou Bubba ao *linebacker* — onde estão suas maneiras? Aqui está o irmão de Mutt, e você não oferece uma bebida a ele? Quer um pouco de *bourbon*?

— Na verdade, eu não… — Steve nem ouviu Knox. Empurrou um copo na mão de Knox e encheu-o com *bourbon*, adicionando um pequeno gole de coca-cola.

Bubba fez tintim com o copo com Knox.

— Para Mutt — brindou ele.

— Para Mutt — ecoou Steve, o *linebacker*.

— Para… Mutt — concordou Knox.

Bubba e Steve esvaziaram seus copos em um gole. Knox seguiu o exemplo e teve um ataque de tosse. Steve serviu mais *bourbon* para todos. Knox sentiu como se o seu peito estivesse pegando fogo.

— Então, o que Mutt tem feito? — perguntou Bubba.

— Na verdade — começou Knox, ainda tossindo —, eu realmente não… conheço Mutt.

— Para o Poderoso Mutt — disse Bubba, erguendo o copo.

— Para o Poderoso Mutt — Steve ecoou.

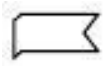
— Poderoso… Mutt. — Knox tossiu enquanto esvaziavam os copos outra vez. Knox continuava a tossir e o *linebacker* bateu nas suas costas.

— Vá com calma, amigo — ele riu.

— Bem, é melhor eu encontrar Patsy — Bubba soluçou enquanto dava um tapa nas costas de Mutt. — Mande meus cumprimentos para o Mutt.

— Pode deixar — prometeu Knox. Ele se virou e viu Ginny sorrir para ele enquanto saía da despensa.

— Me dê seu copo, amigo — pediu Steve, servindo mais *bourbon* para Knox. Ele sentiu sua cabeça começar a girar.



O fogo ardia dentro da caverna. Os meninos, Gloria e Tina estavam sentados ao redor da pilha de lenha, hipnotizados pelas chamas dançantes. A vela na cabeça do “deus da caverna” crepitou.

— Eu tinha ouvido dizer que vocês eram estranhos, mas não tão estranhos — comentou Tina enquanto olhava para a estátua esburacada. Ela tirou um litro de uísque e ofereceu um pouco a Neil. Ele pegou e bebeu, tentando agir como se fosse natural tomar um gole. Devolveu-o a Tina.

— Vá em frente, passe adiante — pediu ela. O fogo e o calor do uísque deram a seu rosto comum um brilho bonito e corado.

A garrafa deu a volta no círculo. Cada um deles tentou fingir que gostava do sabor amargo. Ao contrário da maioria dos outros, Todd conseguiu evitar tossir enquanto engolia o uísque.

— Aí sim! — exclamou Gloria, impressionada com a habilidade de Todd. — Vocês não sentem falta de ter garotas aqui? — perguntou ela.

— Sentir falta? — começou Charlie. — Isso nos deixa loucos! É parte do que este clube é. Na verdade, gostaria de anunciar que publiquei um artigo no jornal da escola, em nome da Sociedade dos Poetas Mortos, exigindo que as meninas

sejam admitidas em Welton, para que todos possamos parar de bater umas.

— Você o quê? — gritou Neil, levantando-se. — Como você fez isso?

— Eu sou um dos revisores — gabou-se Charlie. — Coloquei o artigo furtivamente.

— Ai, Deus — Pitts gemeu. — É o fim agora!

— Por quê? — perguntou Charlie. — Ninguém sabe quem somos.

— Você não acha que eles vão descobrir quem fez isso? — gritou Cameron. — Você não sabe que eles virão até você e exigirão saber o que a Sociedade dos Poetas Mortos é? Charlie, você não tinha o direito de fazer algo assim!

— É Nuwanda, Cameron.

— Isso mesmo — murmurou Gloria, colocando o braço em volta de Charlie. — É Nuwanda.

— Estamos apenas brincando aqui ou falamos sério? Se tudo o que fazemos é vir e ler um monte de poemas um para o outro, o que diabos estamos fazendo? — perguntou Charlie imperativamente.

— Você não deveria ter feito isso de qualquer forma — insistiu Neil, andando de um lado para o outro ao redor da caverna. — Você não fala pelo clube.

— Ei, vocês poderiam parar de se preocupar com seus preciosos pescoços — pediu Charlie. — Se eles me pegarem, direi a eles que inventei. Todos os seus rabos estão seguros. Olha, Gloria e Tina não vieram aqui para nos ouvir discutir. Vamos ter uma reunião ou o quê?

— Sim. Como vamos saber se queremos participar se vocês não tiverem uma reunião?

Neil ergueu as sobrancelhas interrogativamente para Charlie.

— Participar? — perguntou ele.

Charlie o ignorou e se virou para Tina.

— “Comparo-vos a um dia de verão? Vós sois mais amável e suave…”

Tina derreteu-se em uma poça.

— Oh, isso é tão doce! — exclamou ela, e jogou os braços em volta de Charlie. Os outros meninos tentaram parecer desinteressados, como se não estivessem realmente com ciúmes.

— Eu escrevi isso para você — disse Charlie a Tina.

Os olhos dela saltaram de alegria.

— Escreveu mesmo?!

— Vou escrever um para você também, Gloria — prometeu ele rapidamente, percebendo seu rosto vermelho de inveja. Fechou os olhos: “Como a noite, ela anda na beleza…”

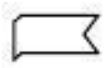
Charlie abriu os olhos após as primeiras palavras, levantou-se e afastou-se do fogo. Tentando encobrir seu esquecimento, caminhou pela caverna.

— “Como a noite, ela anda na beleza” — repetiu ele. Virou as costas, abriu um livro e leu rapidamente para si mesmo, enquanto Gloria observava com expectativa. Ele o fechou, largou-o e voltou para Gloria. — “De climas solares e céus de estrela/ E o melhor das sombras e da luz nela/ Manifesta-se no olhar e na fineza.”

Gloria gritou de alegria.

— Ele não é maravilhoso?

Os outros meninos ficaram sentados com o rosto pálido e fervendo de ciúmes da ousadia de Charlie. Gloria apertou-o com força.



Naquele mesmo momento, Knox Overstreet também estava sentindo algum ciúme enquanto cambaleava pela casa lotada dos Danburrys.

— Rapaz, aqueles caras estavam certos — murmurou ele para si mesmo enquanto pensava em Chris e Chet, e se lembrava do aviso de seus amigos para não ter muitas esperanças com ela.

A casa estava escura, iluminada apenas pelo luar que entrava pelas janelas. A música dos Drifters tocou alto. Casais estavam entrelaçados em todos os lados, se beijando. Com a bebida na mão, Knox tropeçou em um casal no chão, embriagado com os inúmeros *bourbons* sem coca que ele havia bebido com Bubba e Steve.

— Ei! — gritou uma voz zangada. — Presta atenção por onde anda! Qual seu problema, bebeu demais, meu chapa?



Capítulo 10

— Desculpe — sussurrou Knox, enquanto caía no sofá. Ele se inclinou para trás, segurando o copo meio cheio, e tomou um longo gole do *bourbon* amargo. Parecia queimar menos agora enquanto deslizava por sua garganta.

Ele olhou em volta, relaxando sob o efeito da bebida. À sua esquerda estava um casal emaranhado que parecia uma fera enorme e ofegante. À sua direita estava outro par que parecia ter afundado no sofá. Knox queria se levantar, mas percebeu que o casal em quem tropeçou agora estava enrolado contra suas canelas, prendendo-o no lugar. Ele olhou em volta e quase riu. *Ah, está bem, eu posso muito bem ficar confortável aqui*, disse para si mesmo. Os corpos ao seu redor estavam ocupados demais para notá-lo de qualquer maneira.

A música parou e o som de respiração pesada encheu a sala. *Isso soa como uma enfermaria de respiração artificial*, Knox pensou, desejando que também tivesse uma parceira. Verificou o casal à sua direita. *Acho que ele vai mastigar os lábios dela*, pensou. Virou-se para o casal à sua esquerda.

— Oh, Chris, você é tão linda — ele ouviu a voz do menino dizer.

Ai meu Deus, são Chris e Chet!, Knox pensou; seu coração começou a palpitar. Chris Noel estava sentada ao lado dele no sofá!

A música começou novamente, e os acordes dos Drifters cantando “This Magic Moment” encheram a sala. A cabeça de Knox estava girando. Chris e Chet estavam com força total. Knox tentou desviar o olhar, mas seus olhos estavam fixos nela.

— Chris — Chet gemeu —, você é tão linda.

Chet beijou Chris com força, e ela se inclinou contra Knox. Na sala iluminada pela lua, Knox olhou para o contorno do rosto de Chris, a nuca, as curvas de seus seios. Ele rapidamente engoliu o resto de sua bebida e se forçou a desviar o olhar.

Ai meu Deus, me ajude, ele pensou, enquanto Chris se apoiava mais nele. O

rosto de Knox estava contorcido em agonia enquanto ele se sentia lutando contra a tentação. Tentou não olhar, mas sabia que estava perdendo sua batalha interior.

De repente, virou-se para Chris outra vez. Ele se derreteu quando suas emoções assumiram o controle.

— *Carpe peitum* — disse ele para si mesmo, fechando os olhos. — Aproveite o peito!

— Hã? — Knox ouviu Chris dizer a Chet.

— Eu não disse nada — respondeu Chet.

Os dois continuaram a se beijar enquanto Knox sentia sua mão, puxada por uma poderosa força magnética, estender-se e acariciar de leve a nuca de Chris, depois descer em direção ao seio dela. Ele abaixou a cabeça para trás e fechou os olhos enquanto acariciava Chris devagar.

Pensando que as mãos de Chet estavam sobre ela, Chris respondeu ansiosamente e Knox começou a respirar em um ritmo pesado.

— Oh, Chet, isso é fabuloso — disse Chris no escuro.

— É mesmo? — Chet pareceu surpreso. — Mas o que é?

— Você sabe — respondeu ela, em tom de segredo.

Knox afastou a mão. Chet olhou para cima por um momento e depois beijou Chris novamente.

— Não pare, Chet — Chris gemeu.

— Parar o quê?

— Chet…

Knox colocou a mão de volta no pescoço de Chris e começou a acariciá-la, movendo-se suavemente em direção ao seio dela.

— Oh, oh — Chris gemeu.

Chet afastou-se, tentando descobrir do que Chris estava falando, mas desistiu e começou a beijá-la outra vez. Chris gemeu de prazer.

Knox inclinou a cabeça para trás no sofá. Sua respiração era lenta e profunda. O som da música na sala ficou mais alto. Incapaz de resistir, ele esfregou o peito de Chris, chegando perigosamente perto de seu seio. Chris estava respirando com dificuldade agora também. Knox sentiu-se entrar em êxtase enquanto seu copo caía de sua mão.

De repente, a mão de Chet agarrou a de Knox e uma luz de lâmpada acendeu-se subitamente. Knox viu-se cara a cara com um Chet furioso e uma Chris totalmente confusa.

— O que você está fazendo? — gritou Chet.

— Knox? — Chris cobria os olhos da luz repentina.

— Chet! Chris! — soltou Knox, fingindo estar surpreso. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Por que você… — Chet gritou. Ele acertou Knox no rosto com o punho, agarrou-o pela camisa e, jogando-o no chão, pulou sobre ele. Começou a atingir o rosto de Knox, que tentou desesperadamente proteger-se. — Seu merdinha! — gritou Chet. Chris tentou afastá-lo.

— Chet, você não precisa machucá-lo — pediu Chris.

O punho de Chet atingia Knox repetidas vezes.

— Chet, pare! Ele não quis fazer nada! — berrou Chris. Ela empurrou Chet. Knox rolou, segurando o rosto. — Já chega — gritou Chris, batendo no peito de Chet, tentando afastá-lo.

Chet ficou de pé sobre Knox, que estava deitado frouxamente segurando o nariz ensanguentado e o rosto machucado.

— Desculpe, Chris, me desculpe — gritou Knox.

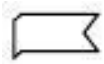
— Você quer um pouco mais, seu merdinha… Hein? Saia daqui!

Chet avançou contra Knox novamente, mas Chris e alguns dos outros o seguraram. Vários dos jovens levaram Knox para fora da sala.

Cambaleando em direção à cozinha, Knox se virou e gritou, bêbado:

— Chris, me desculpe!

— Da próxima vez que eu ver você, você está morto! — berrou Chet.



A Sociedade dos Poetas Mortos ainda estava reunida, sem saber que um de seus aspirantes estava em apuros. Na caverna, o fogo queimava intensamente, lançando sombras misteriosas nas paredes. Gloria estava sentada com o braço em volta de Charlie, olhando para ele com adoração. A garrafa de uísque passava entre Tina e os outros.

— Ei, pessoal, por que vocês não mostram a Tina o jardim dos Poetas Mortos? — propôs Charlie, acenando com a cabeça em direção à entrada da caverna.

— Jardim? — perguntou Meeks, parecendo surpreso.

— Que jardim? — Pitts ecoou.

Charlie silenciosamente sinalizou com os olhos para Pitts e os outros sumirem. Neil pegou e deu uma cotovelada em Pitts, que entendeu a dica.

— Ah, certo. Aquele jardim. Vamos, pessoal — chamou ele.

— Isso é tão estranho! — comentou Tina, parecendo confusa. — Vocês têm até um jardim?

Todos haviam deixado a caverna, exceto Meeks, que ficou parado, parecendo perplexo.

— Do que vocês estão falando? — insistiu Meeks.

Charlie encarou-o com um olhar cortante.

— Charles, ahn, Nuwanda, não temos jardim — completou Meeks.

Neil voltou e puxou Meeks para fora.

— Vamos, seu besta! — Neil riu.

Charlie esperou que eles fossem. Ele olhou para Gloria e sorriu.

— Deus, para um cara inteligente, ele é tão estúpido!

Gloria olhou nos olhos de Charlie. Ele sorriu.

— Eu acho que ele é doce — comentou ela.

— Eu acho que você é doce— Charlie suspirou, fechando os olhos e inclinando-se lentamente para beijá-la. Assim que seus lábios iam roçar os dela, Gloria se levantou.

— Sabe o que realmente me excita em você? — perguntou ela.

Piscando, Charlie olhou para cima.

— O quê?

— Todo o cara que conheço me quer para uma coisa… Você não é assim.

— Não sou?

— Não! — Ela sorriu. — Qualquer outra pessoa já estaria em cima de mim. Faça-me um pouco mais de poesia — pediu ela.

— Mas… — gaguejou Charlie.

— Por favor! É tão maravilhoso ser apreciada por… Você sabe… aquilo que você tem dentro.

Charlie gemeu e colocou a mão sobre o rosto. Gloria se virou e olhou para ele.

— Nuwanda? Por favor…?

— Tudo bem! Estou pensando! — Ele parou por um momento, então recitou:

Que não se admita à união de mentes
Veras óbice. O amor não é amor
Quando muda em mudanças emergentes
Ou se remove com o removedor.

Gloria gemia de satisfação.

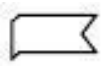
— Não pare!

Charlie continuou a recitar enquanto os gemidos de Gloria ficavam mais altos.

Oh, não, ele é a sempre fixa marca
Que na tormenta não cai em terror;
A estrela de toda errante barca,
Cuja altura é vista, não o valor…

— Isso é melhor do que *sexo* a qualquer hora — gritou Gloria. — Isso é ROMANCE!

Os olhos de Charlie reviraram de frustração, mas ele continuou a recitar poemas até tarde da noite.



No dia seguinte, todo o corpo discente foi convocado para a capela da Welton Academy. Um zumbido ecoava entre os meninos enquanto eles se moviam para seus assentos, passando cópias de jornais escolares entre si.

Knox Overstreet sentou-se tentando esconder o rosto machucado e inchado. Neil, Todd, Pitts, Meeks, Cameron e, especialmente, Charlie traziam rostos carregados de exaustão. Pitts sufocou um bocejo enquanto entregava uma pasta a Charlie.

— Tudo pronto — sussurrou.

Charlie acenou com a cabeça.

O diretor Nolan entrou na capela enquanto os alunos rapidamente guardavam todos os jornais e se levantavam. Nolan deu longos passos até o púlpito e fez sinal para os meninos se sentarem. Soltou um ruído de limpar a garganta.

— Na edição desta semana do WELTON HONORS, apareceu um artigo não autorizado e profano sobre a necessidade de meninas em Welton. Em vez de gastar meu valioso tempo descobrindo os culpados — e garanto que os encontrarei — estou pedindo a todo e qualquer aluno que saiba alguma coisa sobre este artigo que se apresente aqui e agora. Quem quer que sejam os culpados, esta é sua única chance de evitar a expulsão desta escola.

Nolan ficou em silêncio, esperando por uma resposta. De repente, o som de um telefone tocando quebrou o silêncio pesado. Charlie rapidamente levantou a maleta no colo e a abriu. Dentro estava o telefone tocando. Os alunos sussurraram em espanto abafado. Ninguém jamais havia feito algo tão ultrajante em Welton! Destemido, Charlie atendeu o telefone.

— Welton Academy, pois não? — proferiu ele para todos ouvirem. — Sim, ele está, só um momento. Sr. Nolan, é para o senhor — continuou Charlie com seriedade simulada.

O rosto do reitor ficou vermelho como beterraba.

— O quê? — gritou Nolan.

Charlie estendeu o receptor para Nolan.

— É Deus. Ele disse que deveríamos ter garotas em Welton — explicou Charlie ao telefone enquanto uma gargalhada dos alunos enchia a velha capela

de pedra.

O diretor não hesitou em reagir à façanha. Antes que pudesse dar-se conta, Charlie se viu parado no meio do escritório de Nolan enquanto o diretor andava de um lado para o outro com passos furiosos.

— Tire esse sorriso do seu rosto — sibilou Nolan. — Quem mais estava envolvido nisso?

— Ninguém, senhor — respondeu Charlie. — Era só eu. Eu faço a revisão dos artigos, então inseri o meu em vez do artigo de Rob Crane.

— Sr. Dalton — começou Nolan —, se você acha que é o primeiro a tentar ser expulso desta escola, pense duas vezes. Outros tiveram ideias semelhantes e falharam com a mesma certeza com que você falhará. Coloque-se na posição.

Charlie obedeceu e Nolan puxou uma palmatória enorme e velha. A palmatória tinha furos para acelerar seu progresso. Nolan tirou a jaqueta e se colocou atrás de Charlie.

— Conte em voz alta, sr. Dalton — instruiu Nolan enquanto batia a palmatória nas nádegas de Charlie.

— Um. — Nolan balançou a palmatória novamente, desta vez colocando mais força nela. Charlie estremeceu. — Dois.

Nolan distribuiu e Charlie contou. No quarto golpe, a voz de Charlie era quase inaudível e seu rosto estava contorcido de dor.

A sra. Nolan, esposa e secretária do reitor, estava sentada no escritório externo tentando não ouvir enquanto a punição prosseguia. Na sala de honra adjacente, três alunos, incluindo Cameron, trabalhavam em cavaletes, desenhando as cabeças dos alces na parede. Eles ouviram a palmatória batendo em Charlie e ficaram cheios de medo e admiração. Cameron não conseguiu desenhar o alce.

No sétimo golpe, as lágrimas corriam livremente pelas bochechas de Charlie…

— Conte! — gritou Nolan.

No nono e décimo golpes, Charlie engasgava com as palavras. Nolan parou após o décimo e deu a volta para encarar o menino.

— Você ainda insiste que essa foi uma ideia sua e apenas sua? — perguntou.

Charlie sufocou a dor.

— Sim… senhor.

— O que é essa “Sociedade dos Poetas Mortos”? Eu quero nomes — gritou Nolan.

Sentindo-se fraco, Charlie respondeu com voz rouca:

— Sou apenas eu, sr. Nolan. Eu juro. Eu inventei.

— Se eu descobrir que há outros, sr. Dalton, eles serão expulsos e você permanecerá matriculado. Me entende? Agora levante-se.

Charlie obedeceu. Seu rosto estava vermelho-sangue enquanto ele lutava contra as lágrimas de dor e humilhação.

— Welton pode perdoar, sr. Dalton, desde que você tenha a coragem de admitir seus erros. Você vai pedir desculpas a toda a escola.

Charlie saiu cambaleando do escritório de Nolan e voltou lentamente para o dormitório dos mais novos. Os meninos estavam às voltas em seus quartos, entrando e saindo do corredor, esperando o amigo voltar. Quando viram Charlie chegando, todos correram para seus quartos e fingiram estar estudando.

Charlie caminhou pelo corredor, movendo-se devagar, tentando não mostrar sua dor. Quando ele se aproximou de seu quarto, Neil, Todd, Knox, Pitts e Meeks se aproximaram dele.

— O que aconteceu? — perguntou Neil. — Você está bem? Você foi expulso?

— Não — respondeu Charlie, sem olhar para ninguém.

— O que aconteceu? — insistiu Neil.

— Eu devo entregar todo mundo, pedir desculpas à escola e tudo será perdoado — explicou Charlie.

Ele abriu a porta e entrou em seu quarto.

— O que você vai fazer? — perguntou Neil. — Charlie?

— Droga, Neil, meu nome é Nuwanda — corrigiu Charlie, enquanto lançava um olhar carregado para os meninos e fechava a porta.

Os meninos se entreolharam. Sorrisos de admiração irromperam no grupo. Charlie não havia sido vencido.

Mais tarde naquele dia, Nolan entrou em um dos prédios de salas de aula de Welton e seguiu o corredor até a sala do sr. Keating. Parou na porta, bateu e entrou na sala de aula. Keating e McAllister estavam conversando quando ele entrou.

— Sr. Keating, posso falar com você? — perguntou Nolan, interrompendo os dois professores.

— Com licença — disse McAllister enquanto corria para fora da sala.

Nolan fez uma pausa e olhou em volta.

— Esta foi minha primeira sala de aula, John, você sabia disso? — perguntou Nolan, enquanto caminhava devagar pela sala. — Minha primeira mesa — acrescentou em tom nostálgico.

— Eu não sabia que você deu aulas — respondeu Keating.

— Inglês. Muito antes do seu tempo. Foi difícil desistir, vou confessar… — Ele fez uma pausa e olhou diretamente para Keating. — Ouvi rumores, John, de alguns métodos de ensino pouco ortodoxos em sua sala de aula. Não estou dizendo que eles têm algo a ver com a manifestação do jovem Dalton, mas não acho que preciso avisá-lo de que os meninos da idade dele são muito

impressionáveis.

— Sua reprimenda causou uma boa impressão, tenho certeza — retrucou Keating.

As sobrancelhas de Nolan se ergueram por um instante. Ele deixou o comentário passar.

— O que estava acontecendo no pátio outro dia? — perguntou.

— No pátio? — repetiu Keating.

— Meninos marchando. Batendo palmas em uníssono.

— Ah, aquilo. Foi um exercício para provar um ponto. Sobre os males da conformidade. Eu…

— John, o currículo aqui está definido. Está provado. Funciona. Se *você* questionar, o que os impede de fazer o mesmo?

— Sempre pensei que educação era aprender a pensar por si mesmo — disse Keating.

Nolan riu.

— Na idade desses meninos? Não, por sua vida! Tradição, John! Disciplina. — Ele deu um tapinha no ombro de Keating com condescendência. — Prepare-os para a faculdade, e o resto cuidará de si mesmo.

O sr. Nolan sorriu e saiu. Keating ficou em silêncio, olhando pela janela. Depois de um momento, McAllister enfiou a cabeça na porta. Ele obviamente estivera ouvindo.

— Eu não me preocuparia com a ideia de os meninos serem muito conformistas se eu fosse você, John — comentou ele.

— Por quê? — perguntou Keating.

— Bem, você mesmo se formou nestes salões sagrados, não é?

— Sim.

— Então, se você quer criar um ateu convicto — observou McAllister —, dê a ele uma educação religiosa rígida. Funciona sempre.

Keating olhou para McAllister e, de repente, soltou uma risada. McAllister sorriu, virou-se e desapareceu pelo corredor.

Mais tarde naquela noite, Keating caminhou até o dormitório da classe júnior. Os meninos estavam correndo para as reuniões e atividades do clube. Ele se aproximou de Charlie, que estava saindo pela porta com um grupo de amigos.

— Sr. Keating! — exclamou Charlie, parecendo surpreso.

— Aquilo foi um feito ridículo, sr. Dalton — admoestou Keating duramente.

— Você está do lado do sr. Nolan? — perguntou Charlie incrédulo. — E quanto a *Carpe diem* e a sugar todo o tutano da vida e tudo mais?

— Sugar o tutano não significa ficar com o osso entalado na garganta, Charles. Há um lugar para a ousadia e um lugar para a cautela, e um homem

sábio entende qual delas é necessária — explicou Keating.

— Mas eu pensei… — gaguejou Charlie.

— Ser expulso desta escola não é um ato de sabedoria ou ousadia. Ela está longe de ser perfeita, mas ainda há oportunidades aqui.

— É mesmo? — retrucou Charlie com raiva — Qual, por exemplo?

— Se nenhuma outra, pelo menos a oportunidade de assistir às *minhas* aulas, entendeu?

Charlie sorriu.

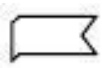
— Sim, senhor.

Keating se virou para os outros aspirantes dos Poetas Mortos, que estavam por perto esperando Charlie.

— Portanto, mantenham a cabeça de vocês sobre os pescoços…todos vocês! — ordenou ele.

— Sim, senhor — responderam eles.

Keating sorriu levemente e saiu.



No dia seguinte, os meninos sentaram-se na sala de aula de Keating e observaram o professor caminhar até o quadro e rabiscar a palavra "FACULDADE" em grandes letras, bem destacadas.

— Senhores — começou ele —, hoje vamos considerar uma habilidade que é indispensável para tirar o máximo proveito da faculdade: analisar livros que você não leu.

Ele fez uma pausa e olhou em volta enquanto os meninos riam.

— A faculdade provavelmente destruirá seu amor pela poesia. Horas de análise, dissecação e crítica chatas cuidarão disso. A faculdade também vai expô-los a todos os tipos de literatura; muitas delas obras transcendentes de magia que você deve devorar; algumas delas, uma bobagem absoluta que você deve evitar como uma praga.

Ele andou na frente da classe enquanto falava.

— Suponhamos que você esteja fazendo um curso intitulado "Romances Modernos". Durante todo o semestre você leu obras-primas como o comovente *Père Goriot*, de Balzac, e o emocionante *Pais e Filhos*, de Turguêniev, mas quando você recebe sua tarefa para o trabalho final, descobre que deve escrever um ensaio sobre o tema do amor paterno em *A Debutante Duvidosa*, um romance (e eu uso esse termo generosamente aqui) de ninguém menos que o próprio professor.

Keating olhou para os meninos com uma sobrancelha levantada e continuou.

— Depois de ler as três primeiras páginas do livro, você percebe que prefere se voluntariar para o combate do que desperdiçar seu precioso tempo na terra infectando sua mente com esse esgoto, mas você se desespera? Aceita um F? Absolutamente não. Porque você está preparado.

Os meninos observaram e ouviram atentamente. Keating continuou a andar.

— Abra *A Debutante Duvidosa* e descubra, com a contracapa, que o livro é sobre Frank, um vendedor de equipamentos agrícolas que sacrifica tudo para fornecer à sua filha, Christine, a estreia que ela deseja tão desesperadamente para conseguir sua escalada social. Comece seu ensaio negando a necessidade de reafirmar o enredo e, ao mesmo tempo, regurgitando o suficiente para convencer o professor de que você leu o livro. Em seguida, mude para algo pretensioso e familiar. Por exemplo, você pode escrever: "O que é notável de se perceber são as semelhanças entre a terrível imagem que pinta o autor a respeito do amor parental e a teoria freudiana moderna. Christine é Electra, seu pai é um Édipo caído." Finalmente, pule para o obscuro e elaborado assim…

Keating fez uma pausa e leu:

— "O que é mais notável é a estranha conexão do romance com o filósofo indiano hindu Avesh Rahesh Non. Rahesh Non discutiu em detalhes dolorosos o descarte de pais por filhos por causa do monstro de três cabeças de ambição, dinheiro e sucesso social". Continue discutindo as teorias de Rahesh Non sobre o que alimenta o monstro, como decapitá-lo etc. Termine elogiando a escrita brilhante do professor e a coragem consumada em apresentar *A Debutante Duvidosa* a você.

Meeks levantou a mão.

— Capitão… e se você não souber nada sobre alguém como Rahesh Non?

— Rahesh Non nunca existiu, Sr. Meeks. Você o cria, ou alguém como ele; inventa. Nenhum professor universitário importante ousaria admitir a ignorância de uma figura tão obviamente importante, e você provavelmente receberá um comentário como o que recebi.

Keating pegou um papel em sua mesa e leu para a classe:

— "Suas alusões a Rahesh Non foram perspicazes e bem apresentadas. Fico feliz em ver que alguém além de mim aprecia este grande, mas esquecido, mestre oriental. A-mais."

Ele jogou o papel de volta em sua mesa.

— Senhores, analisar livros terríveis que você não leu é uma habilidade que será cobrada em seu exame final, então sugiro que pratiquem por conta própria. Agora, algumas armadilhas dos exames universitários. Pegue um livro azul e um lápis, meninos. Este é um teste surpresa.

Os meninos obedeceram. Keating distribuiu os testes. Montou uma tela na frente da sala, depois foi para o fundo e montou um projetor de slides.

— As grandes universidades são Sodomas e Gomorras cheias daquelas feras deliciosas que vemos tão pouco aqui: mulheres — disse ele e sorriu. — O nível de distração é perigosamente alto, mas este questionário foi projetado para prepará-los. Deixe-me avisá-los, este teste vale nota. Comecem.

Os meninos começaram seus testes. Keating acendeu o projetor e colocou um slide na máquina. Focou na tela a imagem de uma linda garota em idade universitária, inclinando-se para pegar um lápis. A garota tinha uma figura notável e, curvando-se, sua calcinha ficara exposta. Os meninos olharam para a tela de seus testes. Quase todos eles o fizeram duas vezes.

— Concentrem-se em seus testes, rapazes. Vocês têm vinte minutos — advertiu Keating, enquanto avançava o projetor.

Desta vez, focou um slide de uma bela mulher em lingerie diminuta, retirada de um anúncio de revista. Os meninos olharam para a tela, lutando para se concentrar. Keating observou sua dificuldade óbvia, divertindo-se, enquanto continuava a apresentação de slides de belas mulheres em poses reveladoras e provocativas, fotos de estátuas gregas nuas, um fluxo aparentemente interminável e tentador de fotos de mulheres. A cabeça dos meninos balançava para cima e para baixo, da tela para seus livros azuis. Em seu papel, Knox havia escrito “Chris, Chris, Chris”, repetidas vezes enquanto olhava entorpecido para a tela.



Capítulo 11

O inverno rigoroso de Vermont engoliu o campus de Welton. A folhagem outrora colorida do outono agora cobria a paisagem como um cobertor, e ventos fortes sopravam as folhas quebradiças em torrentes.

Todd e Neil, embrulhados em jaquetas com capuz e cachecóis, caminhavam por uma trilha que serpenteava entre os prédios, o vento uivando enquanto Neil ensaiava suas falas para *Sonho de uma noite de verão*.

— “Eis-me, vil, armado e pronto. Onde estás?” — declamou Neil dramaticamente de memória.

— “Eu serei direto contigo” — Todd leu no roteiro.

— “Segue-me, então, para local mais plano!” — Neil explodiu, sobre os ventos. — Deus, eu amo isso!

— A peça? — perguntou Todd.

— Sim, e atuar! — Neil estava entusiasmado. — Deve ser uma das coisas mais maravilhosas do mundo. A maioria das pessoas, se tiver sorte, vive cerca de metade de uma vida emocionante. Se eu pudesse conseguir os papéis, poderia viver dezenas de *ótimas* vidas!

Ele correu e, com um floreio teatral, pulou em uma mureta de pedra.

— “Ser ou não ser, eis a questão!” Deus, pela primeira vez em toda a minha vida, me sinto completamente vivo! Você tem que tentar — sugeriu ele a Todd, enquanto descia da mureta. — Você deveria vir aos ensaios. Eu sei que eles precisam de pessoas para trabalhar nas luzes e outras coisas.

— Não, obrigado.

— Tem muitas garotas — ressaltou Neil maliciosamente. — A garota que interpreta Hérmia é incrível.

— Vou para a apresentação — prometeu Todd.

— Cocó, cocó, cocó… frangote! — brincou Neil. — Agora, onde estávamos?

— “Sim, tu estás aí?” — Todd leu.

— Coloque mais energia nisso! — insistiu Neil.

— "SIM, TU ESTÁS AÍ?" — berrou Todd.

— É isso! "Segue minha voz, nada de brio aqui." — Ele se curvou e acenou para Todd. — Obrigado, amigo. Vejo você no jantar — gritou ele, correndo para o dormitório. Todd ficou do lado de fora observando-o, então balançou a cabeça e caminhou em direção à biblioteca.

Neil saltava e dançava pelo corredor, passando por outros alunos que o olhavam com curiosidade. Abriu a porta com um floreio e pulou para dentro do quarto, cercando o ar com a vareta do bobo da corte.

Abruptamente, ele parou. Sentado em sua mesa estava seu pai! O rosto de Neil ficou branco de choque.

— Pai!

— Neil, você vai parar com essa peça ridícula imediatamente — rosnou o sr. Perry.

— Pai, eu…

O sr. Perry levantou-se e bateu com a mão na mesa.

— Não se *atreva* a responder a mim! — gritou ele. — Já é ruim o suficiente que você tenha perdido seu tempo com esse negócio absurdo de atuação. Mas você me enganou de propósito!

Com passos furiosos, ele andava de um lado para o outro enquanto Neil estava tremendo na base.

— Como você esperava se safar disso? Responda-me! — gritou o pai. — Quem te colocou nisso? Aquele sr. Keating?

— Ninguém… — gaguejou Neil. — Pensei em surpreendê-lo. Eu só tirei As e…

— Você achou mesmo que eu não descobriria? "Minha sobrinha está atuando com seu filho", diz a sra. Marks. "Você deve estar enganada", eu digo. "Meu filho não está atuando." Você me fez ser um mentiroso, Neil. Agora você vai ao ensaio amanhã e dirá a eles que está desistindo.

— Pai, eu tenho um dos papéis principais — explicou Neil. — A apresentação é amanhã à noite. Pai, por favor…

O rosto do sr. Perry estava branco de raiva. Ele se moveu em direção a Neil, apontando o dedo.

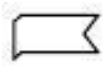
— Eu não me importo se o mundo está chegando ao *fim* amanhã à noite, você vai *acabar* com essa peça! Está claro? ESTÁ CLARO?

— Sim, senhor. — Foi tudo o que Neil podia se forçar a dizer.

O sr. Perry parou. Olhou longa e duramente para o filho.

— Fiz grandes sacrifícios para trazê-lo aqui, Neil. Você não vai me decepcionar.

O sr. Perry se virou e saiu. Neil ficou parado por um longo tempo, então, caminhando até sua mesa, ele começou a bater nela, cada vez mais forte até que seus punhos ficaram dormentes e as lágrimas começaram a rolar por suas bochechas.



Mais tarde naquela noite, todos os aspirantes da Sociedade sentaram-se juntos no refeitório de Welton, exceto Neil, que alegou estar com dor de cabeça. Eles pareciam estar tendo dificuldade para comer, e o velho dr. Hager se aproximou da mesa, olhando para os meninos com desconfiança.

— Sr. Dalton, o que há de errado, filho? — perguntou ele. — Você está tendo problemas com sua refeição?

— Não, senhor — respondeu Charlie.

Hager observou os meninos.

— Senhores Meeks e Overstreet e Anderson, vocês normalmente são canhotos? — perguntou depois de um momento.

— Não, senhor.

— Então por que vocês estão comendo com a mão esquerda?

Os meninos se entreolharam. Knox falou pelo grupo.

— Achamos que seria bom quebrar velhos hábitos, senhor — explicou ele.

— O que há de errado com os velhos hábitos, sr. Overstreet?

— Eles perpetuam a vida mecânica, senhor — afirmou Knox. — Limitam sua mente.

— Sr. Overstreet, sugiro que você se preocupe menos em quebrar velhos hábitos e mais em desenvolver bons hábitos de estudo. Você entende? — proferiu ele com firmeza.

— Sim, senhor.

— Isso vale para todos vocês — acrescentou Hager, olhando para a mesa dos meninos. — Agora comam com as mãos corretas.

Os meninos obedeceram. Mas uma vez que ele se afastou, Charlie trocou de mãos e começou a comer com a mão esquerda de novo. Um por um, os outros o seguiram.

Finalmente Neil chegou à sala de jantar e caminhou até a mesa deles. Parecia solene e chateado.

— Você está bem? — perguntou Charlie.

— Visita do meu pai — explicou Neil.

— Você terá que desistir da peça? — perguntou Todd.

— Eu não sei — respondeu Neil.

— Por que você não fala com o sr. Keating sobre isso? — sugeriu Charlie.

— Que diferença faz? — perguntou Neil em tom melancólico.

Charlie deu de ombros.

— Talvez ele tenha alguns conselhos. Talvez ele até fale com seu pai.

— Você está brincando? — Neil riu brevemente. — Não seja ridículo.

Apesar das objeções de Neil, os meninos insistiram que o sr. Keating poderia ajudá-lo a resolver seus problemas. Depois do jantar, eles caminharam até os aposentos dos professores no segundo andar do dormitório. Todd, Pitts e Neil ficaram do lado de fora da porta de Keating. Charlie bateu.

— Isso é uma idiotice — protestou Neil.

— É melhor do que não fazer nada — insistiu Charlie. Ele bateu outra vez, mas ninguém veio até a porta.

— Ele não está aqui. Vamos lá — implorou Neil.

Charlie tentou a maçaneta da porta e a porta se abriu.

— Vamos esperar por ele — propôs Charlie enquanto entrava no quarto de Keating.

— Charlie! Nuwanda! — chamaram os outros do corredor. — Saia daí!

Mas Charlie se recusou a sair e, depois de alguns minutos conversando e suplicando, os outros cederam à curiosidade e entraram no quarto de Keating.

O pequeno espaço estava vazio e solitário. Os meninos ficaram parados desconfortavelmente, se mexendo de pé.

— Nuwanda — sussurrou Pitts. — Não deveríamos estar aqui!

Charlie o ignorou e se levantou para olhar ao redor da sala. Uma pequena mala azul estava no chão perto da porta. Alguns livros, alguns de aparência bem esfarrapada, estavam na cama. Charlie caminhou até a mesa e pegou uma foto emoldurada de uma linda garota que parecia estar na casa dos vinte anos.

— Uau, olhe para ela! — ele assobiou.

Ao lado da foto estava uma carta escrita pela metade. Charlie pegou o papel e leu:

— “Minha querida Jessica: às vezes é tão solitário sem você… blá blá blá. Tudo o que posso fazer para tranquilizar-me é estudar sua bela imagem ou fechar os olhos e imaginar seu sorriso radiante… mas minha pobre imaginação é um substituto opaco para você. Oh, como eu sinto sua falta e desejo…”

Charlie continuou lendo enquanto os outros meninos ouviam a porta se abrir. Eles se afastaram de Charlie, que de repente parou de ler quando viu Keating parado na entrada.

— Olá! Sr. Keating! É bom ver você! — exclamou Charlie.

Keating caminhou até ele e calmamente pegou a carta, dobrou-a e colocou-a

no bolso.

— Uma mulher é uma catedral, meninos. Adore uma em todas as chances que tiverem — disse Keating. Ele caminhou até sua escrivaninha, abriu uma gaveta e colocou a carta. — Mais alguma coisa que você gostaria de examinar, sr. Dalton? — perguntou ele, olhando para Charlie.

— Sinto muito — Charlie se desculpou. — Eu, nós… — Charlie olhou a sua volta em busca de ajuda. Neil deu um passo à frente.

— Ó capitão! Meu capitão, viemos aqui para que eu pudesse falar com você sobre uma coisa — explicou ele.

— Tudo bem — acedeu Keating, olhando para o grupo. — Todos vocês?

— Na verdade, eu gostaria de falar com você sozinho — explicou Neil, olhando para os meninos.

Charlie e os outros pareciam aliviados por sair.

— Eu tenho que ir estudar — disse Pitts.

— Sim — acrescentaram os outros meninos. — Até mais, sr. Keating.

Todos correram para fora e fecharam a porta atrás de si.

— Passem por aqui a qualquer momento — ofereceu Keating quando eles saíram.

— Obrigado, senhor — gritaram eles através da porta fechada.

Pitts deu um soco no ombro de Charlie.

— Droga, Nuwanda, seu idiota! — exclamou ele.

— Eu não consegui me conter — Charlie encolheu os ombros.

Keating não pôde deixar de sorrir para si mesmo. Neil andava de um lado para o outro, olhando em volta.

— Puxa — começou ele. — Não deram muito espaço a você por aqui, não é?

— Talvez eles não queiram que coisas mundanas me distraiam do ensino. — O sr. Keating sorriu ironicamente.

— Por que você faz isso? — perguntou Neil. — Quero dizer, com todo esse negócio de aproveitar o dia, eu imaginaria você em algum lugar onde pudesse ver o mundo ou algo assim.

— Ah, mas estou vendo o mundo, Neil. O novo mundo. Além disso, um lugar como este precisa de pelo menos um professor como eu. — Ele sorriu com a própria piada. — Você veio aqui para falar sobre meus ensinamentos?

Neil respirou fundo.

— Meu pai está me fazendo desistir da peça de Henley Hall. Quando penso em *Carpe diem* e tudo mais, sinto que estou na prisão! Atuar é tudo para mim, sr. Keating. É o que eu quero fazer! Claro, posso ver o ponto de vista do meu pai. Não somos uma família rica como a de Charlie. Mas ele programou o resto da minha vida para mim, e ele nunca me perguntou o que eu desejo de verdade!

— Você disse ao seu pai o que acabou de me dizer? Sobre sua paixão por atuar? — perguntou Keating.

— Você está brincando? Ele me mataria!

— Então você está desempenhando um papel para ele também, não é? — observou Keating suavemente. O professor observou enquanto Neil andava com passos ansiosos. — Neil, eu sei que isso parece impossível, mas você tem que falar com seu pai e deixá-lo saber quem você é de verdade — insistiu Keating.

— Mas, eu sei o que ele vai dizer. Dirá que atuar é apenas um capricho, que é frívolo e que eu deveria esquecer isso. Vai me dizer como eles estão contando comigo e que devo tirar isso da minha mente, "para o meu próprio bem".

— Bem — iniciou Keating, sentado em sua cama. — Se for mais do que um capricho, prove a ele. Mostre a ele com paixão e compromisso que é o que você realmente quer fazer. Se isso não funcionar, pelo menos até lá você terá dezoito anos e poderá fazer o que quiser.

— Dezoito! E a peça? A apresentação é amanhã à noite!

— Fale com ele, Neil — insistiu Keating.

— Não existe uma maneira mais fácil? — implorou Neil.

— Não se você vai permanecer fiel a si mesmo.

Neil e Keating ficaram em silêncio por um longo tempo.

— Obrigado, sr. Keating — disse Neil finalmente. — Eu tenho que decidir o que fazer.

Enquanto Neil falava com o sr. Keating, Charlie, Knox, Pitts, Todd e Cameron foram para a caverna. A neve caía e um cobertor branco macio parecia proteger a terra do vento frio que uivava pelo vale.

Os meninos se espalharam pela caverna à luz de velas, cada um ocupado com as próprias coisas. Ninguém convocou a reunião. Charlie soprou notas tristes e melodiosas em seu saxofone. Knox sentou-se em um canto, murmurando para si mesmo, enquanto trabalhava furiosamente em um poema de amor para Chris. Todd sentou-se sozinho escrevendo algo também. Cameron estudava. Pitts estava na parede, riscando na pedra a frase de um livro.

Cameron olhou para o relógio.

— Dez minutos para o toque de recolher — ele os lembrou. Ninguém se mexeu.

— O que você está escrevendo? — perguntou Knox a Todd.

— Não sei. Um poema — respondeu Todd.

— Para a aula?

— Não sei.

— Estamos pedindo para tomar uma advertência, pessoal, se não vazarmos daqui logo. A neve está caindo com força — insistiu Cameron. Charlie ignorou

Cameron e continuou tocando saxofone. Todd continuou escrevendo. Cameron olhou em volta e deu de ombros. — Estou indo embora — declarou e saiu sozinho da caverna.

Knox leu seu poema de amor para Chris em voz baixa, depois deu um tapa na lateral da perna.

— Droga! Se eu pudesse fazer Chris ler este poema — gemeu.

— Por que você não lê para ela? — sugeriu Pitts. — Funcionou para Nuwanda.

— Ela nem fala comigo, Pitts! — gritou Knox.— Liguei e ela nem atendeu o telefone.

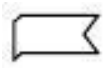
— Nuwanda recitou poesia para Gloria e ela pulou em cima dele… certo, Nuwanda?

Charlie parou de tocar saxofone. Pensou por um momento.

— Absolutamente — concordou e começou a soprar notas outra vez.

Ao longe, o sinal do toque de recolher soou. Charlie terminou sua melodia, colocou seu sax no estojo e saiu da caverna. Todd, Cameron e Pitts pegaram seus papéis e o seguiram noite adentro. Knox ficou sozinho na caverna, olhando para seu poema. Então, empurrando-o para dentro de seu livro, ele apagou a vela e correu pela floresta com uma determinação desesperada.

— Se funcionou para ele, vai funcionar para mim — disse para si mesmo enquanto planejava um esquema para levar suas palavras a Chris.



Na manhã seguinte, o chão estava densamente coberto de neve. Knox deixou o dormitório mais cedo, agasalhado contra o tempo frio e os ventos gelados. Limpou a neve de sua bicicleta, carregou-a para um caminho arado e acelerou, descendo as colinas da Welton Academy até Ridgeway High.

Deixou sua bicicleta do lado de fora da escola e correu freneticamente para o corredor lotado. Meninos e meninas se agitavam, pendurando casacos em armários, pegando livros, conversando e brincando uns com os outros. Knox correu por um corredor e parou para conversar com um aluno. Então ele se virou e subiu um lance de escadas até o segundo andar.

Knox a viu parada na frente de seu armário, conversando com algumas amigas. Ela rapidamente juntou suas coisas e se virou enquanto Knox corria até ela.

— Chris!

— Knox! O que você está fazendo aqui? — Ela o puxou para longe de suas

amigas, em um canto.

— Eu vim me desculpar pela outra noite. Eu trouxe isso para você e um poema que escrevi…

Ele estendeu um buquê de flores murchas e congeladas, e o poema. Chris olhou para eles, mas não os pegou.

— Se Chet vir isso, ele vai matar você, não entende isso? — exclamou ela.

— Eu não me importo — declarou ele, balançando a cabeça. — Eu te amo, Chris. Você merece mais do que Chet, e eu sou esse cara. Por favor, aceite os presentes.

— Knox, você está louco — disparou Chris, quando o sinal tocou e os alunos correram para suas aulas.

— Por favor. Eu agi como um babaca e sei disso. Por favor? — implorou.

Chris olhou para as flores como se estivesse pensando em aceitá-las.

— Não — recusou ela, balançando a cabeça. — E pare de me incomodar! — Ela entrou em uma sala de aula e fechou a porta.

O corredor estava vazio. Knox segurava o buquê caído e seu poema. Hesitou por um momento, então abriu a porta e entrou na sala de aula de Chris.

Os alunos estavam se acomodando em seus assentos. Knox empurrou o professor que estava inclinado sobre uma mesa, ajudando um aluno com sua lição de casa.

— Knox! — gritou Chris. — Eu não acredito nisso!

— Tudo o que estou pedindo é que você ouça — implorou ele, enquanto desdobrava seu poema e começava a ler. O professor e a turma se viraram e olharam para Knox com espanto.

Os céus fizeram uma garota, Chris,
Com cabelo e pele dourada;
Tocá-la seria chegar ao paraíso,
Beijá-la, glória ignorada.

Chris ficou vermelha e cobriu o rosto com as mãos. Seus amigos ficaram sentados, mal contendo risos e olhando uns para os outros com espanto. Knox continuou lendo:

Fizeram uma deusa e chamaram-na
Chris. Como? Nunca saberei.
Mas ainda que minha alma ignore
Sempre mais a amarei.

Knox lia como se ele e Chris fossem as únicas pessoas presentes na sala.

Vejo doçura em seu sorrir;
A luz brilhante emana do olhar.
Mas a vida é boa, sinto satisfação fluir
Só de saber que ela existe.

Knox abaixou o papel e olhou para Chris, que, totalmente envergonhada, espiava-o por entre os dedos. Knox colocou o poema e as flores em sua mesa.

— Eu amo você, Chris — declarou. Então se virou e saiu da sala.



Capítulo 12

Knox saiu voando de Ridgeway High e correu de volta para Welton o mais rápido que pôde, pedalando contra a neve ofuscante, sobre as estradas geladas. De volta ao campus, seus amigos estavam terminando a aula com o sr. Keating. Eles estavam amontoados em torno da mesa do professor, rindo, quando o sinal tocou.

— É isso, senhores — declarou Keating, fechando o livro. Vários dos meninos gemeram, desejando não ter que passar para a aula de latim do sr. McAllister. — Neil, posso falar com você um momento? — perguntou o professor, enquanto os meninos juntavam seus livros e saíam pela porta.

Neil e Keating esperaram até que os outros saíssem.

— O que seu pai disse? Você falou com ele? — perguntou Keating.

— Sim — Neil mentiu.

— Sério? — Keating reagiu animadamente. — Você disse ao seu pai o que me disse? Você mostrou a ele sua paixão por atuar?

— Sim. — Neil sentia a mentira crescer. — Ele não gostou nem um pouco, mas pelo menos está me deixando ficar na peça. Claro, ele não poderá vir. Estará em Chicago a negócios. Mas acho que ele vai me deixar atuar. Contanto que eu mantenha minhas notas altas.

Neil evitou os olhos do sr. Keating. Ficou tão envergonhado com a mentira que nem ouviu o que o professor respondeu. Pegou seus livros e disse que precisava correr, enquanto Keating ficava olhando para ele, intrigado.



Quando Knox finalmente chegou ao campus, largou sua bicicleta perto da cozinha na parte de trás do prédio principal das salas de aula e correu para dentro, frio, mas triunfante.

Parou por um momento para apreciar o calor e o cheiro da enorme área da cozinha e pegou para si um pãozinho doce que acabara de sair do forno. Correu para o corredor no momento em que as aulas estavam mudando e logo avistou a gangue.

— Como foi? — perguntou Charlie. — Você leu para ela?

— Sim! — Knox sorriu, engolindo o resto do pãozinho doce.

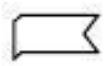
— Muito bem! — Pitts deu um tapa nas costas dele para parabenizá-lo. — O que ela disse?

— Não sei — respondeu Knox.

— Como assim, você não sabe? — Charlie ficou intrigado.

Os meninos cercaram Knox antes que ele pudesse escapar e o conduziram para uma sala de aula, fechando a porta atrás de si.

— Muito bem, Knox — ordenou Charlie —, comece do começo.



Naquela noite, os meninos se aglomeraram no saguão do dormitório esperando para ir a Henley Hall com o sr. Keating a fim de assistir à produção de *Sonho de uma noite de verão*. Knox deixou-se cair em uma cadeira, sozinho, ainda perplexo com seu encontro com Chris, animado e confuso ao mesmo tempo.

— Onde está Nuwanda? — perguntou Meeks. — Se não nos apressarmos, vamos perder a entrada de Neil!

— Ele disse algo sobre ficar vermelho antes de sair — comentou Pitts, balançando a cabeça.

— O que *isso* significa? — perguntou Cameron.

— Você conhece Charlie. — Pitts riu, assim que Nuwanda desceu as escadas correndo.

— Que história é essa de ficar vermelho? — perguntou Meeks. Charlie olhou ao redor. Abriu a camisa e revelou um raio vermelho pintado em seu peito.

— Para que serve? — indagou Todd.

— É um símbolo guerreiro de virilidade indígena. Me faz sentir potente. Como se eu pudesse enlouquecer as garotas.

— Mas e se elas *virem*, Nuwanda? — perguntou Pitts.

Charlie piscou.

— Melhor ainda!

— Você é louco! — exclamou Cameron enquanto o grupo saía do saguão. Ao se aproximarem da porta, eles passaram por Chris, que estava entrando.

Knox quase desmaiou.

— Chris! — Seu coração começou a bater descontroladamente.

— Knox, por que você está fazendo isso comigo? — gritou Chris.

Ele olhou em volta.

— Você não pode estar aqui! — declarou, empurrando-a para um canto.

O sr. Keating desceu o corredor, pronto para ir, e se juntou ao grupo de meninos na porta.

— Vamos, companheiros — convidou ele com um sorriso, e eles saíram.

— Já vou — Knox os avisou, e conduziu Chris para fora do prédio, noite de neve adentro.

— Se eles pegarem você aqui, nós dois estaremos em apuros — disse Knox, com os dentes batendo de frio.

— Ah, mas tudo bem você entrar na minha escola e me fazer de boba? — gritou ela.

— Sshh, fique quieta. Escute. Eu não queria fazer você de boba — ele se desculpou.

— Bem, você fez! Chet descobriu, e está louco. Fiz tudo o que pude para impedi-lo de vir aqui e matar você. Você tem que parar com essas coisas, Knox!

— Mas eu te amo.

— Você fica repetindo isso, mas nem me conhece!

Ao longe, Keating e os meninos, esperando na perua da escola, buzinaram para Knox.

— Vão na frente, eu vou andar — gritou ele, e o carro se afastou. — Claro que eu te conheço! — exclamou Knox, virando-se para Chris. — Desde a primeira vez que vi você, eu soube que você tinha uma alma maravilhosa.

— Simples assim? — perguntou ela.

— Claro que sim. É sempre assim quando você sabe que está certo.

— E se acontecer de você estar errado? Se acontecer de eu não me importar nem um pouquinho com você?

— Nesse caso, você não estaria aqui me avisando sobre Chet — destacou Knox.

Chris refletiu sobre isso.

— Olha — começou ela —, eu tenho que ir. Vou me atrasar para a peça.

— Você vai com o Chet?

— Com Chet, para uma peça? Você está brincando?

— Então vamos juntos — sugeriu Knox.

— Knox, você é tão irritante.

— Apenas me dê uma chance. Se você não gostar de mim depois desta noite, ficarei longe para sempre.

— Uhum — ironizou Chris com um sorriso cínico.

— Eu prometo. Pela honra dos Poetas Mortos. Venha comigo esta noite. Então, se você não quiser me ver de novo, juro que vou me retirar.

Chris hesitou.

— Deus, se Chet descobrisse, ele…

— Chet não saberá de nada — prometeu Knox. — Vamos sentar na parte de trás e fugir assim que acabar.

— Knox, se você *prometer* que este será o fim de tudo…

— Pela honra dos Poetas Mortos — repetiu ele, levantando a mão.

— O que é isso?

— Minha palavra de honra. — Com os dedos, fez uma cruz sobre o coração e olhou com sinceridade para Chris. Ela suspirou com relutância enquanto ele a conduzia em direção a Henley Hall.

Knox e Chris entraram no auditório do colégio muito depois de Keating e os outros alunos terem se sentado na frente. Eles se acomodaram na parte de trás e, quando seus amigos o viram com Chris, fizeram gestos de encorajamento.

No palco, a apresentação havia começado. Ostentando uma coroa de flores, Neil fez sua grande entrada como Puck, e a Sociedade dos Poetas Mortos o aplaudiu ruidosamente. Neil examinou o público com um olhar momentâneo de medo. Todd cruzou os dedos.

— “Ora essa, espírito, por onde vais?” — começou Neil a fala de Puck.

— “Por colinas, vales, folhas e galhos…” — respondeu um ator no papel de fada.

O sr. Keating olhou para os meninos na plateia e fez um sinal de positivo para Neil.

— “Tua fala acerta; / Vago feliz pela noite aberta. / Divirto Oberon, faço gargalhar, / Se um gordo cavalo vou imitar, / Nitrindo qual um potrinho…”

Os amigos de Neil o observavam com atenção enquanto ele declamava suas falas com destreza e facilidade, aproveitando cada momento para arrancar risadas de todos os lugares certos. Todd sentou-se murmurando os versos com ele como se isso pudesse ajudar o amigo a cumprir seu papel. Mas Neil não precisava de ajuda.

— Ele é bom! Ele é muito bom! — sussurrou Charlie em tom animado para seus amigos.

A peça continuou com os personagens de Lisandro e Hérmia. Ginny Danburry interpretava Hérmia, vestida com um traje atraente de folhas e galhos.

— “A relva é nossa cama de ternura; / Um coração, um peito e uma jura.”

— “Não, bom Lisandro, peço por meu bem, / Não tão perto inda, deita mais além.” — respondeu Ginny, no papel de Hérmia.

Charlie folheou o programa procurando o nome da garota que interpretava Hérmia.

— Gina Danburry! Ela é linda! — ele suspirou enquanto seus olhos voltavam para as folhas e galhos dela.

— “Amigo, por amor e cortesia / Deita lá, tem modéstia por guia; / A separação, embora horrorosa, / Faz o homem e a mulher virtuosa. / Então fica longe; adeus, amado. / Guarda amor ‘té que o fim tenha alcançado.” — recitou Gina.

Charlie ficou extasiado por ela. Enquanto Gina e Lisandro faziam sua cena, Neil ficou nos bastidores olhando para fora. De repente, viu seu pai entrar na parte de trás do auditório e ficar no fundo. Seu pulso acelerou, mas sua expressão permaneceu calma.

No palco, Lisandro e Ginny completaram sua cena.

— “Eis meu leito, que o bom sono te embale” — declama Lisandro.

— “Meio desejo deste os olhos vale.” — respondeu Hérmia.

A dupla deitou-se no palco e seus personagens foram dormir. Um interlúdio musical sinalizou a reentrada de Puck em cena.

Neil se movia na folia lírica sem palavras, desinibido, alegre, mágico. Os outros personagens também apareceram no interlúdio em câmera lenta. Hérmia, brilhando intensamente, manteve Charlie fascinado. O sr. Keating, Todd e os outros meninos ficaram impressionados e encantados com toda a produção. Knox perdeu a maior parte da apresentação porque olhava para Chris em completo êxtase; e, embora tentasse não demonstrar, Chris começou a se apaixonar por Knox também.

Quando o interlúdio musical terminou, Neil ficou sozinho no palco como Puck. Ele se dirigiu a toda a plateia, mas dirigiu suas palavras para seu pai, que havia permanecido de pé no fundo do auditório.

Se nós, sombras, ofendemos
Apenas isto pensemos:
Que vós somente dormíeis
Enquanto as imagens víeis.
E que este tema bisonho
Nada mais é que sonho.
Nobres, não repreendais;
Mudamos, se perdoais,
E eu, um honesto Puck,
Prometo sem nenhum truque,
Do fel da língua poupado,

Que o erro será curado.
Senão, Puck é mentiroso.
Um adeus afetuoso,
Apertemos já a mão,
Robin restaura a razão.

A cortina caiu sobre o monólogo final de Neil, e o público explodiu em aplausos entusiasmados. Os meninos dissiparam todas as dúvidas sobre o talento de Neil como ator e, quando aplaudiram de pé, todo o público seguiu o exemplo, parabenizando Neil e o elenco por meio de pedidos que os atores reaparecessem.

Os atores fizeram suas reverências um a um. Ginny recebeu grandes aplausos e sorriu para Charlie, que aplaudia e gritava bravos bem alto. Knox sorriu para Chris e parou de bater palmas para pegar a mão dela. Ela não resistiu.

Quando Neil saiu e fez suas reverências, seus amigos aplaudiram loucamente. Após os aplausos, os membros do elenco voltaram para o auditório e se misturaram com o público. Várias pessoas correram até o palco para dar os parabéns.

— Família e amigos podem encontrar membros do elenco no saguão, por favor! — comunicou a diretora pelo microfone.

— Neil! — chamaram Todd e os outros. — Nos encontramos no saguão. Você foi ótimo!

No palco, Ginny Danburry foi cercada por simpatizantes. Charlie ignorou o anúncio da diretora e pulou no palco.

— Você foi ótima! — ele ouviu outro garoto dizer a ela. Notou que Lisandro estava com o braço em volta de Ginny.

— Parabéns, Ginny! — Lisandro congratulou, abraçando-a.

Destemido, Charlie abriu caminho até Ginny.

— Uma luz clara emana de seus olhos — comentou ele com total sinceridade.

Ginny viu que ele estava falando sério e sorriu em resposta. Eles se encararam até que finalmente Lisandro sorriu sem jeito e se afastou.

Nos bastidores, no camarim dos meninos, o elenco jubiloso carregava Neil nos ombros e fazia elogios ao seu desempenho. Depois de um momento de celebração, a diretora entrou no camarim com um olhar preocupado no rosto.

— Neil — sussurrou ela em um tom abafado. — Seu pai.

Neil pulou dos ombros de seus amigos e a seguiu, parando nos bastidores para vestir o casaco. Viu seu pai parado no fundo do auditório e fez uma pausa. Neil saiu do palco e, tirando a fantasia enquanto caminhava, aproximou-se lentamente do pai.

Charlie avistou Neil.

— Neil? — chamou ele.

Mas o amigo não respondeu. Então Charlie viu Neil se juntar ao pai e, sentindo que algo estava errado, agarrou a mão de Ginny e a levou para fora do palco. Keating e a turma estavam esperando por Neil no saguão.

— Olá a todos, essa é Chris — apresentou Knox, juntando-se a eles.

— Uau, ouvimos muito sobre *você*! — comentou Meeks enquanto Knox o encarava. — Quero dizer… Você sabe… Eu quero dizer… — gaguejou Meeks.

De repente, a porta do saguão se abriu e o sr. Perry levou Neil como um prisioneiro para fora do auditório em direção à porta da frente. Charlie e Ginny saíram atrás deles. As pessoas na multidão gritaram parabéns a Neil. Preso atrás da multidão, Todd tentou alcançar seu amigo.

— Neil, isso foi ótimo! Neil! — gritou Todd.

— Vamos dar uma festa! — chamou Knox.

Neil se virou.

— Não adianta — proferiu ele com tristeza.

O sr. Keating alcançou Neil e o pegou pelos ombros.

— Neil, você foi brilhante! — Keating sorriu.

O sr. Perry afastou as mãos de Keating.

— Você! Fique longe dele! — gritou sr. Perry.

Um silêncio atordoado seguiu suas palavras duras. Ele levou Neil para seu carro e o empurrou para dentro. Charlie começou a segui-los, mas Keating o segurou.

— Não piore as coisas — pediu ele com tristeza.

O sr. Perry ligou o carro e partiu. Pela janela do carro, Neil parecia um prisioneiro sendo levado para sua execução.

— Neil! — gritou Todd enquanto o carro se afastava.

Atordoados, os membros da Sociedade dos Poetas Mortos ficaram em silêncio no saguão. Charlie caminhou até o sr. Keating.

— Tudo bem se voltarmos a pé? — perguntou ele.

— Claro — respondeu Keating, gelado de comiseração, enquanto observava os “Poetas Mortos”, junto de Chris e Ginny, se retirarem do saguão e saírem em direção à noite fria e escura.



Capítulo 13

A mãe de Neil estava sentada no canto do pequeno e abafado escritório, com os olhos inchados de lágrimas. O sr. Perry estava sentado rigidamente em sua mesa.

A porta se abriu e Neil entrou, ainda vestindo sua fantasia de Puck, com os olhos também vermelhos de tanto chorar. Ele olhou para a mãe e começou a falar, mas o pai logo interrompeu.

— Filho, estou me esforçando muito para entender por que você insiste em nos desafiar, mas seja qual for o motivo, não vou deixar você arruinar sua vida. Amanhã vou retirá-lo de Welton e matriculá-lo na Escola Militar de Braden. Você vai para Harvard e vai ser médico.

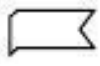
Lágrimas frescas brotaram dos olhos injetados de sangue de Neil.

— Pai — implorou ele—, são mais dez anos. Você não percebe, isso é uma vida inteira!

— Você tem oportunidades com as quais nunca sonhei! — gritou Perry. — Eu não vou deixar você desperdiçá-las — continuou e logo saiu do escritório.

A mãe de Neil parecia querer dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio e seguiu o marido para fora da sala.

Neil ficou sozinho, completamente esgotado de emoção, tentando não pensar no futuro que seu pai acabara de traçar para ele.



Em vez de retornar diretamente para Welton, os aspirantes da Sociedade dos Poetas Mortos decidiram ir para a caverna. Todd, Meeks, Pitts, Charlie, Ginny, Knox e Chris sentaram-se amontoados ao redor da vela ardente do deus da caverna para se aquecer. Charlie segurava uma taça de vinho meio vazia, e a garrafa sem líquido estava no chão ao lado. Os meninos tinham olhares

melancólicos em direção à chama, cientes de que ela era um símbolo de Neil, que a trouxera para a caverna.

— Knox — disse Chris. — Eu tenho que ir para casa agora. Chet pode ligar.

— É só por um tempo — respondeu Knox, apertando a mão dela. — Você prometeu.

— Você é tão irritante! — Ela deu um meio sorriso.

— Onde está Cameron? — perguntou Meeks.

Charlie tomou um gole de vinho.

— Quem sabe? Quem se importa?

Todd de repente pulou e bateu nas paredes com os punhos.

— Da próxima vez que eu vir o pai de Neil, vou esmagá-lo. Eu não me importo com o que acontecer comigo!

— Não seja estúpido — advertiu Pitts.

Todd andou de um lado para o outro na caverna. De repente, o sr. Keating enfiou a cabeça nela, iluminado por trás pelo luar.

— Sr. Keating! — gritaram os meninos surpresos.

Charlie escondeu a garrafa de vinho e a taça.

— Imaginei que ia encontrá-los aqui — confessou Keating. — Agora não devemos ficar tristes. Neil não gostaria que fosse assim.

— Por que não temos uma reunião em sua homenagem? — sugeriu Charlie — Capitão, você pode tomar a frente nela?

Os outros meninos apoiaram a moção.

— Companheiros, eu não sei… — Keating hesitou.

— Vamos, sr. Keating, por favor… — insistiu Meeks.

Keating olhou em volta para os rostos suplicantes.

— Está bem, mas apenas uma reunião breve — Keating cedeu. Ele pensou por um momento, então começou: “Fui para a floresta porque eu queria viver com profundidade e sugar todo o tutano da vida! Desfazer-me de tudo o que não era vida. Para que, quando eu viesse a morrer, não descobrisse que não tinha vivido”. — Ele fez uma pausa. — Do sr. e.e. cummings:

submerja por sonhos
ou um slogan o derrubará
(as árvores são suas raízes
e o vento é o vento)
confia no coração
se os mares se incendiarem
(e viva pelo amor
ainda que astros vão em reverso)

honre o passado
mas dê boas-vindas ao futuro
(e dance até que sua morte
saia deste casamento)
nunca se importe com um mundo
com seus vilões e heróis
(pois deus ama as meninas
e o amanhã e a terra)

Keating fez uma pausa e olhou em volta.

— Agora, quem mais quer ler? — Ninguém respondeu. — Vamos, rapazes, não sejam tímidos — insistiu.

— Eu tenho algo para ler — prontificou-se Todd.

— Aquilo que você está escrevendo? — perguntou Charlie.

Todd assentiu.

— Sim.

Os meninos ficaram realmente surpresos que Todd tivesse se oferecido. Ele deu um passo à frente e tirou alguns papéis amassados do bolso, passando tiras de papel para cada um dos outros.

— Todo mundo lê isso entre os versos — pediu ele, segurando os pedaços de papel.

Todd abriu seu poema e leu:

Estamos sonhando com o amanhã, mas o amanhã não está vindo;
Estamos sonhando com uma glória que realmente não queremos.
Estamos sonhando com um novo dia quando o novo dia já está aqui.
Estamos fugindo da batalha quando é uma batalha que deve ser travada.

Todd acenou com a cabeça. Todos leram:

— "Ainda assim, dormimos."

Todd continuou:

Estamos ouvindo o chamado, mas nunca realmente prestando atenção,
Esperando pelo futuro quando o futuro é apenas planos.
Sonhando com a sabedoria de que estamos nos esquivando todo dia,
Orando por um salvador quando a salvação está em nossas mãos.
Ainda assim, dormimos
Ainda assim, dormimos
Ainda assim, rezamos

Ainda assim, tememos

Ele fez uma pausa triste:

— “Ainda assim, dormimos.”

Dobrou o poema. Todos na caverna aplaudiram.

— Isso foi ótimo! — elogiou Meeks.

Todd sorriu, recebendo com modéstia os elogios e os tapas de felicitações nas costas. Keating sorriu com grande orgulho pelo enorme progresso de seu aluno. Arrancou um pingente de gelo esférico pendurado no teto da caverna e olhou para ele.

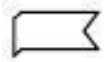
— Tenho em mãos uma bola de cristal. Nele vejo grandes coisas para Todd Anderson — entoou sr. Keating. Todd encarou o sr. Keating e, de repente, poderosamente, eles se abraçaram. Quando eles se separaram, Keating se virou para os outros.

— E agora — continuou Keating —, “General William Booth entra no céu”, de Vachel Lindsay. Quando eu fizer uma pausa, você pergunta: “Você foi lavado no sangue do Cordeiro?” — Keating recitou: — “Booth seguia na frente corajosamente com seu grande bumbo…”

Os outros responderam:

— “Você foi lavado no sangue do Cordeiro?”

Keating saiu da caverna, seguido pelos meninos e meninas, recitando poesia durante o caminho para casa.



Enquanto seus amigos o homenageavam na caverna, Neil estava em casa, sentado sozinho em seu quarto escuro, olhando pela janela. A paixão secara e deixara seu corpo. Todo o sentimento fora drenado de seu rosto e membros. Ele acreditava que era uma concha vazia e quebradiça que logo seria esmagada pelo peso da neve que caía.



Capítulo 14

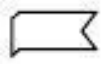
A lua estava cheia. As estrelas eram abundantes. A noite estava clara e fria. As árvores pesavam com os pingentes de gelo em sua superfície, enquanto os meninos, Ginny e Chris, seguiam o sr. Keating noite adentro. O congelamento transformara a floresta estéril em um mundo de diamantes cintilantes. O grupo caminhou pela floresta atrás de Keating enquanto ele recitava:

— “Os santos sorriram gravemente e disseram: Ele chegou…”

— “Você foi lavado no sangue do Cordeiro?” — disseram eles em coro.

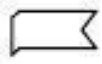
— “Leprosos ambulantes seguiam, um a um, valentões cambaleantes da vala incomum, prostitutas dos becos e viciados nada ágeis, / Mentes ainda dominadas pela paixão, potências da alma frágeis…”

— “Você foi lavado no sangue do Cordeiro?” — repetiram eles.



Enquanto a Sociedade marchava pela calada da noite, um silêncio sinistro se instalou na casa dos Perry. O sr. e a sra. Perry foram para a cama e desligaram a luz do quarto. Eles não ouviram a porta do outro quarto se abrir. Neil entrou no corredor. Virou uma esquina e desceu silenciosamente as escadas.

O luar iluminava o escritório do sr. Perry. Neil caminhou até a mesa de seu pai, abriu a gaveta de cima e alcançou os fundos. Puxou uma chave e, com ela, destrancou a gaveta de baixo da mesa. Neil sentou-se na cadeira de couro e, estendendo a mão para o outro lado da mesa, pegou a coroa de flores que usara como Puck e a colocou na cabeça.



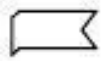
O grupo parou ao lado da cachoeira, que havia congelado. A escultura de gelo parecia desafiar as leis da gravidade enquanto os alunos olhavam para sua forma notável. O céu estava incrivelmente claro. O luar refletido na neve lançou um estranho brilho azulado sobre o grupo, enquanto Keating continuava o poema:

Cristo veio gentilmente com uma coroa e um manto,
Para Booth, o soldado, enquanto a multidão se ajoelhava em pranto
Ele viu o Rei Jesus. Eles estavam lado a lado, e ele se ajoelhou chorando naquele lugar sagrado.

— "Você foi lavado no sangue do Cordeiro?" — recitaram eles novamente.

O luar e a maravilha mística da cachoeira congelada combinaram-se com a poesia mágica e fez o grupo dançar e brincar na neve. Eles se transformaram em uma folia alegre e frenética.

Knox e Chris se afastaram do grupo e se abraçaram. Eles se beijaram, suaves e quentes, sob a lua congelada.



O sr. e a sra. Perry estavam em sono profundo quando, de repente, o som rápido e curto quebrou o silêncio da noite.

— O que foi isso? — O sr. Perry sentou-se na cama.

— O quê? — perguntou sua esposa, ainda um pouco adormecida.

— Esse som? Você não ouviu?

— Que som?

O sr. Perry saiu da cama e foi para o corredor. Ele andou de um lado para o outro, finalmente entrando no quarto de Neil. Depois, correu para fora do quarto e desceu as escadas enquanto a sra. Perry o seguia, tentando vestir o roupão sobre os braços agitados.

O sr. Perry entrou no escritório e acendeu a luz. Olhou em volta. Tudo parecia normal, mas assim que ele se virou para sair, avistou o objeto preto brilhante deitado no tapete: seu revólver. Em pânico, ele correu ao redor da mesa até ver a mão branca pálida. Engasgou.

Neil estava deitado no chão, banhado no próprio sangue. O sr.Perry se ajoelhou e abraçou o filho enquanto sua esposa soltava um grito angustiado.

— Não! — gritou o sr. Perry. — Não!



O sr. Keating e os meninos levaram as meninas para casa e voltaram para Welton nas primeiras horas da manhã.

— Estou drenado, esgotado — declarou Todd enquanto se dirigia para seu quarto — Vou dormir até o meio-dia.

Mas na manhã seguinte, Charlie, Knox e Meeks entraram no quarto dele. O rosto dos meninos estava pálido. Eles olharam para Todd, que roncava pacificamente.

— Todd, Todd — chamou Charlie em tom suave.

Todd abriu os olhos e sentou-se, parecendo exausto. Depois de alguns momentos, seus olhos se ajustaram à luz. Ele os fechou e deitou-se de novo. Então, procurando o relógio, ele o pegou e apertou os olhos.

— São apenas oito. Eu tenho que dormir — reclamou ele, puxando as cobertas sobre a cabeça. Sentou-se de repente, com os olhos bem abertos. Seus amigos ainda estavam lá, em silêncio, e ele sentiu que algo estava errado.

— Todd, Neil está morto. Ele atirou em si mesmo — relatou Charlie.

Todd sentiu sua cabeça girar.

— Ai, meu Deus! Oh, Neil! — ele gemeu enquanto pulava da cama e corria pelo corredor, gritando, até o banheiro. Sentou-se de joelhos próximo à privada e vomitou até pensar que suas entranhas iriam sair. Seus amigos esperavam impotentes do lado de fora.

Todd se levantou, limpando a boca. Lágrimas escorriam por seu rosto. Ele andava de um lado para o outro no banheiro.

— Alguém precisa saber que foi o pai dele! Neil não se mataria! Ele adorava viver! — gritou.

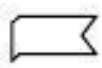
— Você não acha de verdade que o pai dele… — começou Knox.

— Não com a arma — gritou Todd. — Droga, mesmo que o bastardo não tenha puxado o gatilho, ele… — Os soluços de Todd afogaram suas palavras até que, por fim, ele se controlou. — Mesmo que o sr. Perry não tenha atirado nele, —explicou Todd com calma — ele o matou. Eles têm que saber disso! — Ele correu pela sala, gritando dolorosamente: — Neil! Neil! — Caindo de costas para a parede, ele começou a soluçar outra vez, e os meninos o deixaram sozinho, sentado no chão, para que pudesse chorar toda a sua dor.



Sem saber que os meninos já haviam sido informados, o sr. Keating estava sentado em sua mesa, na sala de aula vazia, lutando para controlar sua emoção. Ele se levantou e caminhou em passos lentos até a mesa de Neil. Pegou um livro,

sua própria antologia de poesia surrada e desgastada e, ao abri-lo, seus olhos se concentraram em sua própria escrita: “Poetas Mortos”. Ele caiu pesadamente na cadeira de Neil, incapaz de conter um grito de angústia e tristeza.



A manhã seguinte estava fria e sombria, um dia escuro de inverno com rajadas de vento que sopravam ao redor da procissão liderada pelo lamento assombroso do gaiteiro da escola.

Neil foi enterrado na cidade de Welton. Os Poetas Mortos carregaram seu caixão nos ombros. Sua mãe, vestida de preto, assistiu à procissão com seu pai, ambos atordoados com a dor. O sr. Nolan, o sr. Keating e outros professores e alunos assistiam solenemente enquanto Neil era sepultado.

Após o enterro, toda a escola se reuniu na capela de Welton. Os professores, incluindo o sr. Keating, ficaram ao longo das paredes. A assembleia cantou um hino antes que o capelão falasse.

— Deus Todo-Poderoso, conceda-nos a graça de confiar Neil Perry aos braços de sua misericórdia infalível. Abençoe Neil e proteja-o. Faça brilhar sobre ele a luz do seu semblante e tenha misericórdia dele. Ponha os olhos sobre ele e conceda-lhe paz, agora e para sempre. Amém.

— Amém.

Nolan sucedeu o capelão no púlpito.

— Senhores, a morte de Neil Perry é uma tragédia. Ele era um bom aluno, um dos melhores de Welton, e fará falta. Entramos em contato com cada um de seus pais para explicar a situação. Naturalmente, todos estão bastante preocupados. A pedido da família de Neil, pretendo conduzir uma investigação completa sobre este assunto. Sua cooperação completa é esperada — anunciou Nolan.

A assembleia foi dispensada e os meninos saíram em silêncio da capela. Charlie, Todd, Knox, Pitts, Meeks e Cameron saíram juntos e seguiram caminhos separados.

Mais tarde, todos, exceto Cameron e Meeks, se reuniram no almoxarifado cheio de coisas velhas e descartadas no porão de seu dormitório. Houve uma batida na porta. Meeks entrou.

— Não consigo encontrá-lo. — Meeks balançou a cabeça.

— Você contou a ele sobre esta reunião? — perguntou Charlie.

— Duas vezes — confirmou Meeks.

— É isso. Ótimo! — Charlie ergueu as mãos. Foi até a janela e olhou para o gramado em direção ao prédio da administração. Ele se virou e encarou seus

amigos. — É isso, pessoal, estamos todos fritos.

— O que você quer dizer? — perguntou Pitts.

— Cameron é um dedo-duro! Ele está no escritório de Nolan agora, dedurando!

— Dedurando o quê? — perguntou Pitts.

— O clube, Pitts. Pense nisso. — Pitts e os outros pareciam perplexos. — Eles precisam de um bode expiatório… — explicou Charlie. — As escolas vão à falência por causa de coisas assim.

Os meninos sentaram-se no almoxarifado e se entreolharam. Logo eles ouviram o som de uma porta se abrindo no corredor. Knox foi até a porta e olhou para fora, viu Cameron entrando. Knox saiu e fez sinal para Cameron se apressar.

— Cameron! — sussurrou ele de forma audível. Cameron olhou para Knox. Hesitou, então caminhou pelo corredor e entrou no almoxarifado. O resto do grupo olhou para ele.

— O que está acontecendo, pessoal? — perguntou Cameron em tom inocente.

— Você dedurou, não foi, Cameron? — acusou Charlie, agarrando o colarinho da camisa.

Cameron se desvencilhou.

— Vai pro inferno, babaca, eu nem sei do que você está falando!

— Você acabou de contar a Nolan tudo sobre o clube, é disso que estou falando — gritou Charlie.

— Caso você não saiba, Dalton, há algo chamado código de honra nesta escola. Se um professor lhe perguntar algo, você diz a verdade ou é expulso.

Charlie avançou contra Cameron outra vez.

— Por que você…

Meeks e Knox puxaram Charlie.

— Charlie… — chamou Knox.

— Ele é um traidor, está metido nisso até o pescoço, então delatou para se safar! — berrou Charlie.

— Não toque nele, Charlie — avisou Knox. — Se fizer isso, está fora.

— Estou fora de qualquer maneira — disse Charlie, recuando.

— Ele está certo. E se vocês forem inteligentes, cada um de vocês fará exatamente o que eu fiz e cooperará. Eles não estão atrás de nós. Nós somos as vítimas. Nós e Neil.

— O que isso significa? — perguntou Charlie. — Eles estão atrás de quem?

— Ora, do sr. Keating, é claro. O próprio “Capitão”. Você realmente não achou que ele deixaria de ser responsabilizado, não é?

— O sr. Keating? Responsável por Neil? É isso que eles estão dizendo? —

Charlie se desvencilhou de Meeks e Knox.

— Quem mais você acha, seu idiota? — retrucou Cameron. — A administração? O sr. Perry? Keating nos colocou em tudo isso, não foi? Se não fosse por ele, Neil estaria aconchegado em seu quarto agora, estudando sua química e sonhando em ser chamado de doutor.

— Isso não é verdade! — Todd chorou. — O sr. Keating não disse a Neil o que fazer. Neil adorava atuar.

— Acredite no que quiser — Cameron deu de ombros. — Mas eu digo para deixar Keating fritar. Por que arruinar nossa vida?

— Seu bastardo! — Charlie correu pela sala e atingiu Cameron na mandíbula. Cameron caiu no chão e Charlie subiu nele.

— Charlie! — Knox gemeu.

Cameron olhou para cima e sorriu enquanto esfregava a bochecha.

— Você acabou de assinar seus papéis de expulsão, Nuwanda. — Riu.

Ele cobriu o nariz sangrando. Charlie se virou e saiu. Os outros o seguiram. Cameron ficou deitado sozinho no chão. E gritou para eles:

— Se vocês forem espertos, farão exatamente o que eu fiz! Eles sabem tudo de qualquer maneira. Vocês não podem salvar Keating, mas podem salvar a si mesmos!



Capítulo 15

No quarto, a cama de Neil estava despojada e sua mesa vazia. Todd sentou-se à janela, olhando para o campus no prédio da administração. Enquanto observava, ele viu Meeks sendo escoltado pelo dr. Hager para fora do prédio, em direção ao dormitório.

Todd espiou pela porta da sala. Meeks e Hager entraram no corredor, e Hager esperou enquanto Meeks caminhava silenciosamente de volta para seu quarto.

Ele passou por Todd sem nem mesmo olhar para ele, e Todd viu as lágrimas escorrendo por seu rosto. Meeks fechou a porta atrás de si.

— Knox Overstreet — chamou o dr. Hager, enquanto esperava impacientemente no final do corredor. Knox saiu de seu quarto e se juntou a Hager. Eles saíram pela porta e voltaram pelo campus.

Todd esperou alguns minutos e atravessou o corredor até o quarto de Meeks. Ele bateu.

— Meeks, é o Todd — chamou ele.

— Vá embora — disse Meeks, com a voz rouca e gutural. — Eu tenho que estudar.

Todd fez uma pausa, percebendo o que havia acontecido.

— O que aconteceu com Nuwanda? — perguntou Todd a Meeks através da porta fechada.

— Expulso — respondeu Meeks categoricamente.

Todd ficou atordoado.

— O que você disse a eles? — perguntou Todd, ainda pela porta.

— Nada que eles já não soubessem — confessou Meeks.

Todd se virou. Voltou para sua janela e observou enquanto Knox era escoltado de volta ao dormitório. Mais uma vez, Todd olhou para o corredor. Knox e Hager entraram. O queixo de Knox estremeceu, prestes a desmoronar, e ele entrou em seu quarto, fechando silenciosamente a porta. Todd voltou para seu quarto e se

encostou na parede. Ele ficou abalado ao perceber que Knox havia sido vencido. Então ele ouviu seu próprio nome ser chamado.

— Todd Anderson. — Era o dr. Hager. Ele esperava no final do corredor. Todd respirou fundo e olhou para o teto. Abriu a porta e caminhou devagar em direção ao professor.

O dr. Hager arrastou os pés pelo campus, bufando e fungando com a tensão óbvia de toda a corrida de um lado para o outro. Parou do lado de fora do prédio da administração, recuperou o fôlego e entrou.

Todd seguiu Hager escada acima, em direção ao escritório do sr. Nolan, sentindo-se como um homem subindo para a forca.

Nolan estava sentado em sua mesa e Todd ficou surpreso ao ver seus pais sentados perto.

— Pai, mãe — disse ele.

— Sente-se, sr. Anderson — ordenou Nolan.

Todd sentou-se na cadeira vazia que havia sido colocada diante da mesa de Nolan. Ele olhou para seus pais, que estavam sentados com olhos sombrios de aço. Uma gota de suor caiu de sua testa e manchou sua camisa.

— Sr. Anderson, acho que levantamos muito bem o que aconteceu aqui. Você admite fazer parte desta tal Sociedade dos Poetas Mortos? — perguntou Nolan.

Todd olhou para seus pais e para Nolan. Fechou os olhos. Antes que ele pudesse confirmar com um aceno de cabeça, seu pai falou.

— Responda a ele! — comandou o sr. Anderson com raiva.

— Sim — respondeu Todd com a voz baixinha.

— Não consigo ouvi-lo, Todd — respondeu Nolan.

— Sim, senhor — respondeu Todd, não muito mais alto do que antes.

Nolan olhou para Todd e seus pais. Ele ergueu um pedaço de papel.

— Tenho aqui uma descrição detalhada do que aconteceu em suas reuniões. Ela descreve como seu professor, o sr. Keating, encorajou vocês, rapazes, a organizar o clube e usá-lo como fonte de inspiração para um comportamento imprudente e autoindulgente. Ela descreve como o sr. Keating, dentro e fora da sala de aula, encorajou Neil Perry a seguir essa obsessão de atuar quando sabia que ia diretamente contra as ordens explícitas dos pais de Neil. É um abuso flagrante o que o sr. Keating fez de sua posição como professor e que levou diretamente à morte de Neil Perry.

Nolan entregou o papel a Todd.

— Leia isso com atenção, Todd — acrescentou Nolan. — Se você não tem nada a acrescentar ou alterar, assine.

Todd pegou o papel e leu por um longo tempo. Quando terminou, suas mãos e o papel tremiam. Ele olhou para cima.

— O que… o que vai… acontecer… com… o sr. Keating? — perguntou ele a Nolan.

Seu pai se levantou e balançou o punho.

— O que isso tem a ver com você?

— Está tudo bem, sr. Anderson — disse Nolan. — Sente-se, por favor. Eu quero que ele saiba. — Ele se virou para Todd. — Ainda não temos certeza se o sr. Keating violou alguma lei. Se ele tiver violado, será processado. O que podemos, e a sua e as outras assinaturas ajudarão a garantir isso, é fazer com que o sr. Keating nunca mais ensine.

— Nunca… mais… ensine…? — gaguejou Todd.

Seu pai se levantou outra vez e se moveu em direção a Todd.

— Já chega — gritou ele. — Assine o papel, Todd.

— Por favor, querido — disse sua mãe, sem se levantar. — Para o nosso bem.

— Mas… ensinar é a vida dele! Significa tudo para ele! — exclamou Todd.

— Por que você se importa com isso? — gritou o sr. Anderson.

— E você se importa comigo? — berrou Todd em resposta. — Ele se importa comigo. Você não!

O pai de Todd ficou em cima dele, branco de raiva, e pegou a caneta.

— Assine o papel, Todd — ordenou ele.

Todd balançou a cabeça.

— Não. Eu não vou assinar.

— Todd! — gritou sua mãe.

— Não é verdade! Eu não vou assinar.

O pai de Todd pegou a caneta e tentou colocá-la na mão de Todd. Nolan se levantou.

— Tudo bem. Deixe-o sofrer as consequências — propôs. Ele deu a volta em sua mesa para ficar diante de Todd. — Você acha que pode salvar o sr. Keating? — perguntou Nolan. — Você viu, rapaz, temos as assinaturas de todos os outros. Mas, se você não assinar, estará em liberdade condicional disciplinar pelo resto do ano. Você prestará serviço todas as tardes e todos os fins de semana. E, se você colocar os pés fora do campus, será expulso.

Os pais de Todd e o sr. Nolan observaram Todd, esperando que ele mudasse de ideia. Todd ficou em silêncio.

— Eu não vou assinar — disse ele suavemente, mas com firmeza.

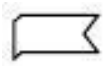
— Então eu vou vê-lo de volta aqui após as aulas — comandou Nolan, virando as costas. — Saia.

Todd se levantou e saiu pela porta. Nolan olhou para os pais de Todd.

— Desculpe, sr. Nolan — pediu a sra. Anderson. — Não posso deixar de sentir que isso é culpa nossa.

— Nós nunca deveríamos tê-lo colocado aqui — comentou sr. Anderson, olhando para o chão.

— Bobagem — consolou Nolan. — Meninos dessa idade são altamente impressionáveis. Vamos dar um jeito nele.



No dia seguinte, McAllister liderou um grupo de estudantes de latim pelo campus coberto de neve enquanto repetiam verbos em voz alta. Ele parou e olhou para o andar da residência dos professores, onde notou a figura solitária do sr. Keating, olhando pela janela. Seus olhos se encontraram brevemente. McAllister se virou, respirou fundo e voltou a caminhar com os meninos.

Keating afastou-se da janela depois de ver McAllister. Caminhou até sua estante e começou a tirar seus amados livros de poesia — Byron, Whitman, Wordsworth. Suspirou e os colocou de volta na mala. Fechando-a, caminhou até a porta do minúsculo quarto, deu uma última olhada e saiu.

Enquanto Keating se preparava para sair, seus ex-alunos estavam na aula de inglês. Todd estava sentado entorpecido, com os olhos voltados para baixo, como costumava fazer quando as aulas começaram. Knox, Meeks e Pitts pareciam humilhados enquanto se contorciam em seus assentos. Todos os ex-membros do clube estavam envergonhados demais para sequer olharem uns para os outros. Apenas Cameron parecia meio normal, estudando em sua mesa como se nada tivesse acontecido.

Visivelmente ausentes da sala estavam as mesas que pertenciam a Neil e Charlie.

A porta se abriu de repente e o sr. Nolan entrou. Os meninos se levantaram. Nolan sentou-se à mesa do professor e todos se sentaram.

— Vou assumir esta matéria até os exames — disse Nolan enquanto olhava ao redor da sala. — Encontraremos um professor de inglês permanente durante as férias. Quem vai me dizer onde vocês estão no livro didático de Pritchard?

Nolan olhou em volta. Não havia voluntários.

— Sr. Anderson?

— O… Pritchard… — repetiu Todd, quase inaudível. Ele olhou seus livros, tateando nervosamente.

— Não consigo ouvi-lo, sr. Anderson — disse Nolan.

— Eu… acho… nós… — gaguejou Todd, ainda falando baixinho.

— Sr. Cameron — chamou Nolan, exasperado com a resposta de Todd —, por favor, informe-me.

— Nós pulamos muito, senhor. Cobrimos os românticos e alguns dos capítulos sobre literatura pós-Guerra Civil.

— E os realistas? — perguntou Nolan.

— Acredito que pulamos a maior parte disso — afirmou Cameron.

Nolan olhou para Cameron e depois olhou ao redor da classe.

— Tudo bem, então, vamos começar do zero. O que é poesia? — Ele esperou por uma resposta. Ninguém se voluntariou.

De repente, a porta da sala de aula se abriu e o sr. Keating entrou.

— Eu vim para buscar meus itens pessoais — disse ele a Nolan. — Devo esperar pelo fim da aula?

— Pegue suas coisas, sr. Keating — autorizou Nolan, irritado. Ele se virou para a turma. — Senhores, abram na página vinte e um da introdução. Sr. Cameron, leia em voz alta o excelente ensaio do dr. Pritchard sobre a compreensão da poesia.

— Sr. Nolan, essa página foi arrancada — constatou Cameron.

— Então pegue emprestado o livro de outra pessoa — ordenou Nolan, perdendo a paciência.

— Eles estão todos rasgados, senhor — relatou Cameron.

Nolan olhou para Keating.

— O que você quer dizer com eles estão todos arrancados?

— Senhor, nós… — começou Cameron.

— Não importa, Cameron — atalhou Nolan. Entregou seu livro a Cameron. — Leia! — ordenou ele.

— "*Entendendo a Poesia*, do dr. J. Evan Pritchard, Phd. Para entender completamente a poesia, devemos primeiro ser fluentes com sua métrica, rima e figuras de linguagem, depois fazer duas perguntas: 1) Quão habilidosamente o objetivo…"

Enquanto Cameron continuava lendo, Keating ficou no armário no canto da sala, olhando para os alunos. Ele viu Todd, cujos olhos estavam cheios de lágrimas. Viu Knox, Meeks, Pitts… ainda com vergonha de olhá-lo nos olhos, mas, no entanto, cheios de emoção. Suspirou. A ironia de Nolan escolher o ensaio de Pritchard assim que ele entrou na sala foi incrível demais. Terminou de fazer as malas e atravessou a sala em direção à porta. Assim que Keating chegou à porta, Todd deu um pulo.

— Sr. Keating — gritou ele, interrompendo a leitura de Cameron. — Eles fizeram todo mundo assinar!

Nolan se levantou com raiva.

— Quieto, sr. Anderson — ordenou ele.

— Sr. Keating — continuou Todd —, é verdade. Você tem que acreditar em

mim!

— Eu acredito em você, Todd — disse Keating suavemente.

Nolan ficou furioso.

— Saia, sr. Keating! — gritou ele.

— Mas não foi culpa dele, sr. Nolan! — Todd se recusava a parar.

Nolan correu pelo corredor e empurrou Todd de volta para seu assento.

— Sente-se, sr. Anderson! — gritou ele. — Mais uma explosão sua… — Ele se virou para o resto da classe. — Ou de qualquer outra pessoa, e vocês estão fora desta escola! — Nolan se virou para Keating, que havia voltado para a sala em direção a Todd, como se quisesse ajudar. — Saia, sr. Keating! — gritou ele. — Agora!

Os meninos olharam para Keating. Ele olhou para os jovens, absorvendo o rosto de todos pela última vez. Então ele se virou e caminhou em direção à porta.

— Ó capitão! Meu capitão! — gritou Todd.

Keating se virou e olhou Todd. O resto da classe também se virou. Todd apoiou um pé em sua mesa, ergueu-se sobre ela e, lutando contra as lágrimas, encarou o sr. Keating.

— Sente-se — gritou Nolan, enquanto se movia em direção a Todd.

Quando Nolan começou a atravessar o corredor em sua direção, Knox, do outro lado da sala, gritou o nome do sr. Keating e se levantou em sua mesa também. Nolan se virou para Knox. Meeks reuniu coragem e se levantou em sua mesa. Pitts fez o mesmo. Um por um, e depois em grupos, outros na classe seguiram seu exemplo, ficando em suas mesas em saudação silenciosa ao sr. Keating.

Nolan desistiu de tentar controlar a classe e ficou imóvel, olhando com espanto para a homenagem esmagadora ao ex-professor de inglês. Keating estava na porta, dominado pela emoção.

— Obrigado, rapazes — disse ele. — Eu… Obrigado.

Keating olhou nos olhos de Todd, depois nos olhos de todos os Poetas Mortos. Acenou com a cabeça, depois se virou e saiu pela porta, deixando-os de pé em suas mesas em saudação silenciosa.

BASEADO NO FILME *SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS*, UM SUCESSO INDICADO A QUATRO OSCARS E VENCEDOR DA CATEGORIA DE MELHOR ROTEIRO ORIGINAL, ESTE CLÁSSICO INESQUECÍVEL NARRA A HISTÓRIA DE UM PROFESSOR QUE MUDA A VIDA DE SEUS ALUNOS

Todd Anderson e seus amigos da Welton Academy se surpreendem em quão diferente a vida pode ser desde que seu novo professor de Inglês, o extravagante John Keating, os desafiou a tornar suas vidas "extraordinárias".

Inspirados por Keating, os garotos ressuscitam a Sociedade dos Poetas Mortos — um clube secreto onde podem deixar suas paixões correrem soltas, livres das restrições e das expectativas da escola e de seus pais. Conforme Keating apresenta aos garotos as palavras de Byron, Shelley e Keats, eles descobrem não apenas a beleza da poesia, mas também a importância de fazer cada momento valer a pena.

Logo os novatos da Sociedade dos Poetas Mortos percebem que sua liberdade recém-adquirida pode trazer trágicas consequências. Será que o clube e a individualidade que ele inspira podem sobreviver à pressão determinada a destruir seus sonhos?

Touchstone Pictures presents in association with Silver Screen Partners IV
A Steven Haft Production in association with Witt-Thomas Productions
A Peter Weir Film
Robin Williams
Dead Poets Society
Written by Tom Schulman
Produced by Steven Haft, Paul Junger Witt, Tony Thomas
Directed by Peter Weir
Distributed by Buena Vista Pictures Distribution, Inc.
© 1989 Touchstone Pictures

EXCELSIOR
BOOK ONE